

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM GRAVATAÍ/RS  
AO LONGO DOS SÉCULOS XX-XXI**

JAIRTON ORTIZ DA CRUZ

São Leopoldo

2014

JAIRTON ORTIZ DA CRUZ

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM GRAVATAÍ/RS  
AO LONGO DOS SÉCULOS XX-XXI**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa  
de Pós-Graduação em História da Universidade do  
Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

São Leopoldo

2014

C957f Cruz, Jairton Ortiz da.  
A festa do Divino Espírito Santo em Gravataí/RS ao longo dos séculos XX-XXI / Jairton Ortiz da Cruz. – 2014.  
140 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2014.  
"Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos."

1. Festas religiosas. 2. Festa do Divino – Gravataí (RS) – História. 3. Festas folclóricas. I. Título.

CDU 339.332

JAIRTON ORTIZ DA CRUZ

**A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM GRAVATAÍ/RS  
AO LONGO DOS SÉCULOS XX-XXI**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovado em 18/12/2014

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (Orientadora) – UNISINOS

Prof. Dr. Fernando Baptista Pereira – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sinara Santos Robin – UNISINOS

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eliane Cristina Deckmann Fleck – UNISINOS

*In memoriam da minha amada mãe, Manoela  
da Silva Simon.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por conceder uma bolsa de estudo, cujo auxílio financeiro foi imprescindível para as atividades acadêmicas. Também sou grato ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) por me aceitarem com meu projeto de pesquisa. Sou grato pelo carinho e atenção de todas as secretárias do programa, bem como a Saionara Brazil, por ter me auxiliado na tramitação dos documentos e sanado todas as dúvidas. E aos professores e colegas que ajudaram no processo de aprendizagem. Ainda, gostaria de dizer obrigado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS que me acolheu, bem como a professora Miriam Steffen e aos colegas que me ensinaram a relativizar e a secretária Maristela Simon por toda atenção e gentileza ofertadas.*

*Toda a minha admiração, respeito e carinho vão para a minha radiante orientadora Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos que sempre com seu contagiante sorriso me ensinou, apoiou e fez as devidas sugestões ao trabalho. Não poderia esquecer o seu querido marido Genito pelos excelentes cafés e pelo bom papo durante as pausas da orientação.*

*Quero agradecer ao constante apoio dos meus amigos do peito Cristina Mazzei, Daniel Antônio Faccin, Itaara Gomes Pires, Jaime Jung, Margarida Julieta Pacios Meirelles e Tatiane Mendes da Rosa.*

*Também agradeço ao Monsenhor Aloysio Irineo Flach por ter autorizado o acesso aos registros paroquiais da Igreja Nossa Senhora dos Anjos. Ao diretor do Museu Municipal Agostinho Martha (MMAM) senhor Getúlio Xavier pelo auxílio à documentação disponível. À historiadora Vanessa*

*do Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre pela orientação à documentação.*

*Registro meu profundo agradecimento a minha irmã Sônia Rosane Simon por muitas vezes me apoiar de diversas formas e suportar meu “humor do cão” e a Manuella Martins do Nascimento por me fazer rir em momentos tensos.*

*Por fim, agradeço a minha amada mãe que me criou e me acolheu quando eu era bebê e me proporcionou a viver para chegar até aqui.*

## A ALMA AÇORIANA

*No encalço dos segredos  
Que o mantenedor horizonte  
Esconde dos versos  
Que um poeta precisa para sua rima  
O vento açoriano é espada da língua portuguesa...  
E assim faz-se necessário o buscar de novas fontes  
Misturando experiências  
Trazidas pela emoção  
Pelo sentimento  
Pela razão  
Todos juntos,  
Como na santa ceia,  
Repartem o pão da alma açoriana...  
E o vinho traz Dionísio,  
Que transforma a razão em ébria verdade...  
É o instante em que mais segredos nascem  
É o instante em que mais medos são dispersos  
É o instante em que o artista vira arte  
Todos tomam seus cálices...  
Pintores, políticos, sonhadores, poetas, mentirosos,  
cancioneiros...  
Todos tomam em seus cálices  
Um doce veneno  
Que modifica a vontade de ir embora...  
Quando será o dia de retornar?  
Quando?  
Não há regra para a transformação social*



*Nem o jejum dos que nada sabem*

*Vai servir de garantia...*

*O tempo é ateu!*

*As incontáveis igrejas,*

*Torres altas, sustentadas por pedras vulcânicas,*

*Nunca foram visitadas pelas HORAS...*

*Nem tampouco os DIAS estiveram a carregar o  
Espírito Santo...*

*Então quem será o guardião dessas terras que  
despontam o mar?*

*Aos escolhidos foi entregue a missão da resposta*

*Não há resposta!*

*A alma açoriana precisa desse mistério...*

*O que mistura medo, horas e dias...*

*Fazem da fé a construção de uma nacionalidade  
portuguesa paralela*

*Em que o açor extinto vira mágica nação...*

*Na verdade, não existe horizonte que o mar possa  
delinear,*

*O sonho açoriano invade outras culturas.*

*Ao invés de perder-se*

*Usa o labirinto para encontrar novos caminhos...*

*Este é o real segredo...*

*A BUSCA!!!*

*Que ela seja perene em todos os artistas...*

*Que seja eterna para todos os açorianos!*

*(Marcelo Passamai da Silva)*

## RESUMO

Este trabalho pretende mostrar a trajetória da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Gravataí/RS nos séculos XX-XXI, buscando destacar os fatores que levaram à sua interrupção na década de 1970. A cidade de Gravataí está inserida em uma área de ocupação açoriana desde século XVIII e traz na Festa do Divino, características dessa bagagem cultural. Para alcançarmos esse objetivo trabalhamos com fontes orais, documentais e bibliográficas que nos permitiram perceber o cenário da festa e seus atores principais ao longo do período estudado. Além disso, nos valem da iconografia e das fontes jornalísticas para aprofundar a análise e perceber as nuances da prática festiva na cidade o que nos levou a estruturar a dissertação em três capítulos. Por fim, destacamos que a relevância desta pesquisa se dá também na constatação de que a festividade auxilia na escrita da história da cidade de Gravataí.

**Palavras-chave:** Festa do Divino Espírito Santo. Tradição. Sociabilidade. Memória.

## **ABSTRACT**

This work aims to show the trajectory of the Divine Holy Spirit Feast in the city of Gravataí/RS in centuries XX-XXI, seeking to highlight the factors that led to his interruption in the decade of 1970. The city of Gravataí is inserted in an area of Azorean occupation since the 18th century and brings in the Feast of the Divine, characteristics of this cultural baggage. To achieve this goal we work with oral sources, documentary and bibliographical references which have allowed us to perceive the scenario of the feast and its principal actors throughout the period studied. In addition, in relied on iconography and journalistic sources to deepen the analysis and understand the nuances of practice in the city the festive that led us to structure the dissertation in three chapters. Finally, we highlight that the relevance of this research is also gives the observation that the feast assists in writing of the history of the city of Gravataí.

**Keywords:** Feast of the Divine Holy Spirit. Tradition. Sociability. Memory.

## LISTA DE SIGLAS

ACIGRA - Associação comercial, Industrial e de Serviços de Gravataí.

AHCMPA- Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre.

AHPAMV - Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho.

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações.

CAERGS – Casa do Estado do Rio Grande do Sul.

FUNDARC- Fundação Municipal de Arte e Cultura.

MAHLS - Museu e Arquivo Histórico La Salle.

MCHJC- Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa.

MEC- Ministério da Educação.

MJJF- Museu Joaquim José Felizardo.

MMAM- Museu Municipal Agostinho Martha.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SIDLOJAS- Sindicato dos Lojistas.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - “Gravataí em 1787”. (Gravataiense, 20/09/1952).....	32
Imagem 2 - Mapa dos terrenos da Igreja Nossa Senhora dos Anjos e das Irmandades Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos .....	36
Imagem 3 - Igreja Nossa Senhora dos Anjos, Casa de Sino e Império do Divino Espírito Santo (1900) .....	38
Imagem 4 - Coluna “Gravataí e sua história”. (Gravataiense, 12/04/1952) .....	38
Imagem 5 - Termo da eleição do Provedor, dos oficiais e irmãos de Mesa da Irm. do Ss. Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos. (Gravataiense, 04/10/1952) .....	40
Imagem 6 - Termo de Arrendamento do Armazém Situado na Va. de Porto Alegre. (Gravataiense, 01/11/1952).....	44
Imagem 7 - Termo de Arrematação da Chácara que pertencia ao Padre José Ignácio. (Gravataiense, 1952) .....	45
Imagem 8 - Dados Demográficos de Gravataí. (Gravataiense, 05/04/1952).....	47
Imagem 9 - “Gravataí e sua história: O Mastro”. (Gravataiense, 19/04/1952).....	48
Imagem 10 - “Gravataí e sua história - Casinha do Sino” (Gravataiense, 19/04/1952) .....	49
Imagem 11 - Lembrança da Festa do Divino Espírito Santo (19/05/1944).....	50
Imagem 12 - “Missas da Semana na Matriz”. (Gravataiense, 17/05/1952) .....	52
Imagem 13 - “Festa do Divino”. (Gravataiense, 24/05/1952) .....	53
Imagem 14 - “Festa do Divino Espírito Santo”. (Gravataiense, 24/05/1952) .....	54
Imagem 15 - Praça Dom Feliciano e a Praça Doutor Borges de Medeiros. Centro de Gravataí - Início .....	55
Imagem 16 - “Festa do Divino”. (Gravataiense, 07/06/1952) .....	56
Imagem 17 - Balanço da Festa do Divino. (Gravataiense, 16/08/1952) .....	57

Imagem 18 - “Conselhos e orientações à mocidade católica”. (Gravataiense, 17/05/1952).....	58
Imagem 19 - “Festa do Divino Espírito Santo”. (Gravataiense, Maio de 1955) .....	59
Imagem 20 - “Festa do Divino Espírito Santo”. (Gravataiense, 13/05/1961) .....	61
Imagem 21 - “Festa do Divino”. (Gravataiense, 27/05/1961) .....	62
Imagem 22 - “Festa do Divino”. (Gravataiense, Maio de 1962).....	64
Imagem 23 - “Festa do Divino Espírito Santo”. (Gravataiense, 11/05/1963).....	65
Imagem 24 - “Festa do Divino Espírito Santo”. (Gravataiense, 04/05/1963) .....	66
Imagem 25 - “Festa do Divino”. (Gravataiense, 29/06/1963) .....	67
Imagem 26 - Artigo anexo ao livro de Tombo II (14/07/1967) .....	71
Imagem 27 - Capa do catálogo da Festa do Divino 2002 .....	77
Imagem 28 - “A memória da Festa do Divino”. (Correio de Gravataí, 2005) .....	78
Imagens 29 a 34 - Folders da Festa do Divino Espírito Santo .....	79
Imagem 35 - Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul.....	80
Imagem 36 - Catálogo da Festa do Divino de 2002 - Prefeitura de Gravataí.....	81
Imagem 37 - Catálogo da Festa do Divino de 2002 - Memorando da FUNDARC...83	
Imagem 38 - Catálogo da Festa do Divino de 2002. Igreja N. Sra. dos Anjos .....	87
Imagem 39 - Câmara de Vereadores de Gravataí - Bandeiras do Divino .....	88
Imagem 40 - Festa do Divino Espírito Santo de 2014 - Entrada dos festeiros na Igreja Nossa Senhora dos Anjos.....	90
Imagem 41 - Festa do Divino Espírito Santo de 2007, em Gravataí - Igreja Nossa Senhora dos Anjos .....	91
Imagem 42 - Pães do Divino - Igreja Nossa Senhora dos Anjos, em Gravataí .....	92
Imagem 43 - Coroação do Imperador Carlos Benício Barcelos e da Imperatriz Sandra Mara.....	93
Imagem 44 - Tamboreiro e a comitiva do Divino, em Gravataí - 2014 .....	94
Imagem 45 - Os imperadores do Divino Espírito Santo de 2002 até 2007.....	94

Imagem 46 - Lenço dos Amigos no Divino Espírito Santo - Gravataí, 2014.....	95
Imagem 47 - Ingresso da Festa do Divino de 27 de maio de 2007 .....	96
Imagem 48 - Ingresso da Festa do Divino de 08 de Junho de 2014 .....	96
Imagem 49 - Grupo folclórico da CAERGS. Danças açorianas (2014). .....	97
Imagem 50 - Grupo folclórico da CAERGS. Músicas açorianas (2014). .....	97
Imagem 51 - “História de amor começou na Festa do Divino”. (Jornal da Prefeitura de Gravataí, 2005) .....	99
Imagem 52 - Homenagem aos Imperadores do Divino, em 2010 .....	101
Imagem 53 - Calendário de eventos de 2014 - Prefeitura de Gravataí .....	102
Imagem 54 - Balancete da Festa do Divino Espírito Santo - 2003 .....	104
Imagem 55 - Balancete da Festa do Divino Espírito Santo - 2004 .....	105
Imagem 56 - Material gráfico da Festa do Divino de 2014 - Patrocinadores .....	107

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM GRAVATAÍ E SUA HISTÓRIA.....</b>	<b>31</b>
<b>3 A FESTA DO DIVINO AO LONGO DO SÉCULO XX EM GRAVATAÍ.....</b>	<b>47</b>
<b>4 A REINVENÇÃO DA FESTA DO DIVINO NA CONTEMPORANEIDADE .....</b>	<b>75</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>113</b>
<b>ANEXO A – DOCUMENTOS E FONTES DE PESQUISA.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO B - ENTREVISTA .....</b>	<b>130</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procurou, através de estudos no campo da história cultural, analisar a Festa do Divino Espírito Santo numa perspectiva histórica em Gravataí/RS e, ao mesmo tempo, verificar quais as circunstâncias que motivaram a sua interrupção em 1973, assim como compreender a sua retomada do festejo em 2002.

Identificamos que a Festa do Divino Espírito Santo ocupa um lugar de destaque na história na comunidade gravataiense, tendo seu registro oficial no livro tomo da Igreja Nossa Senhora dos Anjos já no ano de 1859. Nesse sentido, os primeiros contatos com as fontes disponíveis: dissertações, teses, artigos científicos, bem como as conversas informais com alguns novos participantes da festa, trouxeram à tona o questionamento que expressa o problema de investigação desta pesquisa. Por que houve a iniciativa da cidade de Gravataí/RS de retomar a Festa do Divino Espírito Santo em 2002, após 29 anos de sua inoperância? O presente questionamento traz embutidas outras questões como:

- Quem liderou esta decisão? A comunidade gravataiense através da participação na festa? A Igreja através de seus representantes? O poder político através da Prefeitura Municipal de Gravataí?

Partindo destas questões, temos como objetivo geral dessa pesquisa identificar as motivações que levaram a interrupção do festejo do Espírito Santo em Gravataí, bem como a sua retomada. Como objetivos específicos, temos:

- Descrever as temporalidades da Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí;
- Compreender a importância da festividade para a comunidade;
- Contribuir para escrita da história da cidade de Gravataí, uma vez que a festa fala da origem dos grupos sociais que a compõe.

Em âmbito regional, o Estado do Rio Grande do Sul busca fazer um reconhecimento das manifestações culturais de origem açoriana, especialmente por ocasião das comemorações dos 250 anos desse povoamento no Estado <sup>1</sup>.

Neste sentido, o resultado da pesquisa aqui apresentado segue a esteira de um movimento de busca dos elementos que norteiam a valorização da cultura açoriana em Gravataí/RS, como também quer contribuir para a escrita da história da cidade, porque esta é um espaço de efervescência cultural. Como também, ela guardar sonhos, desejos, conflitos, decepções, crenças, enfim as sensibilidades<sup>2</sup> dos indivíduos. Estas estão representadas nos diversos espaços que retratam um tempo da cidade, ou ainda, falam das experiências destes grupos sociais. Segundo Pesavento (2007, p. 14):

Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano.

Então, podemos pensar que o espaço urbano fala da experiência humana, do tempo vivido por seus personagens, das marcas deixadas nos diferentes lugares da urbe. Em sintonia com a autora referida, Meneses (2003, p. 264) comenta:

[...] A cidade “representada”, “imaginada” não é uma suposta “cidade em si”, puro objeto, mas signos e significações no interior de uma experiência humana, que serve de matriz. O alvo a atingir é a dimensão do vivido. Além disso, seus sujeitos são agentes sociais, cujos lugares sociais é necessário identificar.

O autor ao falar sobre os lugares sociais da cidade nos possibilita pensar no espaço da Festa do Espírito Santo em Gravataí, que ocupa as Praças Dom Feliciano<sup>3</sup>, Dr. Borges de Medeiros lugares de sociabilidade, onde a comunidade

---

<sup>1</sup> Conforme o decreto nº 41.249, de 30 de novembro de 2001, assinado pelo então Governador Olívio Dutra, e publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial da União. DOU. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU>>. Acesso em: 10 set. 2014.

<sup>2</sup> CUNHA, Maria Teresa, Territórios abertos para a história. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 251-79.

<sup>3</sup> Recebe este nome em homenagem ao bispo Dom Feliciano (primeiro bispo do Rio Grande do Sul). Feliciano José Rodrigues Prates nasceu na antiga Aldeia dos Anjos em 23 de Julho de 1751. Foi batizado Felício. Trocado posteriormente em homenagem a um irmão falecido, que tinha este nome. Fez seus primeiros estudos em Rio Pardo, onde residiam seus pais. No ano de 1802 foi ordenado padre pelo Seminário São José da Lapa, no Rio de Janeiro, ao voltar ao Rio Grande do

toma chimarrão, conversa, observa o tempo passar, realiza a celebração do Divino. Segundo Maurice Agulhon (2009, p.23) o conceito pode ser compreendido, como: “[...] Fiestas, cabarets, quermeses y otras formas y lugares de sociabilidad informal brindaban a lós hombres la ocasión de encontrarse, de discutir y opinar sobre política”. Em outras palavras, um lugar de lazer, tensões, interesses, visibilidade, sentimentos e interação social.

No Rio Grande do Sul também encontramos referência sobre os espaços de sociabilidade da Festa do Espírito Santo. Como exemplo, citamos o distrito de Criúva, na região serrana do estado. Possamai (2005) destaca que a festividade em Criúva tem como referência as ilhas Terceira, Santa Maria e São Jorge no arquipélago dos Açores.

Neste distrito de Caxias do Sul após alguns anos sem a realização da festividade, a mesma é retomada nos anos de 1970. Então a celebração passa a ter um espaço significativo na região, envolvendo outras cidades ao redor, como também a participação do poder público (Prefeituras, Câmara de Vereadores, Governo do Estado e Assembleia Legislativa).

O envolvimento de instituições públicas na Festa do Divino de Criúva reforça a importância de olharmos para a celebração numa perspectiva pautada pelas ações políticas, porque elas ajudam a constituir um carregado apelo identitário e reforçando sua tradição na cidade.

Possamai (2005) apresenta alguns elementos para entendermos um pouco dessa dinâmica, quando se refere à passagem da bandeira nas emissoras de TV da localidade, como também no aumento do número de festeiros para atender às “demandas locais”. Relata, ainda, que houve a criação do festeiro de honra (convidado da comunidade para auxiliar na celebração) que ajuda no atendimento das 16 comunidades ao redor de Criúva, celebrando o Divino Espírito Santo.

O estudioso escreve que existe uma equipe de louvação que visita as comunidades composta por integrantes da comitiva festiva: o padre; o Imperador e a Imperatriz; o capitão do mastro e sua esposa; o festeiro de honra, os festeiros (as) e músicos.

No litoral norte do Estado Rio Grande do Sul há um outro espaço de celebração em honra ao Espírito Santo, na cidade de Osório como nos informam

---

Sul, prestou serviços religiosos ao exército, sendo capelão militar em Rio Pardo e 02 de abril de 1853 foi agraciado com o cargo de bispo.

Monteiro e Ribeiro (2012). Para estes autores a presença da festa está ligada aos tropeiros que auxiliavam na coleta dos donativos e abriam passagem para o Divino. A presença destes tropeiros na região se deu na passagem do século XVIII, quando percorriam grandes distâncias, levando gado e outros animais, bem como servindo de comerciantes.

Os autores destacam, ainda que os tropeiros ajudaram também a trazer para a localidade o gado que era utilizado como doação para o festejo, passando, desta forma, a integrar a corte do imperador do Divino. Afirmam ainda que, na atualidade, a festividade sofreu alterações, entre as quais a nomenclatura “imperador” que agora é chamado de “festeiro”, assim como a casa do Império que desapareceu pelo fato da alteração da forma de governo brasileiro da monarquia para república, sendo malvistas hoje os elementos da primeira.

Outra mudança que os autores citados apontam é a que se refere ao *bodo*<sup>4</sup> (partilha do alimento). Dizem eles que “a carne servida antes deu lugar ao churrasco gaúcho e cada participante deve pagar pelo seu consumo. Nesta perspectiva, a festividade vem sendo atualizada na ordem do consumo.” (Monteiro e Ribeiro, p.216, 2012)

Braga (2011) em suas análises sobre as folias do Divino no Rio Grande do Sul, também nos aponta algumas mudanças ocorridas na Festa do Espírito Santo, mas ele direciona o seu olhar para os momentos da celebração percebendo entre as comunidades o contato com o sagrado, a vivência mística com o Divino. Por outro lado, observa também o tempo profano, onde os sujeitos impõem suas vontades e desejos, cantam, dançam e bebem.

Braga (2011) afirma que a cidade de Porto Alegre celebrava a festividade com danças, músicas, comidas, quermesses e que tudo isso terminou no primeiro quartel do século XX, com a chegada da modernização. A eletricidade já estava em ascensão nesse período e não era mais possível soltar foguetes nas praças. Estes acontecimentos levam aos poucos ao fim da festa em Porto Alegre, assim como aos seus rituais: a coroação do imperador, o foguetório e o bodo. O mesmo autor tece, também, algumas observações sobre a cidade de Osório, de quem já

---

<sup>4</sup> Segundo Leal (2007, p.279), o bodo “é a distribuição de alimentos (carne, pão, rosquilhas) e vinho aos pobres, ritual que faz parte da celebração do Divino Espírito Santo nos Açores.” Nas ilhas os alimentos são consumidos no almoço após a missa do Espírito Santo. Aqui no Rio grande do Sul o bodo é praticado, mas em outra perspectiva: a do consumo. Após a festa é realizado ações sociais à população carente.

falamos, relatando a retomada do festejo nos anos de 1980, com o apoio da prefeitura municipal, da igreja e dos festeiros. Assinala que houve alterações na celebração, tendo novos personagens e elementos como: a imperatriz, as mordomas e o espadim<sup>5</sup>. O levantamento do mastro, que era na frente do império (demolido 1920), agora passa a ser realizado na frente da igreja.

Estes fatos, tomados numa perspectiva mais geral, podem ser vistos pelo olhar de Hobsbawn (2014) como uma tentativa das instituições e dos grupos sociais em dar continuidade a sua história, como forma de marcar um tempo e falar das identidades dos indivíduos através dos costumes, hábitos e saberes comunitários, ou seja, àquilo que poderíamos chamar de invenção das tradições. Desta forma, Hobsbawn (2014, p.11) observa que “consideremos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição.”.

As ponderações do historiador inglês costuraram com o nosso objeto de estudos e nos conduziram a refletirmos a reinvenção da Festa do Divino pelos gravataienses no século XXI, conforme desenvolvemos em nosso trabalho.

Neste momento recorreremos à literatura dos viajantes, em específico o francês Arséne Isabelle (1983, p.64-65) quando apresenta sua visão de Porto Alegre na primeira metade do século XIX. Referindo-se à importância e à visibilidade da festa no espaço social, diz:

As Festas do Espírito Santo (Pentecostes) celebram-se com pompa, como nos tempos do Concílio de Trento. As sacadas são guarnecidas de ricos tapetes de seda bordada com franjas de ouro; as confrarias azuis sucedem-se às vermelhas, estas às brancas, e estas às cinzas, etc. Cada uma leva relicários de Santos, suntuosamente ornados, e depois, durante três dias, vendem-se publicamente, ao lado da igreja, rosários, escapulários, galinhas assadas, pastéis, licores, etc. - Viva Roma!!

Isabelle, no excerto acima, desenvolve um olhar sobre a Porto Alegre imperial e a presença da festa na comunidade, ao mesmo tempo em que ironiza o fazer popular, por uma concepção de civilidade europeia.

---

<sup>5</sup> Pequena espada que é levada pela mordoma.

Walter Spalding (1967, p.254) escreve sobre outro registro histórico da celebração, referindo-se à Capela do Espírito Santo, que ficava ao lado da catedral metropolitana:

A Capela do Espírito Santo (hoje modernizada, situada na Av. José Bonifácio), data, em sua primeira fase, de fins do século XVIII. Fora construída ao lado da Catedral, para sede do culto e festividade do Divino Espírito Santo, tradição portuguesa que Porto Alegre sempre cultuou.

Observamos que, a capela foi destruída no ano de 1929 e reconstruída entre as avenidas José Bonifácio e Osvaldo Aranha no ano de 1932.

Ao pesquisar no Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho (AHPAMV), encontramos também no livro de Registros de Atas da Câmara Municipal de Porto Alegre de 1817 o ato de criação da Rua Espírito Santo, conforme referida por Spalding (1967):

16 Outubro, por determinação expressa do governo [do] marquês de Alegrete e por solicitação dos moradores da Rua do Arvoredo, foi medida e aberta [ao] trânsito público a atual Espírito Santo, então chamada de Beco do Império, por ladear o “Império”, capela que servia à Irmandade do Divino Espírito Santo, então chamada de Beco do Império, por ladear o “Império”, capela que servia à Irmandade do Divino Espírito Santo, ao lado d Matriz. (Livro de Registro de Atas da Câmara de 16 de outubro de 1817).

Archymedes Fortini (1953) descreveu ainda a Festa do Divino em Porto Alegre antes da destruição da capela do Espírito Santo, ajudando a recriar o cenário do festejo através da memória. Destaca o momento do peditório, quando a bandeira passava nas casas com o objetivo de abençoar os lares, dizendo que: “esvoaçavam ao vento as fitas azuis e vermelhas das bandeiras bordadas com uma pomba de prata rebrilhando ao solo – era o peditório que descia a rua, parando de porta em porta” (FORTINI, 1953, p.46).

Fortini (1953) comenta que no peditório havia uma forte devoção ao Espírito Santo por parte dos fiéis: “quando a bandeira entrava numa sala num vago cheiro de igreja, as devotas caíam de joelhos e punham os lábios untuosos na pomba de prata, enquanto ao lado o tesoureiro abria a sacola das espórtulas” (1953, p.47).

Em relação às novenas, o escritor relembra a impressionante imagem da Capela do Espírito Santo iluminada pelas velas: “Ao anoitecer, a capela do Divino

Espírito Santo parecia uma simples armação de luzes multicores; uma fachada feita de bicos de luz contra o céu noturno” (FORTINI, 1953, p. 48). Fortini (1953), em seus escritos, recria um tempo da prática da Festa do Espírito Santo em Porto Alegre e contribui para pensarmos sobre as sensibilidades da comunidade em meio aos festejos.

Na configuração deste panorama festivo, João Carlos Tedesco e Valter Rossetto (2007), em *Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul*, apresentam as festas como uma intensa expressão ritualística na forma de festejos, nos quais estão presentes “formas lingüístico-dialetais [...], costumes culinários, de vestimentas, enfeites, coloridos, objetos, atividades do presente e do passado” (p.14). Desse modo, percebe-se a riqueza que uma festa contém em seu conjunto. Outro ponto que os autores levantam em seus estudos é a tradição entendida como:

Não é apenas o que ainda resta, e, sim, uma dinâmica histórica que busca encontrar espaços, visibilidade e importância, em razão das condições e ritmos sociais das contradições que a própria modernidade, por ser dinâmica, versátil e cambiante, produz, (TEDESCO; ROSSETTO, 2007, p.15).

Esse ponto faz refletir sobre a importância da reinvenção da tradição (HOBBSAWM, 2014) nos espaços globais e locais, reordenando os sentidos e significados das festas. Tais significados falam sobre quem somos e o que nos motiva a fazê-las emergir nos tempos de globalização.

Tedesco e Rossetto (2007) apresentam as múltiplas dimensões da festa, sempre ritualizada; alternando momentos de situações profanas e sagradas, que convergem e direcionam-se para a produção de ações comunitárias. A festa para eles atinge todas as dimensões, passando pelo ecológico, histórico, estético, religioso, político, social e simbólico. Ela ensina-nos a perceber nosso espaço e nosso tempo. Aprende-se, com as festas, a construir sentidos comuns e a promover sentimentos que pertença a um grupo social que tem, no valor-religião, uma forma de união e de coesão social. Para melhor elucidar tais reflexões, convém ainda apoiar esta pesquisa numa revisão bibliográfica sobre a festividade do Espírito Santo no Brasil. Dentre elas, a tese de doutorado de Eugenio Pascele Lacerda (2003), intitulada *O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade*. O autor discute a açorianidade como apelo

identitário. Nas regiões povoadas pelos açorianos, ao longo de sua história, ele concebe a ideia de nação para além das fronteiras nacionais. Também lança um olhar desterritorializado<sup>6</sup> sobre os temas de ordem global e local, procurando descrever a experiência migratória dos açorianos enquanto formação diaspórica transnacional. O autor tem, ainda, como objetivo, analisar a emergência da cultura açoriana em Santa Catarina (Brasil), a partir da rubrica da “invenção da tradição”. O modelo de vida local dos açoriano-descendentes na Ilha de Santa Catarina é reconstruído por Lacerda, por meio de uma etnografia das formas de sociabilidade do grupo descendente de açorianos.

Já na obra *Festas e tradições populares do Brasil*, o autor Mello Moraes Filho (1999) dedica um capítulo à Festa do Divino na Corte brasileira (1853-1855), qualificando o festejo como uma das mais belas celebrações religiosas e profanas. A sua presença na América traz uma nova linguagem, usos e costumes à expressão festiva e, de acordo com este autor, as festas adquiriram mais suavidade e riqueza. O autor mostra, ainda, a Corte como grupo social que se apropria e demonstra todo o sentimento de pertencimento a esse festejo, promovendo-o, porém, de acordo com suas regras. Mesmo tendo o domínio social, a Corte chama os populares para que estes também participam da festa, mostrando com isso que esta celebração é de todos.

Isto se confirma no capítulo *A Festa do Divino na província do Rio* quando Moraes Filho (1999) faz menção à Festa do Divino entre os populares, à riqueza e à alegria deles ao saírem louvando e cantando versos do Divino de casa em casa. O trajeto era percorrido pelos fiéis que impunham a bandeira como símbolo que traz fé aos corações dos pecadores. Portanto as dimensões da festa do Divino no Brasil Império, apresentava muitas peculiaridades e influências sobre os que participavam dos festejos.

Martha Abreu (1999), historiadora da História Cultural na Universidade Federal Fluminense, em sua obra *O Império do Divino – Festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900)* apresenta o espaço que o festejo do Divino ocupou no Brasil colonial e a participação dos populares e sua socialização naquele período. Ela destaca a Festa como um local privilegiado de criação de uma

---

<sup>6</sup> Desterritorializado – Segundo Lacerda este conceito nos ajuda a perceber a trajetória do imigrante açoriano ao longo da história do Brasil colonial, tanto no ontem, quanto no hoje. Permitindo-nos perceber como a cultura açoriana vem sendo atualizada e ressignificada, conforme elementos locais e globais das comunidades descendentes do arquipélago dos Açores.



identidade que, no limite, abrange toda a nação. Nesse sentido, facilita o entendimento das dimensões do festejo e suas peculiaridades em diferentes cantos do Brasil.

Lilia Moritz Schwartz (2001) em seu artigo, “Viajantes em meio ao império das festas”, escreve sobre as impressões do viajante holandês Oscar Wilde, no século XIX, em relação aos festejos no Brasil Império, entre eles o Divino Espírito Santo.

Trazemos ainda a contribuição dos estudos realizados sobre a Festa do Divino por Luiz Nunes de Almeida (2008) na localidade do médio -Tietê (Estado de São Paulo), especificamente nas cidades de Anhembi, Laranjal Paulista e Conchas. Nelas, o autor procura perceber a constituição das relações sociais através das irmandades do Divino, tendo como base os bens simbólicos do festejo. Em outras palavras, a relação dos grupos sociais que compõem as irmandades com os símbolos sagrados da Festa do Espírito Santo.

José Rogério Lopes (2012) analisa a celebração do Espírito Santo também na Região Sudeste, focando seu olhar para a cidade de São Luiz do Paraitinga/ Estado de São Paulo. Ele procura descrever os fluxos identitários que passam pela religião e a cultura que se constroem no festejo.

Segundo o autor, a festa ocorria há mais de 200 nos na localidade, havendo uma pequena interrupção entre 1918 e 1939. A cidade foi um grande celeiro da produção de café no século XIX, formando uma elite local abonada, que investia na construção de grandes casarões, Igrejas e nas festas, como, por exemplo, a do Espírito Santo.

Lopes (2012) observa que as festas sempre foram um espaço de tensões entre os grupos sociais e que na referida cidade não foi diferente. Salaria, ainda, que o festejo do Divino forma redes de relações na comunidade e fora dela e, quando da passagem das folias do Espírito Santo, há o reforço dos vínculos por parte da população.

Nosso olhar direciona-se, ainda, para a trajetória das Festas do Divino Espírito Santo no Maranhão. Neste Estado, as festas são realizadas por diferentes grupos sociais e apresentam algumas peculiaridades, entre elas, a de realizar-se nos terreiros de culto afro-brasileiros. Temos como exemplo a sua realização no candomblé e na umbanda.

Em outros espaços urbanos e rurais, celebra-se o festejo com a presença de símbolos, como o Império e os Mordomos. Eles são elementos que marcam os tempos do festejar: o primeiro, como lugar de guardar as bandeiras, o cetro e a coroa do Divino; o segundo, representando homens responsáveis por cuidarem dos objetos referidos.

Outro dado interessante fica por conta da participação de mulheres que tocam tambores na celebração (conhecidas como caixeiras do Divino), contrariando a regra, pois, em muitos lugares, essa função pertence aos homens. Segundo Marise Barbosa (2004, p.152), “[...] O divino dialoga com todas elas. Em suas festas vão dançar as congadas, moçambiques, tambor de crioula e outras manifestações vivas em cada região do Brasil onde se realiza o seu culto.”.

O antropólogo João Leal (2007), estudioso da cultura açoriana, com diversas publicações e trabalhos sobre a Festa do Divino em Portugal, Estados Unidos, Canadá e Brasil, também descreve em suas pesquisas sobre as políticas de identidade desenvolvidas pelas comunidades de origem açoriana com o objetivo de reviver, preservar e dar continuidade ao movimento de valorização cultural dos ilhéus iniciado nos anos de 1980.

Ressaltamos, ainda que a pesquisa bibliográfica realizada através do site da BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – apresenta a quase inexistência de pesquisas científicas sobre a Festa do Divino no Rio Grande do Sul. A exceção fica a cargo da dissertação de mestrado publicada por Célia Jachemet, intitulada *Tempo de festa: uma análise da Festa do Divino (Espírito Santo) -1859-1933- Gravataí e Santo Antônio da Patrulha*, em que a autora aborda as dimensões, apropriações, relações de poder e a continuidade da Festa do Divino em Gravataí de 1859 a 1933. Identificamos outros trabalhos que tratam da Festa do Divino em várias localidades do Brasil, mas nenhum abordando a temática na perspectiva que estamos propondo. A notificação do Governo dos Açores em elaborar um dossiê das celebrações do Divino nos diversos lugares onde ocorrem sua prática, assim como os estudos e pesquisas realizados sobre o festejo, com o objetivo de catalogar a Festa do Divino Espírito Santo como um Patrimônio Imaterial da Humanidade junto à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) foi outro material que consultamos, mas também não há registro sobre tal celebração na localidade em foco.

Como resultado deste breve levantamento justifica-se a presente pesquisa, tanto por caracterizar-se como uma contribuição ao campo acadêmico, quanto também pela sua relevância social, uma vez que poderá servir de mecanismo de expressão da comunidade gravataiense no que tange ao seu processo de formação identitária e cidadã. Como já observado, a escrita da história da cidade passa pela religiosidade que se manifesta na celebração do Divino, nos rituais, nos cantos, nas danças, na forma de festejar. A devoção ao Espírito Santo, traz também elementos que marcavam a vida da população local. Desta forma, revelam ao historiador as vivências, o modo de fazer, bem como os saberes das comunidades, que não estão contidos nos documentos oficiais.

O estudo aqui proposto apoia-se ainda em Rita do Amaral (2012) para trabalhar com o conceito de festa. Amaral (2012, p.74) entende que esta é “mediação entre os anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, o passado e futuro, entre “nós” e os “outros”, revelando e exaltando as contradições impostas à vida humana.” Então, podemos refletir que a celebração constrói um espaço de interação entre o homem e o sagrado, ou seja, entre o Espírito Santo e seus devotos.

Pensando no caso da celebração em Gravataí, verificamos que os participantes solicitam auxílio ao Divino, agradecem as dádivas alcançadas e realizam o festejo como forma de retribuir as bênçãos recebidas. Podemos citar um exemplo, desta prática, quando há a passagem das bandeiras nos hospitais da região, os enfermos ao se aproximarem da bandeira do Divino, solicitam a cura de suas enfermidades, retribuindo ao Espírito Santo na realização do festejo, com doações e contínua devoção.

Desse modo valemo-nos também de Marcel Mauss (2003) quando trabalha com o conceito de *reciprocidade* para entendermos o comportamento dos fiéis. O autor entende que o termo permeia as relações sociais, promovendo a manutenção destas através da prática das trocas, ou seja, ele, em seus estudos ensina que o trocar não é um simples ato, mas um ritual que possui uma norma religiosa, política, social, econômica, que orienta e organiza a coletividade no seu espaço de vivência. O mesmo estudioso nos mostra que subjetivamente, esse ritual perpassa uma esfera mágica que deve ser respeitada pelos participantes, como chega a indicar: “uma troca de almas”, onde ambos partilham algo que lhes pertence e está representado no objeto de troca que é permeado pela dádiva, base do conceito de

reciprocidade que aparece nas relações contidas na Festa do Divino e está fundamentado na sociabilidade. Nesse sentido, os elementos acima orientam a pensar a Festa do Divino como um fato social total, por contemplar em sua estrutura as esferas, *do social*, representado por um grupo de imigrantes açorianos que passam a residir no território de Gravataí no século XVIII e que contribuíram para formação da cidade; *do cultural* que se apresenta quando os açorianos deixam sua marca através de manifestações como a Festa do Espírito Santo, as Cavalhadas, os Terno de Reis, as brincadeiras, as danças e a culinária; *da política*, que pode ser entendida como prática de ações que possibilitam a materialização das vontades da comunidade em torno do festejo realizando acordos com a Prefeitura de Gravataí; e *da economia*, representada pela arrecadação de doações na promoção da festa. As esferas acima denominadas são as que tornam esta festa um fato social total segundo Mauss (2003) porque o conjunto de elementos que a constituem formam a estrutura da sociedade.

Em relação às questões metodológicas as fontes iconográficas, escritas e orais, foram usadas por acreditarmos na importância da complementaridade desses corpos documentais e na riqueza de dados que o diálogo entre eles pode proporcionar, ampliando, com isso, as possibilidades para compreensão da problemática da pesquisa.

As fontes orais foram resultado de entrevistas oriundas do projeto de pesquisa intitulado “As festas açorianas no Rio Grande do Sul” no Centro Universitário La Salle (UNILASALLE) do qual fui bolsista. Tais entrevistas estão depositadas no acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS) em Canoas.

Nestas questões nos valem de Joël Candau (2011) quando diz que cabe ao historiador examinar estas memórias e cruzá-las com outras fontes, tendo por base reconstruir o fato histórico, evidenciando os jogos de interesses e as questões em jogo. O autor afirma: “Auxiliar de uma memória forte, a escrita pode, ao mesmo tempo, reforçar o sentimento de pertencimento a um grupo, a uma cultura, e a reforçar a metamemória<sup>7</sup>.”

Os conceitos de história oral referenciados em P. Thompson (1998) serão norteadores dos testemunhos orais com que trabalhamos, ou seja, utilizaremos a

---

<sup>7</sup> CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011, p.109.

história oral<sup>8</sup> através da metodologia de entrevistas, seguindo critérios de análise do autor citado.

O uso da história oral neste trabalho tem por finalidade verificar os significados e sentidos da Festa do Divino, uma vez que o festejo produz símbolos que podem expressar uma política de identidade e, através dos depoimentos daqueles que participaram e participam da celebração, poder contribuir com seus testemunhos para resgatar certas peculiaridades da festa ou fatos que ficaram marcados na sua memória, conforme Thompson:

[...] A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história- seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (1998, p.22).

O testemunho oral nos permite esclarecer também trajetórias individuais, acontecimentos ou processos que, muitas vezes, esquecidos pela “história oficial”, não têm outra forma de serem esclarecidos. Com Peter Burke (1992, p.13), entende-se que, em geral, os registros oficiais expressam o ponto de vista oficial. “Para reconstituir as atitudes de elementos marginalizados pela historiografia tradicional, tais registros necessitam ser suplementados por outro tipo de fonte”. Sendo assim, os depoimentos orais, usados como fonte, tornam-se uma importante porta de acesso ao passado das comunidades, quando os registros escritos são poucos ou inexistentes.

Portanto, a história oral oferta um novo pensar sobre o nosso passado, saindo das análises tradicionais e abrindo uma nova possibilidade de investigação dos fatos que ocorreram na História.

Cabe aqui ressaltar que se utilizou sobretudo fontes documentais nesta pesquisa, intercalando-as com as fontes orais. Compreendemos que ambas não

---

<sup>8</sup> Ver THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1998. Que orienta a adotarmos os seguintes procedimentos: analisar a população a ser estudada e a organizar a rede de entrevistados, levando em consideração pessoas chave para a pesquisa; a manutenção de cadernos de campo, que contenham os dados sobre as entrevistas. O tratamento dos depoimentos consistirá em: a) gravação, transcrição de acordo com as normas linguísticas; b) conferência posterior do depoimento pelo entrevistado e assinatura do termo de direitos de publicação da entrevista para fins acadêmicos.

são opostas ou hierarquizadas, mas complementares e assim faremos o que Regina Weber (2008) denominou de “cruzamento de fontes”.

Os documentos foram selecionados através de pistas, indícios, vestígios. Como postulou Ginzburg (1989), entendemos o conhecimento histórico como indireto, indiciário e baseado em pistas. Sendo assim, o papel do historiador, tal qual o de um detetive (para usar o mesmo exemplo do autor), é o da busca por pormenores considerados negligenciáveis e, a partir deles, buscar remontar uma realidade complexa. Fazer o documento falar, ler nas entrelinhas, às avessas, contra as intenções de quem os produziu, levando em conta as relações de força ali implícitas, “possibilita captar o que está fora do texto” (Ginzburg, p.42, 2002), o não-dito.

Uma outra fonte que trabalhamos é a da iconografia. Nesta, procuraremos perceber o tempo da festa, no sentido de identificarmos as alterações na prática da celebração, como também verificarmos o significado da festividade para a comunidade, após sua retomada no ano de 2002. Conforme Peter Burke (2004, p. 34-35):

Sejam eles pintados ou fotografados, os retratos registram não tanto a realidade social, mas ilusões sociais, não a vida comum, mas performances especiais. Porém, exatamente por esta razão, eles fornecem evidência inestimável a qualquer um que se interesse pela história de esperanças, valores e mentalidades sempre em mutação.

Em consonância com Burke (2004), Luciana Aguiar Bittencourt (2006), ao analisar as características da imagem fotográfica, observou a compreensão simbólica dos universos culturais contidos nas imagens.

A autora salientou a importância da imagem fotográfica, pois nos apresentou as dimensões do espaço social, nos possibilitou o estudo iconográfico, através de uma descrição etnográfica, colocando em evidência o conteúdo da imagem, seu tempo histórico, seus dados culturais. Desta forma, a imagem pode nos auxiliar para a compreensão do passado na Festa do Divino.

Nesse mesmo sentido, Eugênia Maria Dantas (1999), no seu artigo *Educação-fotografia: impressões e sentidos*, compreende a fotografia como uma unidade complexa, portadora de sentidos, que muito fala sobre o homem. A fotografia, segundo a pesquisadora, apresenta diversos aspectos de comunicação

com o observador; narra, descreve, interroga, informa; faz toda uma análise descritiva e traz ao leitor um olhar de estranhamento sobre a imagem constituída.

Dantas, por fim, afirma que a fotografia tem o poder de desacelerar o olhar para ver os detalhes, valores, desejos e compor as narrativas que revelam sentidos diversos da história do homem. Como Charles Monteiro (2006, p.12) denominou “[...] a fotografia é uma convenção e uma linguagem que é necessário conhecer e decifrar.” A partir destas referências metodológicas, foi que trabalhamos algumas imagens referentes à Festa do Espírito Santo em Gravataí/RS.

Nessa dissertação os capítulos estão organizamos da seguinte forma: Primeiro Capítulo: “A Festa do Divino em Gravataí e sua história,” procuramos apresentar as temporalidades do festejo. Para tal tarefa, nos apoiamos na documentação da Igreja Nossa Senhora dos Anjos, analisando os relatos pastorais feitos pelos chefes religiosos da paróquia. Entre eles destacamos os escritos do Cônego Pedro Wagner que trouxeram à tona a existência da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos, importante instituição que arrendava terrenos aos grupos sociais da elite local e através da arrecadação auxiliava a Igreja em suas ações sociais, além de incentivar as festas religiosas, como a do Divino Espírito Santo. Esta informação pode ser verificada, também, nos documentos do Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA) no Livro dos Termos de Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos. No Museu Municipal Agostinho Martha (MMAM), tivemos acesso ao Jornal Gravataiense.

O segundo capítulo nomeado “A Festa do Dino Espírito Santo ao longo do século XX em Gravataí”, apresentamos a trajetória do festejo do Divino em Gravataí através do Jornal Gravataiense nas edições dos anos de 1952/1955/1961/1962/1963. As publicações sobre a festividade nos possibilitaram captar dois tempos do celebrar em honra ao Divino. O primeiro o tempo do sagrado com as novenas, missas, procissões ao Espírito Santo, falando do território da divindade e sua relação com o homem religioso. O segundo tempo, o do profano, onde era permitido aos indivíduos extravasar, cantar, pular e dançar. Estes dois tempos aconteciam nos lugares de sociabilidade, as Praças Dom Feliciano e Dr. Borges de Medeiros que constituíam o território do celebrar ao terceiro elemento da Santíssima Trindade.

Outra informação relevante no percurso da festividade e que destacamos neste capítulo foi a urbanização e o desenvolvimento industrial de Gravataí nos anos de 1970 impulsionados pela modernização. Esses eventos aos poucos foram ocupando espaço na vida da população e a tradição foi perdendo força na comunidade ocasionando a suspensão da festa.

O terceiro capítulo, “A reinvenção da Festa do Divino na contemporaneidade”, fala da retomada da festa pelos grupos sociais, entendidos, como festeiros, comerciantes, empresários, religiosos, memorialistas, entre outros. Apontamos, ainda, as alterações feitas na prática festiva com base nas experiências da comunidade.

As instituições públicas e privadas também marcaram presença na retomada da celebração na urbe. Falamos aqui, da Prefeitura de Gravataí que através da Fundação Municipal de Arte e Cultura (FUNDARC) criou mecanismos para incentivar o reviver do Espírito Santo em Gravataí. Nessa linha a Casa dos Açores do Rio Grande do Sul também apoiou o movimento de restauração da prática festiva.

As instituições privadas estão representadas pelo Sindicato dos Lojistas-SINDLOJAS e pela Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Gravataí-ACIGRA que decoram a cidade para receber o Divino. Nesse movimento de retomada do festejo do Divino registramos também os dois tempos revividos o profano e o sagrado. Outro aspecto levantado foi a inserção da festa na sociedade do consumo em favorecimento de um mercado turístico.

Por último, tecemos as considerações finais da investigação realizada em Gravataí, retomando os pontos gerais desenvolvidos nos capítulos e reafirmando a importância histórica da Festa do Espírito Santo na escrita da história da cidade.



## 2 FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM GRAVATAÍ E SUA HISTÓRIA

A cidade de Gravataí, antiga Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia<sup>9</sup>, foi um dos primeiros locais a ser habitado pelos casais açorianos. Eles vieram para o Continente do Rio Grande de São Pedro (atual Estado do Rio Grande do Sul) no século XVIII. Segundo Ramos (2011, p. 39) nesta época:

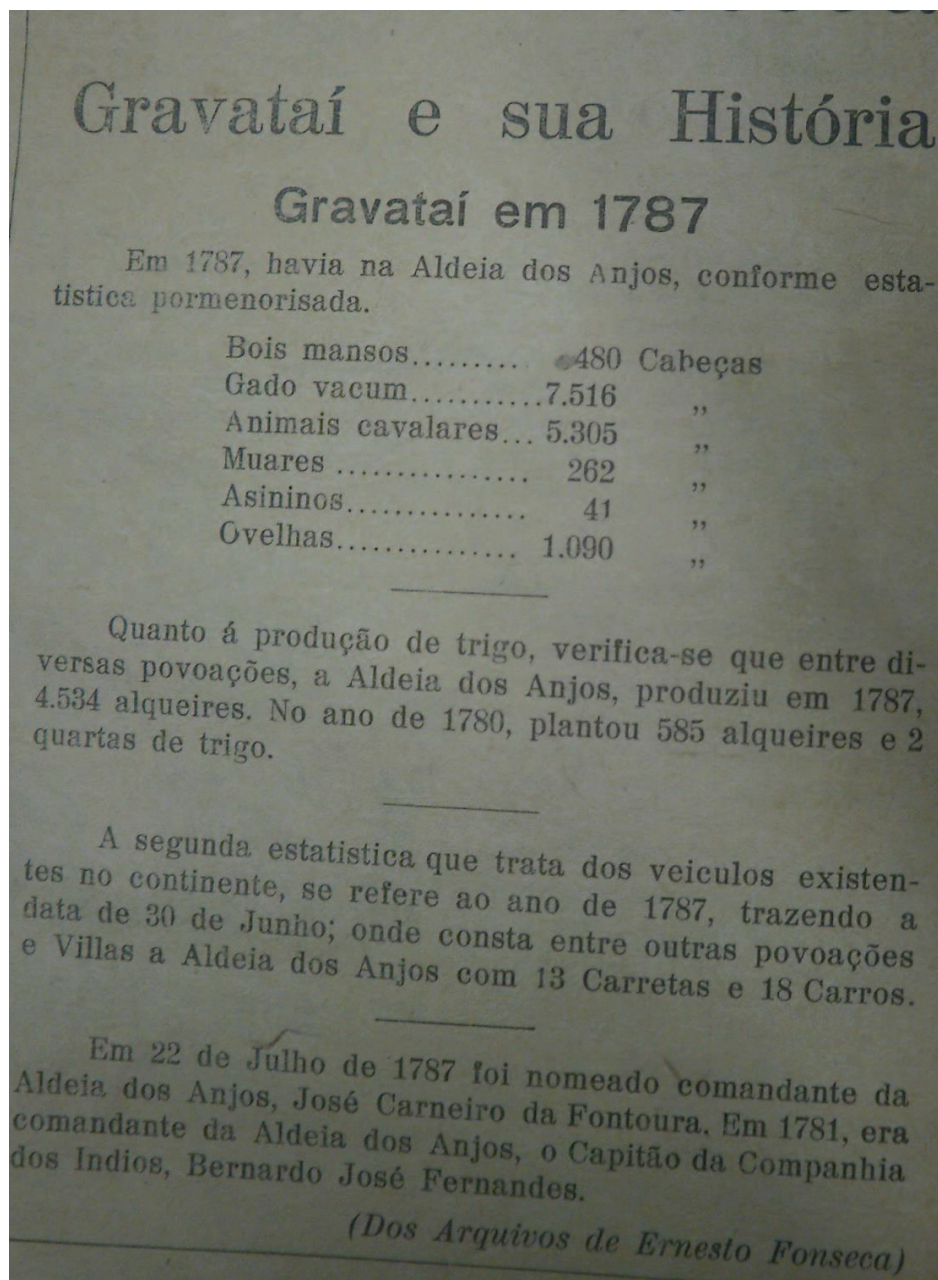
A Coroa Portuguesa [já começara] a investir no espaço platino com a construção de presídios, exploração econômica (bovinos, equinos, asininos) e distribuição de terras (sesmarias e datas). Para desenvolver esta ação, a metrópole portuguesa vai contar, basicamente com os contingentes de soldados e funcionários reais vindos de várias partes do Brasil ou da metrópole, além de povoadores e colonizadores, como os açorianos.

A partir do excerto acima, destacamos dois pontos importantes para entendermos a sociedade econômica gravataiense no século XVIII: o primeiro, remente à produção pecuarista e agrícola que se desenvolvia na “Villa da Aldeia dos Anjos”, cujo espaço estava em pleno desenvolvimento socioeconômico, conforme podemos ver no anúncio a seguir, extraído do jornal Gravataiense, publicado no ano de 1952:

---

<sup>9</sup> “A Freguesia de N.S. dos Anjos da Aldêa, data de 1795, quando foi criada por alvará de 22 de dezembro, ficando desmembrada de Viamão. O primeiro livro de batizado é de 1765, data que presumo tenha sido a em que foi creada a capela curada de N. S. dos Anjos. [...] Em 1803 estava subordinada administrativamente a Porto Alegre, mas já contava então com 2.718 habitantes, conforme censo feito por José da Silva Gama. [...] Pela lei nº. 1249 de 11 de junho de 1880, foi a povoação secular chamada a Vila, determinando o decreto de sua elevação a mudança do nome de N.S. dos Anjos da Aldêa para o N. S. dos Anjos de Gravataí.” ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. **Terra farroupilha**, v.2, 1937. Publicado no Jornal Gravataiense em 05 de abril de 1952.

Imagem 1 – Gravataí em 1787 – 20 de Setembro.



Fonte: Jornal Gravataiense (1952).

As estatísticas apresentadas no documento mostram a pecuária, a agricultura e os veículos como elementos que reforçam a ideia de um crescimento econômico na região, bem como a presença de um comando militar sobre o aldeamento. O segundo ponto que destacamos, refere-se aos açorianos que trouxeram na bagagem cultural para o sul do país, além de suas práticas agrícolas

e modo de vida também suas práticas culturais<sup>10</sup> entre as quais estão as festas das Cavalhadas, do Terno de Reis<sup>11</sup> e do Divino Espírito Santo.

Esta última, dada à importância que tinha na terra de origem, tornou-se um dos maiores elementos representativos da cultura<sup>12</sup> açoriana no Rio Grande do Sul. Temos, como exemplo deste fenômeno, o registro paroquial do ano de 1859, na Igreja Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí, que consta como a primeira notificação da celebração do Divino na cidade. Graebin (2004, p. 236) também comenta que:

Em cidades do Rio Grande do Sul, como Santo Antônio da Patrulha, Osório, Gravataí, Taquari, Rio Pardo, Triunfo, Porto Alegre, Viamão, Mostardas, São José do Norte, Rio Grande com destacada presença açoriana, pode-se registrar, até os dias atuais, a ocorrência das Bandeiras que pedem esmolas para as festas do Espírito Santo, realizadas em maio. Junto às festas, temos as Folias, o pagamento de promessas e [às vezes] as Cavalhadas.

A pesquisadora reforça a continuidade do festejo na cidade de Gravataí e demais localidades, desde o período imperial até os tempos atuais. Para entendermos como a festa era realizada é necessário voltarmos no tempo.

No ano 1914, os relatos pastorais do Cônego Padre Pedro Wagner deixam claro sua relação direta com o então arcebispo metropolitano Dom João Becker que, ao visitá-lo na paróquia de Gravataí, tece elogios pelo excelente trabalho paroquial desenvolvido pelo padre. A título de exemplo, verificamos que, em seu termo de visita pastoral, ocorrida entre 24 de dezembro de 1913 e 29 de dezembro de 1913, o arcebispo além dos elogios faz menção à gloriosa Festa do Divino

---

<sup>10</sup> Entende-se por práticas culturais (festas, celebrações, rituais) as manifestações da vida cotidiana em sua totalidade. Elas são de aceitação coletiva, vivas e utilizadas pelo povo. Expressam seu sentir, pensar e agir na sociedade em que se vive. Com o estudo das práticas culturais, pode-se ter maior compreensão dos seres humanos, pois eles revelam suas semelhanças e diferenças, independentemente do tempo, da localização geográfica ou da formação social.

<sup>11</sup> O Terno de Reis é uma festividade de origem luso-açoriana, baseado nos acontecimentos da Sagrada Escritura, trazida pelos colonizadores açorianos. A festa começa no dia 24 de dezembro e vai até o dia 06 de janeiro. Os grupos cantam e louvam o nascimento do Deus-Menino, percorrendo as casas da localidade.

<sup>12</sup> A cultura aqui entendida, segundo Clifford Geertz (2014, p.15): "Acreditando, como Marx Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais, enigmáticas na sua superfície." Assim, procuramos ao longo do trabalho apresentar a simbologia da Festa do Divino, bem como seus sentidos e significados para a comunidade gravataiense.

Espírito Santo realizada na comunidade, observando que um dos símbolos da celebração, o ostensório, ganhava destaque na procissão em volta da Praça Dom Feliciano porque reafirmava a fé dos cristãos no terceiro elemento da Santíssima Trindade. A referida autoridade religiosa, em seu escrito, relata:

Devemos aqui registrar um sincero voto de louvor aos catholicos de Gravatahy que pela ordem exemplar e respeito que sempre guardaram na Igreja durante as funções eclesiásticas, e [também] felicitamos o reverendo senhor vigário que não poupou sacrifícios, e ao senhor Juiz Festeiro que não mediu esforços para darem grande realce todos os participantes, o reiteram a ambos às dignas Irmandades e devoções, bem como a todo o povo em geral os nossos sinceros e imensuráveis agradecimentos.<sup>13</sup>

Observamos que, no relato do arcebispo, são relevantes as informações que se referem ao cargo de Juiz Festeiro ocupado por um dos membros da comunidade gravataiense, cuja tarefa era fiscalizar as receitas da festa, bem como sua administração e sua organização e a referência às Irmandades<sup>14</sup> também destacadas pelo registro do Cônego Pedro Wagner. Neles, em nosso entendimento, o Cônego confirma a existência da festa e das duas irmandades que recebiam o nome de Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos<sup>15</sup> e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. No entanto, o Cônego só apresenta informações precisas da primeira, não fornecendo dados da última, o

---

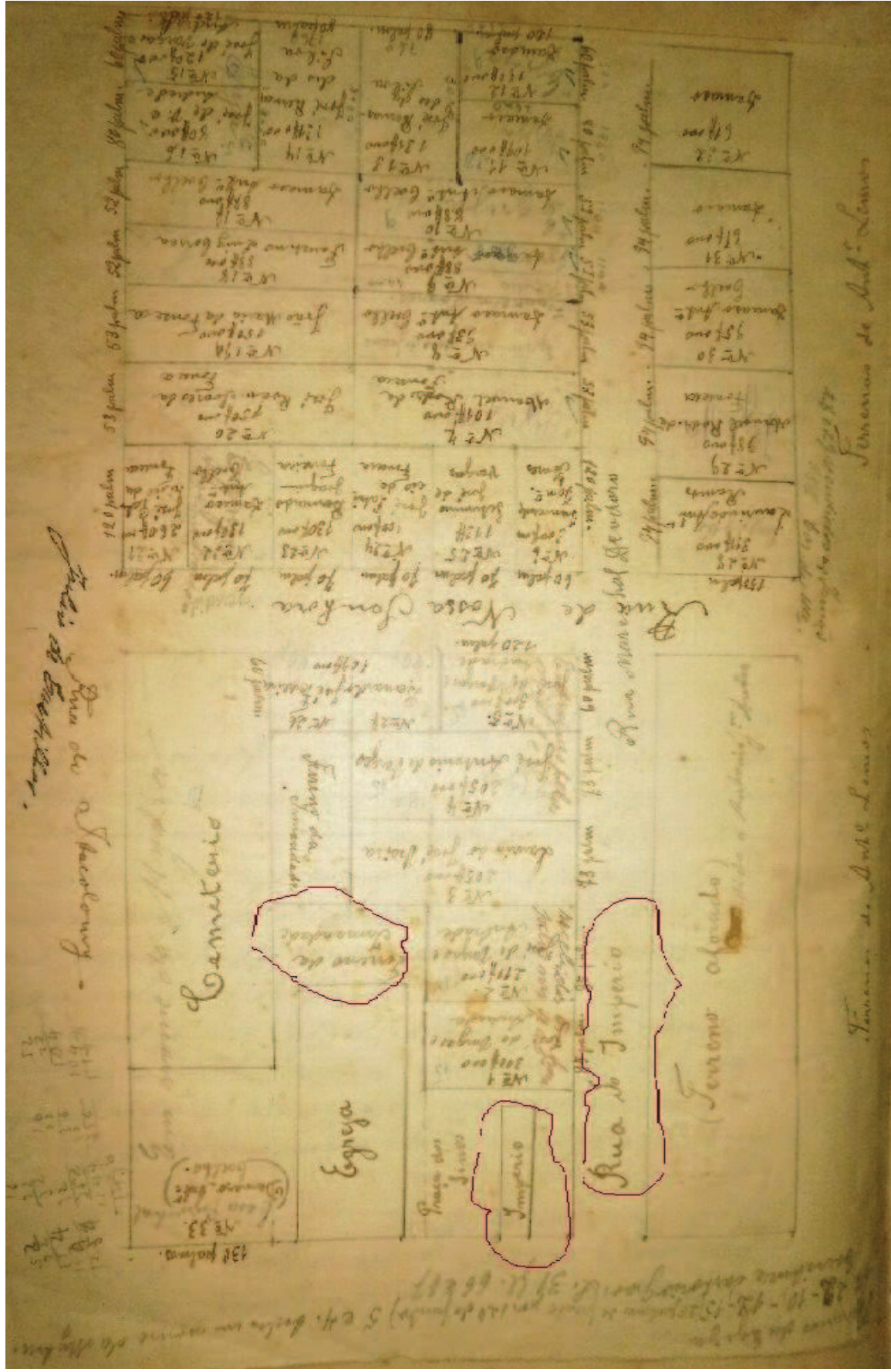
<sup>13</sup> Livro de Tombo I da Parochia de Gravatahy – ano de 1914, p.2. Observamos que o referido registro está datado de 29 de dezembro de 1913, pois o padre faz menção aos eventos de dezembro daquele ano e fecha os relatos eclesiásticos.

<sup>14</sup> Segundo Caio César Boschi (1986, p.12), apresentam um significado histórico, pois “foram e são instituições que espelham e retratam os diversos momentos e contextos históricos nos quais se inserem. [...] As irmandades caracterizam sempre o seu momento e seu ambiente, dando origem à diversidade de formas, por um lado, e à fluidez e imprecisão de suas denominações, por outro.” A descrição do autor possibilita pensar sobre o contexto que as irmandades do Divino se inserem na história do Brasil (desde o período colonial), suas relações com as autoridades, entre elas e seu papel para com os grupos sociais e também uma forma de garantir a prática cultural e religiosa. Nesse sentido os estudos de William Souza Martins (2009) relatam a existência de disputas do espaço público e reconhecimento entre as irmandades do Espírito Santo. O pesquisador descreve o caso do Rio de Janeiro da seguinte forma: “[...] Em 1820, foram os irmãos do Divino de Santana que recorreram a Coroa para impedir as atividades de uma devoção concorrente que sugira ali perto.” (p. 22). Martha Abreu (1999) também apresenta em suas pesquisas as irmandades do Espírito Santo, no Rio de Janeiro, observando que essas pediam autorização da Câmara de Vereadores para a realização da celebração no campo de Santana.

<sup>15</sup> Segundo a autora as “irmandades dedicadas ao Santíssimo Sacramento que sempre tinham como santo protetor o padroeiro da cidade. Em Porto Alegre, esta irmandade nomeava-se irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora Madre Deus de Porto alegre.” Já em Gravataí era chamada de irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos. (NASCIMENTO, 2006, p. 48).

que nos leva a pensar que a Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos tinha maior importância. O dado pode ser confirmado por algumas evidências, entre as quais, a de que havia terrenos para a Igreja deixados por ela, conforme podemos constatar no mapa inserido na página seguinte.

Imagem 2 - Mapa dos terrenos da Igreja Nossa Senhora dos Anjos e, entre eles, os das Irmandades do Santissimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos.



Fonte: Livro tomo I da Parochia de Gravatahy (1914, p. 8).

O mapa, apresentado na página anterior, merece que façamos sobre ele um olhar muito atento. Em primeiro lugar, destacamos a existência dos terrenos da Irmandade Nossa Senhora dos Anjos e Santíssimo Sacramento, bem como o Império<sup>16</sup> do Divino Espírito Santo, grifados em vermelho. Percebemos que na cidade de Gravataí, o Império ficava ao lado da casa de sino da paróquia, sendo utilizado durante a Festa do Divino tanto para realização das novenas, quanto como local de guarda dos principais símbolos da celebração (a coroa, o cetro e a bandeira).

Devemos observar que a configuração espacial do centro da cidade, no mapa, apresenta os terrenos que pertenciam à irmandade e eram utilizados pela Igreja em uma relação consensual, uma vez que ambas estavam ligadas por interesses econômicos e religiosos. Também mostra os terrenos aforados pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos que recebia, anualmente, um valor pelo arrendamento de suas propriedades por parte dos oficiais, como veremos adiante. Outro elemento a ser destacado é a Rua do Império, que fala da importância da Celebração do Espírito Santo no período, o que nos leva a entender que os irmãos do Santíssimo Sacramento participavam da festa e a reconheciam como uma prática religiosa da comunidade. Podemos ver na fotografia seguinte, do século XIX, a localização do Império, da Casa do Sino e da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos:

---

<sup>16</sup> Segundo Simões (1987, p.109), o império é uma pequena construção de alvenaria, ou madeira, onde são realizadas partes das cerimônias das Festas do Espírito Santo e na qual, durante esse período, se expõem as insígnias (coroa, cetro e bandeira do Divino).

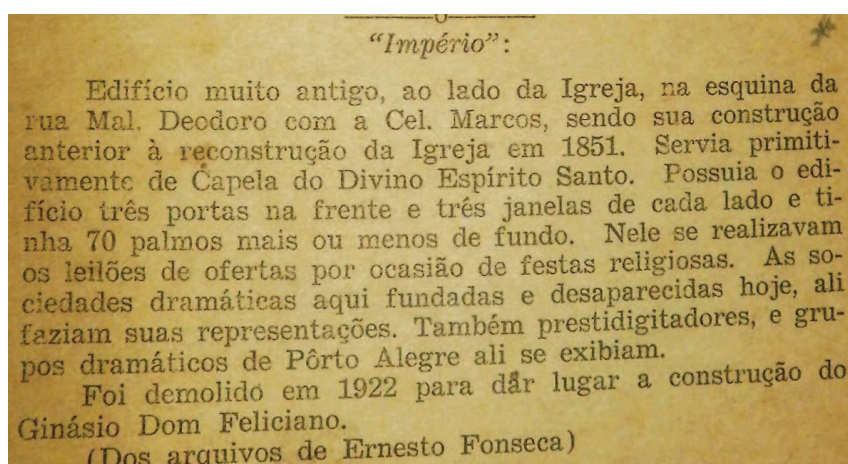
Imagem 3 - Da esquerda para direita Igreja Nossa Senhora dos Anjos, Casa de Sino e o Império do Divino Espírito Santo - Ano 1900.



Fonte: Acervo do autor.

Ao pesquisarmos no Museu Municipal Agostinho Martha, encontramos referências do Império no Jornal Gravataiense<sup>17</sup> na coluna intitulada “Gravataí e sua História,” conforme o registro abaixo:

Imagem 4 - Coluna Gravataí e sua história – 12 de Abril de 1952



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 1).

<sup>17</sup> Periódico criado em 10 de fevereiro de 1952.



O escrito do jornal fornece algumas informações importantes para ampliarmos o nosso entendimento sobre a função do Império na localidade. Primeiramente, era tido como uma Capela do Divino Espírito Santo e foi construído antes da igreja. Ali, eram realizados leilões das festas religiosas e, também, havia apresentações dramáticas por parte de outras entidades, inclusive, de Porto Alegre. Foi destruído no ano de 1922, conforme um antigo projeto da igreja, que previa a construção do Ginásio Dom Feliciano.

Nesse sentido, podemos pensar o espaço do Império como um lugar de sociabilidade dos grupos sociais que dançavam, cantavam, rezavam em louvor ao Divino Espírito Santo e aos outros santos.

Ainda em relação ao registro feito pelo Cônego Wagner, o mesmo indica que a referida irmandade contribuía para as ações sociais da paróquia, seja em doações de suas propriedades ou na coleta de recursos financeiros.

Nesse sentido, cabe pensarmos sobre a forma que a referida irmandade arrecadava os donativos e a importância desses para as ações da Igreja. Segundo Mauro Dillmann Tavares (2007, p.103):

As irmandades empenhavam-se em estimular nos devotos à doação de esmolas. As esmolas sempre foram um elemento de compaixão elementar, símbolos de caridade, estimuladas nos fiéis pelas irmandades, pois delas dependiam as festas, seu brilho e decorações, as missas, suas velas e vinhos, a construção de igrejas, a compra de carros fúnebres e até mesmo o pagamento de empregados como sineiro e capelão.

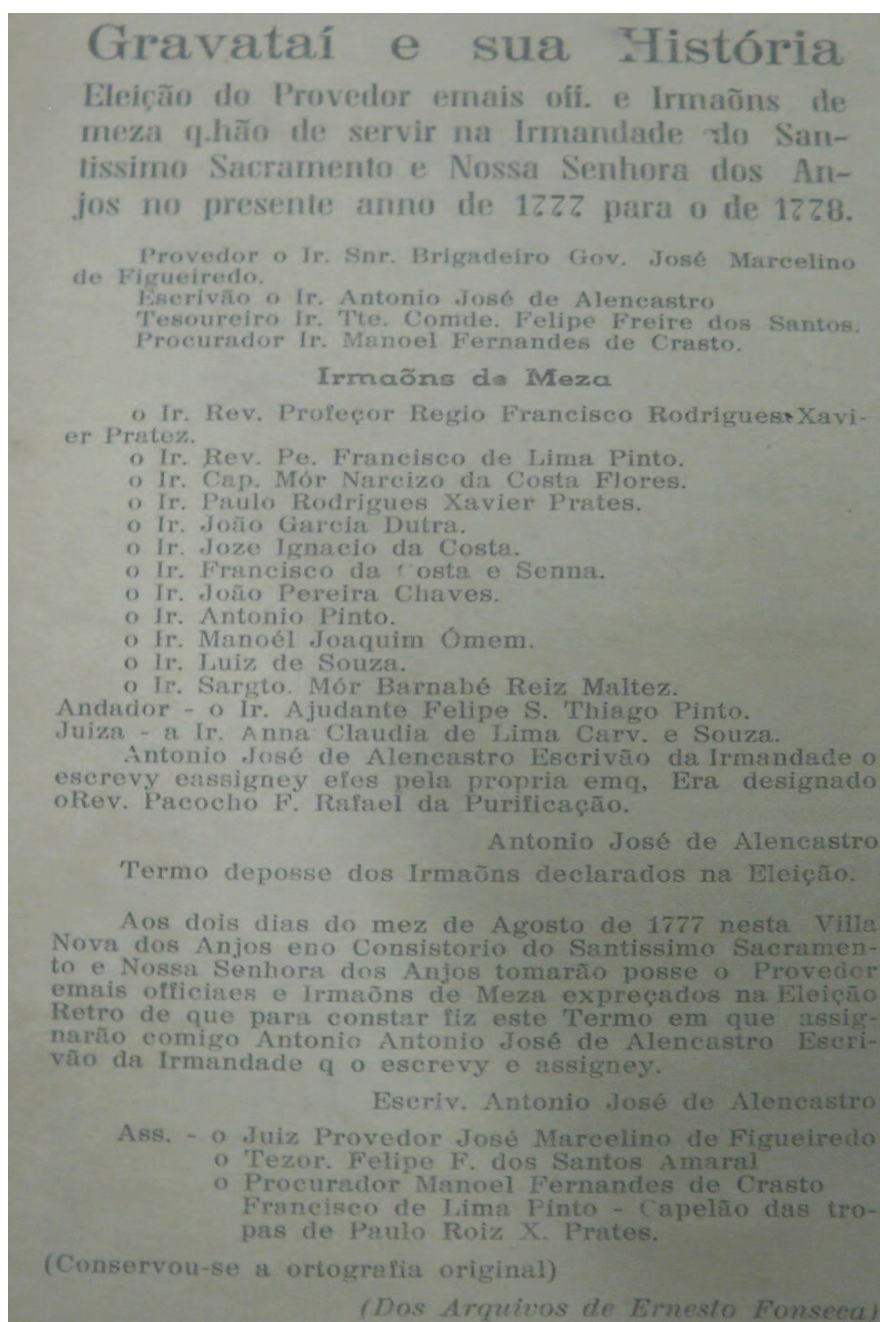
Tavares (2005, p. 101) chega a indicar que as Irmandades do Santíssimo Sacramento atendiam “[...] a parcela economicamente mais privilegiada da população e os poucos membros do clero”. O que nos leva a entender a configuração do mapa feita pelo pároco de Gravataí, onde uma irmandade possuía terrenos, fruto de doações da elite local<sup>18</sup> que eram arrendados. Por isso,

---

<sup>18</sup> Para Fábio Kühn (2006, p.174) “Uma elite social pode ser definida por, pelo menos, três atributos essenciais: riqueza, status e poder. O primeiro aspecto é o mais óbvio de todos, talvez a condição preliminar para a própria existência do grupo. A ocupação de cargos nas instituições coloniais conferia, por seu turno, o acesso a um estatuto social diferenciado, que se cristalizava na formação do grupo dos “homens bons” ou ainda da “nobreza da terra”, em alguns casos”. Dessa forma, podemos entender que os irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos possuíam poder econômico, bem como um status social que lhes conferia prestígio na comunidade.” Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América portuguesa - Século

aportavam recursos para a corporação. Para exemplificar o que estamos afirmando, apresentamos o artigo abaixo, que fala da organização da mesa diretora da irmandade.

Imagem 5 - Termo da eleição do Provedor, dos oficiais e dos irmãos de Mesa da Irmandade do Ss. Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos - 04 de Outubro de 1952.



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

Esse registro descreve quem era a elite de Gravataí no período colonial, sendo esta composta por militares, comerciantes e religiosos, além do Governador Brigadeiro José Marcelino de Figueiredo<sup>19</sup>. Essa composição da Mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos seguia algumas normas:

Em terras ultramarinas americanas, a Mesa deveria, antes de tudo, zelar de maneira geral pela organização religiosa do império. [...] Entre outros assuntos, a Mesa deveria posicionar-se, acerca de problemas relativos ao estabelecimento de paróquias, obras de caridade, capelas, hospitais, associações religiosas diversas, além do provimento de exercícios eclesiásticos junto a igrejas paroquiais e catedrais. (NASCIMENTO, 2006, p. 38).

Assim, as Mesas das irmandades possuíam o dever de organizar e administrar a sociedade a que pertenciam, ofertando assistência, intervindo em diversas instituições que estivessem atreladas a elas, bem como auxiliando e se fazendo presente nas organizações das festas religiosas nas comunidades.

Marina de Mello e Souza (1994, p. 59) também afirma que as irmandades marcaram a vida social, política e religiosa do Brasil, referindo-se aos bens materiais e ao prestígio dessas:

As irmandades tinham finalidades fundamentalmente religiosas e caritativas. No Brasil colonial foram as responsáveis pela construção e conservação da maioria das igrejas, pela realização das festas, assumindo também funções sociais como auxílio a irmãos carentes e defendendo os interesses de grupos específicos. Tinham direitos civis reconhecidos e eram proprietárias das igrejas e cemitérios que construíam, de imóveis que lhes eram legados, de animais de sela, imagens, mobiliário, objetos utilizados nos cultos, muitas vezes de escravos.

As informações apresentadas pela autora sobre as posses das irmandades são relevantes para entendermos que a administração do Brasil colonial passava pelas mãos destas instituições, uma vez que possuíam diversas propriedades e

---

<sup>19</sup> Ver Fábio Kühn (2007), Um governador em apuros. A trajetória administrativa de José Marcelino de Figueiredo (Rio Grande de São Pedro, 1769-1780) In: VII Jornada Setecentista 2007. A administração e Governantes no Império Português.

Disponível em:

<<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Um-governador-em-apuros-F%C3%A1bio-K%C3%BChn.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

arrendavam terrenos aos grupos sociais. Podemos observar essa situação, também, no Termo de Arrendamento e Arrecadação da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos da “Villa do Gravatay” no século XVIII.

O documento trata do arrendamento e arrecadação feita pelo Irmão Padre Feliciano Antônio, pertencente à Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos, para o oficial tenente Gabriel Fernandes relativo ao “Passo do Gravatay”, sendo paga a quantia de 20 mil réis por ano à referida irmandade. Esse registro deixa claro o poder econômico da confraria, bem como fala do cenário da sociedade gravataense no século XVIII.

Termo de arrendamento, arrecadação da Villa do Gravatay por trez annos

Aos nove de novembro de mil sette centos e noventa e quatro nesta freguesia de N. S. dos Anjos na Meza da Irmandade de N<sup>a</sup> Senhora dos Anjos e do S<sup>o</sup> Sacramento, estando emprestado [o] Passo do Gravatay, que pertence a esta Irmandade, arrematado Gabriel Fernandes por rendimentos pelo preço e quantia de vinte mil reis, e pelo tempo de trez annos. Sendo vinte mil reis no princípio de cada um anno, que terá princípio desta data, e já fica pagos os ditos 20,000 [reis], e recebidos foi pelo tezeiro Vigário Joaquim de Aguiar aquém corrijo essa receita, logo possa constar fiz este termo que assinei com seu arrematante Gabriel Fernandes<sup>20</sup>.

Nossa Senhora dos Anjos recebera terras do Império brasileiro (Junta da Real Fazenda<sup>21</sup>), devido à troca realizada entre ambas por um armazém em Porto Alegre, de acordo com o livro de tombo I da Parochia de Gravatahy (1914, p. 26)<sup>22</sup>:

Registro Pastoral sobre o terreno da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos Termo da Irmandade Nossa Senhora dos Anjos e S. S. apossadas pela intendencia municipal. – Como foi resolvida esta questão. – Quando tomei

<sup>20</sup> Termo de Arrendamento e Arrecadação da Villa do Gravatay - 09 de Novembro de 1794. Livro Termos de Mesa – Cód. II-2.1 A 7.1 / (1778-1880), p.12- Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA). Acervo do autor. Ver anexo A, p. 121.

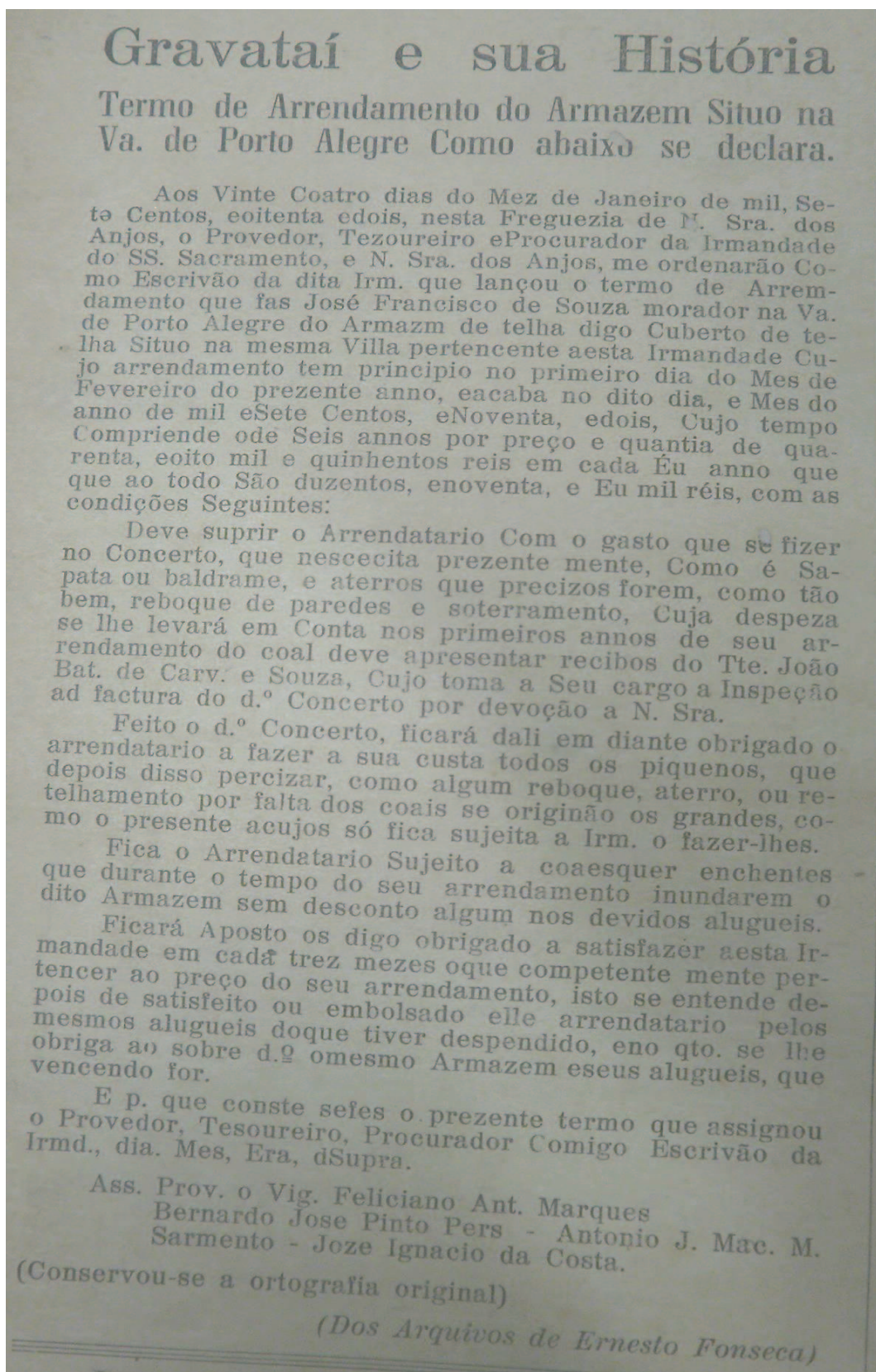
<sup>21</sup> Segundo Fábio Kühn (2007, p.174) no ano de 1775 “[...] entrou em funcionamento a Junta da Real Fazenda, que também tirava poderes da Provedoria então existente.” Nesse sentido, verificamos o motivo da desapropriação do armazém da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos pela Junta da Real Fazenda no ano 1806, conforme referido pelo Cônego Pedro Wagner. Um governador em apuros. A trajetória administrativa de José Marcelino de Figueiredo ( Rio Grande de São Pedro, 1769-1780) In: VII Jornada Setecentista -2007, A administração e Governantes no Império Português. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/porta/cedope/files/2011/12/Um-governador-em-apuros-F%C3%A1bio-K%C3%BChn.pdf>.> Acesso em: 20 set. 2014.

<sup>22</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 122.

conta desta parochia achei que a Igreja de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Anjos, a título da Irmandade N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Anjos e S. S. possuía bastantes terrenos nos arredores desta Villa, apossados pela Intendencia Municipal. Achei em um antigo livro de Tombo, todo em estado lastimoso, atirado num caixão, na casa do Sr Antonio Dutra, (uma copia de escriptura que - ) digo copia dos Autos em que foi julgado por sentença o termo de permuta dos bens, que a junta da Real Fazenda desta Capitania deu a esta Irmandade do S S. Sacramento em recompensa do armazem que possuía em Porto Alegre aos 15 de Fevereiro de 1806. Com esta escriptura acompanhada de uma medição judicial pude identificar os terrenos. A municipalidade ja tinha vendido os melhores pedaços, existindo apenas ainda um terreno a partir da estrada do passo do Hilario extendendo-se ao longo da estrada de Porto Alegre ao passo do Barnabé, outro entre as estradas do Hilario, Esteio, passo do Carvalho (...)

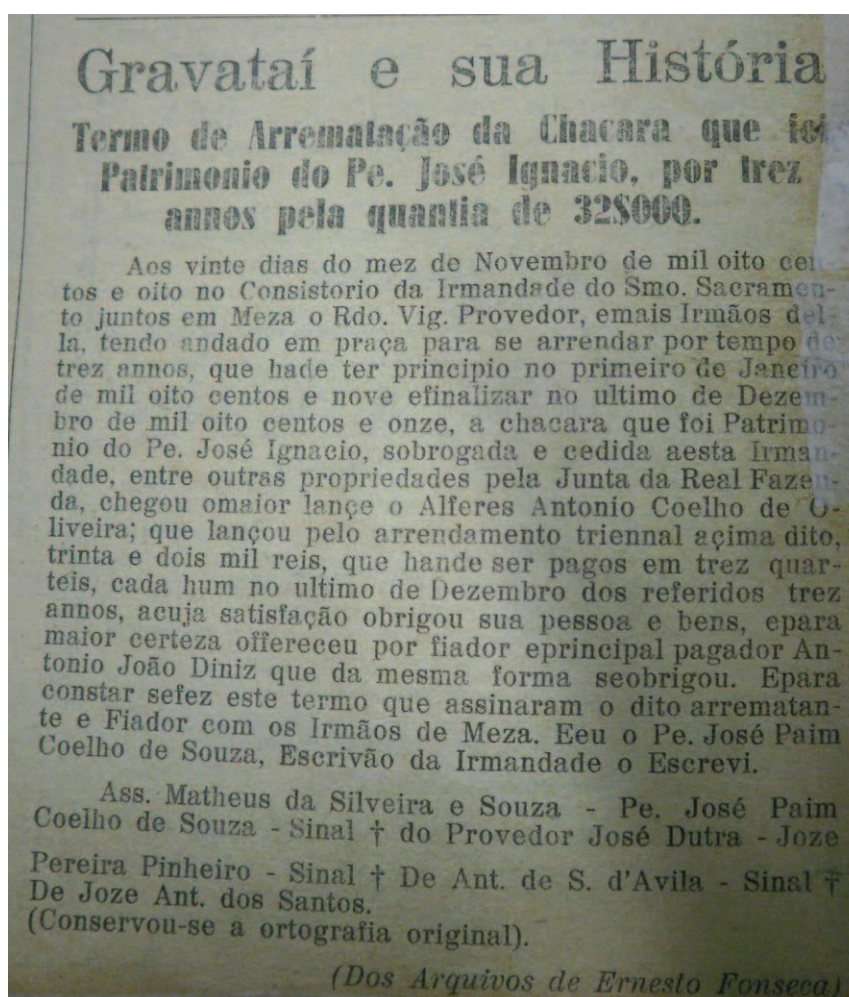
Essas terras, no início do século XX, serão reavidas pelo Cônego Pedro Wagner ao instalar um processo contra a Intendência Municipal, mas a situação acaba sendo resolvida de forma pacífica devido às tratativas realizadas com o intendente. Cabe observar que foram readquiridas metade das terras, pois a intendência havia vendido as melhores partes dos terrenos. Em síntese, percebermos a irmandade de Gravataí como uma “senhora das terras” que possuía terrenos que serviam para as ações sociais da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos. O armazém de que fala o referido documento ficava situado em Porto Alegre e proporcionava bons rendimentos à irmandade através do aluguel pago pelos arrendatários. O artigo, disposto na página seguinte, confirma o que dizemos:

Imagem 6 - Termo de Arrendamento do Armazém Situado na Va. de Porto Alegre - Coluna Gravataí e sua história – 01 de Novembro de 1952.



Esse termo de arrendamento é do ano de 1782 e reafirma as informações relatadas pelo Cônego Pedro Wagner. Em outro termo foi arrematado a chácara que pertencia ao Padre José Ignácio que foi cedida pela Junta da Real Fazenda à Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos, bem como outras propriedades na Villa de Gravatahy. A chácara foi arrematada pelo valor de 32 mil réis no período de três anos ao Alferes Antônio Coelho de Oliveira:

Imagem 7 - Termo de Arrematação da Chácara que pertencia ao Padre José Ignácio – 20 de Novembro de 1808 no consistório da irmandade.



Fonte: Jornal Gravataiense (1952).

Ainda, neste percurso de levantamento histórico dos bens apontamos mais um termo de mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos

Anjos que fala dos terrenos pertencentes à mesma, próximos da Igreja, conforme consta no seguinte trecho <sup>23</sup>:

A irmandade suplicante avista da exigência do Sr. Dr. (...) tratando de satisfazer na parte que lhe é possível, junto oferece um esboço de mappa ou planta do terreno do qual solicita autorização para ser vendido. Amais está claro que (...) pelo qual se constitui o (...) palmos (...) marcando o lugar da igreja a cargo do Imperio do Divino Espirito Santo, e das ruas por aonde se divide, e em (...) as duas ruas que o atravessão [sic] as quais a Camara Municipal a anos as marcou, sendo uma, a continuação da rua chamada do Imperio, e a outra que denominou = rua da Nossa Irmandade; e com que fes a Camara Municipal marcasse tais ruas sem qui procedesse a desapropriação e indenização dos palmos de comprimento e largura que elas ocupão [sic] (...) a Irmandade Suplicante senão após a isso sendo que a abertura de tais ruas (...) como de facto são (...) terreno, cujo espaço e valor mínimo (...) o terreno ocupado com as duas novas ruas; e a Irmandade (...) dispos de todo o terreno dividindo-o em palmos (...) conforme convier a os compradores, requitando os maiores ou melhores conforme o seu (...), não pode ja declarar quais terrenos são e quantos palmos tem cada um, isto sim apresenta o tamanho de todo elle. (...) casas em construção em as quais morão em parte dellas os pretendentes e os terrenos, (...), quer por compra, e um outro terreno (...)

O registro acima apresenta um levantamento das terras que a referida irmandade possuía, bem como dos arrendamentos. Seguindo na linha de investigação histórica de Carlo Ginzburg<sup>24</sup> (1989) o documento nos fornecem pistas, indícios, vestígios dos acontecimentos históricos.

Nesse sentido, o termo de mesa da irmandade apresenta um dos elementos da Festa do Divino, o Império do Espírito Santo, já referido em outros documentos. Esta pista nos leva a pensar que os irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos participavam da celebração, uma vez que essa conferia prestígio a quem fosse sorteado para compor os quadros de personagens (imperador, imperatriz, alferes da bandeira e etc.).

<sup>23</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 123.

<sup>24</sup> GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. [“Sinais. Raízes de um paradigma indiciário”, p. 143-179].



### 3 A FESTA DO DIVINO AO LONGO DO SÉCULO XX EM GRAVATAÍ

A Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí é uma prática cultural açoriana que auxilia na escrita da história da cidade, desde o século XVIII, passando pelo século XIX, conforme percebemos no capítulo anterior. Nesse sentido, cabe fazermos alguns questionamentos sobre a celebração como, por exemplo: Quem participava da Festa do Divino ao longo do século XX? Como estava organizada a celebração pela comunidade? Quando foi interrompida a Festa do Espírito Santo? Estas indagações auxiliam a nossa investigação histórica sobre o festejo.

Nesse momento, entendemos ser necessário apresentar a cidade de Gravataí, no início do século XX, em uma visão panorâmica. A pesquisadora Vera Lucia Maciel Barroso (2011) apresenta algumas fontes históricas<sup>25</sup> para o estudo de Gravataí nas décadas de 1910, 1920 e 1930. Referem-se ao crescimento da população, as rendas municipais, ao tipo de produção agrícola, uma região em desenvolvimento.

Ao encontro dessas informações referidas por Barroso (2011) apresentamos, na década de 1950, um anúncio do Jornal Gravataiense descrevendo alguns dados estatísticos de Gravataí no período:

Imagem 8 - Dados Demográficos de Gravataí – 05 de Abril de 1952

Dados Demográficos de Gravataí	
(Fornecido pela Agência de Estatística local).	
Área em Kms2 do município	— 812.
Vilas do município	— 2
População na cidade	— 3.475
População nas vilas	— 490
População nas zonas rurais	— 24.322
População total do município	— 28.287

Fonte: Jornal Gravataiense (1952).

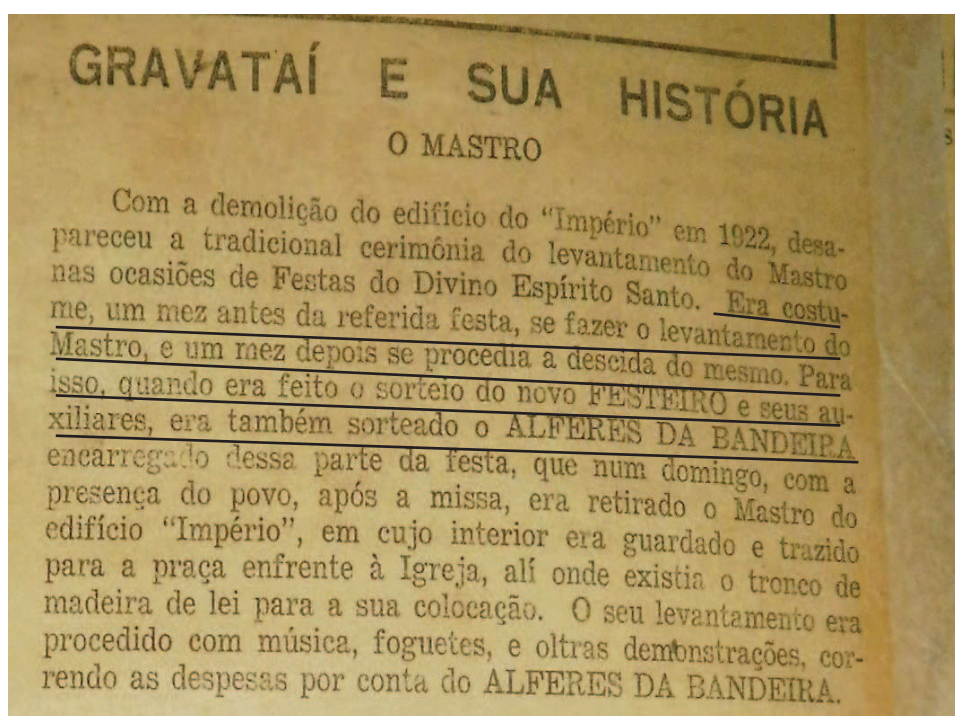
<sup>25</sup> Ver BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Gravataí em três tempos**: décadas de 1910, 1920 e 1930- fontes para sua história. In: Raízes de Gravataí: memória, história, cidadania. Gravataí, Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul; Porto Alegre: EST-Evangraf, p.204-220, 2011.

As informações do anúncio feitas pela Agência de Estatística Local mostram que a cidade estava entre duas esferas, a rural e a urbana, observando que a primeira, ainda era predominante no espaço geográfico da localidade.

O tempo rural de Gravataí também fala da tradição da comunidade, dos costumes, danças, hábitos e festas. Desta forma, trazemos para o cenário da cidade a Festa do Divino Espírito Santo que fala desse tempo da urbe, das vivências, das lembranças, dos saberes e dos fazeres dos grupos sociais.

Nesse sentido, falemos de um dos elementos da Festa do Divino Espírito Santo, o Mastro, que era guardado na casa do Império e retirado quando do início da celebração. Para realizarem tal ato, formava-se uma comissão e sorteavam o Alferes da Bandeira, responsável por retirar o Mastro do Império até a Praça Dom Feliciano em frente à Igreja Nossa Senhora dos Anjos, desta forma iniciava-se a festa na comunidade. O escrito abaixo nos apresenta mais detalhes deste ritual:

Imagem 9 - Gravataí e sua história: O Mastro – 19 de abril de 1952



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

O documento acima se refere à Festa do Divino como uma celebração de grande destaque na comunidade, uma vez que se cantava, dançava e soltavam foguetes ao iniciarem as comemorações e louvações ao terceiro elemento da Santíssima Trindade. Tinha-se como costume criarem uma comissão para eleger

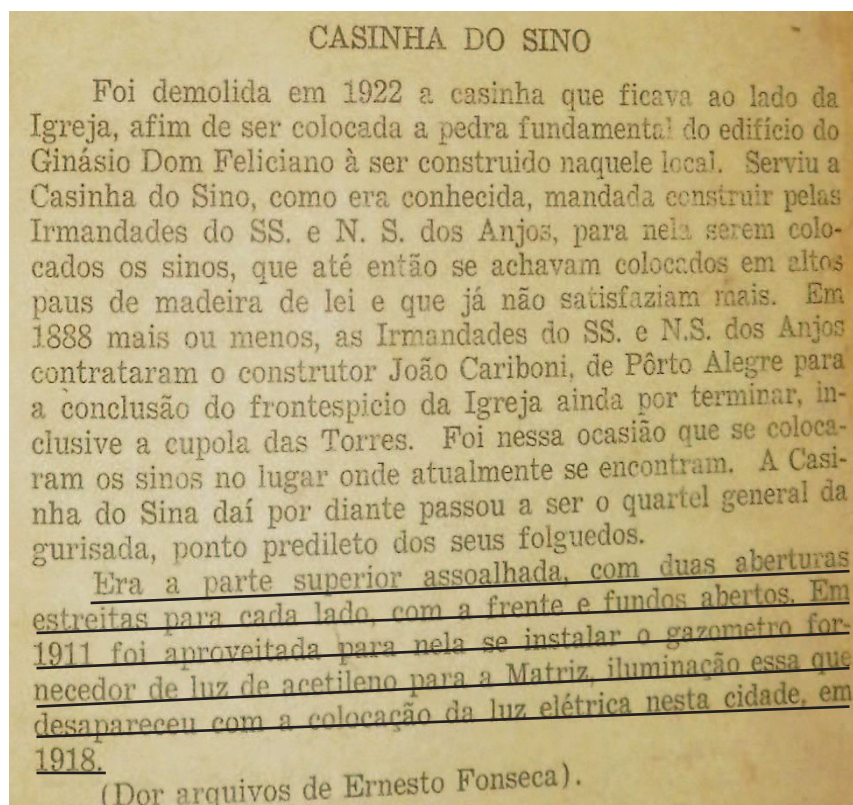
os novos organizadores e administradores da festa, conforme podemos perceber no registro jornalístico.

O cargo de maior prestígio no período era ser Festeiro do Divino, pois durante a procissão em volta da praça os olhares e palmas direcionavam a este, bem como ser Alferes da Bandeira também era revestido de glória.

Devemos chamar atenção a um detalhe do apontamento do Jornal Gravataiense (1952, p. 3) ao custo da festa, o indício fica por conta do último parágrafo “[...] correndo as despesas por conta do ALFERES DA BANDEIRA”, ou seja, estes personagens como os demais deveriam de desfrutar de uma posição econômica favorável, pois os custos eram significativos. Dito isto, podemos entender que existia uma elite local que se fazia presente no festejo, composta por proprietários de terras, autoridades políticas e religiosas, enfim um grupo social coeso e forte no fazer da celebração.

Um exemplo dessa presença e investimento da elite local na construção do cenário da celebração do Divino, bem como nas festividades locais, foi à edificação da Casinha do Sino para marcar o tempo religioso e o momento de celebrar dos grupos sociais:

Imagem 10 - Gravataí e sua história - Casinha do Sino – 19 de Abril de 1952



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

A construção da Casinha do Sino foi uma ação desenvolvida pela Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos no ano 1888, sendo contratado o construtor João Cariboni de Porto Alegre.

Esse espaço tornou-se um lugar de diversão e brincadeiras para as crianças pelo que indica o anúncio. Passou a fornecer luz para a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, por ocasião da instalação de um “gasômetro” no ano de 1911, deixando de existir em 1918, quando da instalação de luz na cidade.

Os dois registros históricos aqui apresentados destacam em suas descrições uma informação relevante para entendermos a causa do desaparecimento do Império e da Casinha do Sino. Foi à construção do Ginásio Dom Feliciano no ano de 1922, pela Igreja Nossa Senhora dos Anjos, sendo destruídas as edificações.

Outro registro que também trata da composição dos personagens da celebração do Divino na cidade foi à lembrança da festa, no ano de 1944:

Imagem 11 - Lembrança da Festa do Divino Espírito Santo de 19 de Maio de 1944



Fonte: Acervo do autor.

Ao lermos esse documento verificamos a existência do festeiro, da juíza, dos alferes da bandeira e do vigário, que eram responsáveis pela realização da celebração na Matriz de Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí.

A juíza fiscalizava as arrecadações e receitas da festa, podendo ser estas em dinheiro ou doação de animais. Com a última doação eram feitos os leilões para arrecadarem mais recursos financeiros. Devemos destacar que tudo passava pelas mãos do Vigário Cônego Pedro Wagner que se fazia presente do início ao fim do festejo.

As receitas da festa eram utilizadas para ações sociais da Igreja, bem como na melhoria da estrutura paroquial, conforme observamos no registro abaixo, destacado do Livro de Tombo I (1914):

Eletrola e altos falantes.

Em principios do ano de 1945 a igreja Matriz adquiriu pela quantia de 10.000,00 Cr\$ uma poderosa eletrola com 2 alto falantes grandes e um menor. Estas despezas foram pagas pelo Sr. Festeiro de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Anjos Sr. José Brambilla, com as sobras da festa de que foi encarregado. A eletrola era acompanhada de 70 discos e grande quantidade de fios encapados, para mais de 200 metros. Foi compra otima e muito serve as festividades da igreja.

Do que dou fé e assino

Conego Pedro Wagner [Grifo nosso].<sup>26</sup>

Esse relato pastoral, feito pelo Cônego Pedro Wagner, mostra a importância econômica que o festejo tinha no período e como as verbas eram utilizadas na aquisição de aparelhos e instrumentos de som.

Nesse sentido é necessário apresentarmos o fazer da Festa do Divino como no ano de 1952 contou-se com certo brilhantismo e muita empolgação de seus participantes, sendo realizadas as novenas do Divino pelos fiéis, programadas no calendário da Igreja Nossa Senhora dos Anjos, conforme consta:

---

<sup>26</sup> Livro de Tombo I, p. 48. Para acesso a este documento, vide anexos p. 124.

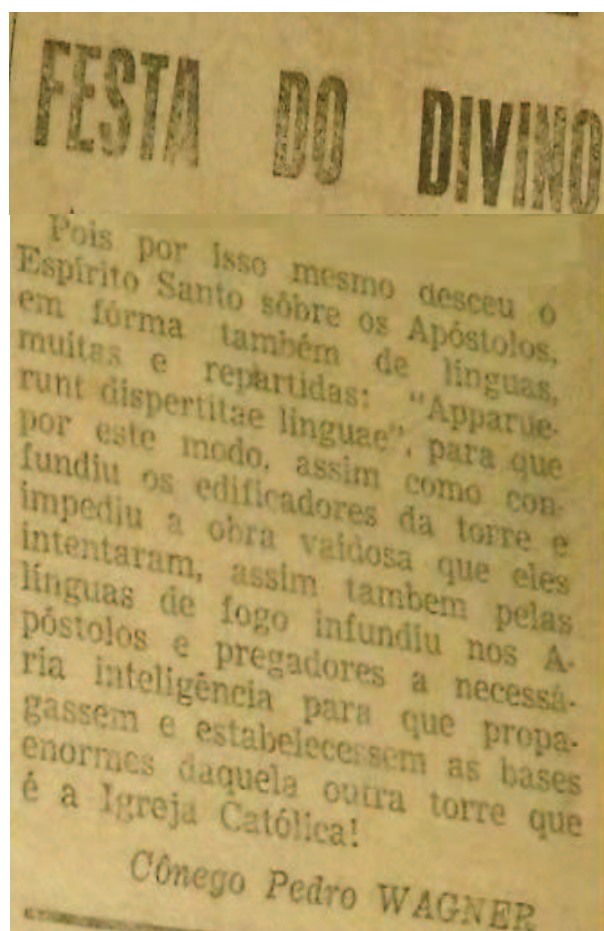
Imagem 12 - Missas da Semana na Matriz – 17 de Maio de 1952

MISSAS DA SEMANA NA MATRIZ	
HORARIO DAS MISSAS DE 19 A 25 DE MAIO	
Dia 19, Segunda	- 7 hs. - Maria Francisca Silveira.
" " "	- 8 hs. - Henrique José Dorneles.
" 20, Terça	- 7 hs. - Alberto e Maria Teresa Linck.
" 21, Quarta	- 7 hs. - Bernardina Rocha Fialho
" 22, Quinta	- 6, 8 e 9,30 hs. - Ascensão, Dia Santo de Guarda.
" 23, Sexta	- 8 hs. - Juventina Lopes dos Santos.
" " "	- 19,30 hs. - Novena do Divino.
" 24, Sabado	- 7 hs. - Silvarina Teixeira.
" " "	- 19,30 hs. - Novena do Divino.
" 25, Domingo	- 6, 8 e 9,30 hs.
" " "	- 19,30 hs. - Novena do Divino.
" " "	- Festa em Catanduva.

Fonte: Jornal Gravataiense (1952).

As novenas eram elaboradas pelos auxiliares do Festeiro, bem como contavam com a participação do pároco Cônego Pedro Wagner na reza ao terceiro elemento da Santíssima Trindade, criando uma áurea sagrada ao festejo. O padre também divulgou no Jornal Gravataiense de 1952 uma nota sobre a importância de exaltar o Divino, de entrar em comunhão com Espírito Santo, conforme consta na página seguinte:

Imagem 13 - Festa do Divino - 24 de Maio de 1952.



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

Ao lermos a última coluna da explicação sobre a celebração ao Divino verificamos que o pároco chama pra si a responsabilidade de coordenar a festa, já que ela está incorporada no calendário da Igreja Católica. Ele como pregador, deve assumir seu papel na festividade e seguir as regras da Santa Madre Igreja, com o compromisso de preservar o espaço sagrado na celebração.

Em outro registro observou-se a participação das entidades locais, além dos esforços da comissão festiva em marcar o ano da festa, ofertando à comunidade gravataiense uma celebração que representasse a sua tradição açoriana, bem como criasse horas de diversão e descontração aos participantes:

Imagem 14 - Festa do Divino Espírito Santo - 24 de Maio de 1952.

**Festa do Divino Espírito Santo**  
Está despertando inusitado interesse a próxima festa do Divino Espírito Santo que teve início ontem com a primeira novena, e se prolongará até dia 1.º de junho próximo.

O festeiro, sr. Waldemar Guido Vicentini e as Juizas, sras. Maria Gladis Andrade Correa e Miguelina Porcelo Geyer, auxiliadas pelo sr. Augusto Braum, alferes da Bandeira, vêm desenvolvendo grande atividade afim de que este ano a Festa do Divino se revista de máximo brilhantismo.

Na praça dr. Borges de Medeiros já se encontram armadas as diversas tendas e coretos.

Uma banda de música da Brigada Militar abrilhantará os festejos.

Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

O anúncio acima apresenta não só o lugar da festa na cidade, as praças, que falam das vivências do coletivo, mas também o modo de fazer e de celebrar da comunidade. Observemos, a seguir, as duas praças do centro da cidade a Dom Feliciano (em primeiro plano) e a Doutor Borges de Medeiros (em segundo plano) no espaço no qual acontecia a Festa do Divino:



Imagem 15 - Praça Dom Feliciano e a Praça Doutor Borges de Medeiros - Centro de Gravataí - Início.



Fonte: <http://gravataifotos.blogspot.com.br>

A fotografia capta a cidade, a congela no tempo, revela a paisagem da urbe e nos induz a imaginarmos a Festa do Espírito Santo na praça, com cantos, danças, músicas, leilões e os sujeitos a manifestarem sua devoção e louvor. Segundo Lousada (2008, p. 15):

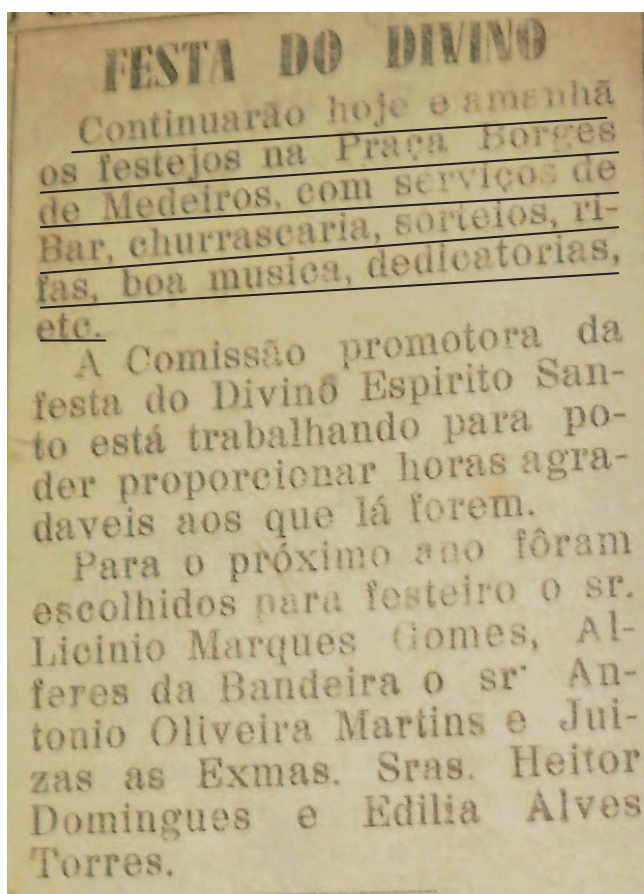
As praças continuam a ser vistas e pensadas como símbolos da cidade e da sociabilidade urbana e a ser usadas, quer pelas populações quer pelos poderes políticos, como espaço de feira (feira do livro, de produtos biológicos, de velharias, etc.), de espetáculo (festivais, concertos, [festas]) e de manifestação de poder (manifestações, paradas, etc.). Porque estão carregadas de memória e porque ainda se mantêm como cenário ideal para essas atividades.<sup>27</sup>

Nesse sentido, devemos entender a praça como espaço de interação, comunicação, lazer, diversão, enfim um lugar de sociabilidades que se constituem em momentos nos quais os grupos sociais trocam experiências e emoções. Essa áurea da praça aparece também no seguinte registro:

---

<sup>27</sup> LOUSADA, Maria Alexandre. **Praça e sociabilidade**: práticas, representações e memórias. (Departamento de Geografia/ Centro de estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) (Versão alargada do texto publicado em "As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações" *In*: Miguel Figueira de Faria (coord.), *Praças reais: passado, presente e futuro*, Lisboa, Livros Horizonte, p.45-56, 2008.).

Imagem 16 - Festa do Divino - 07 de Junho de 1952

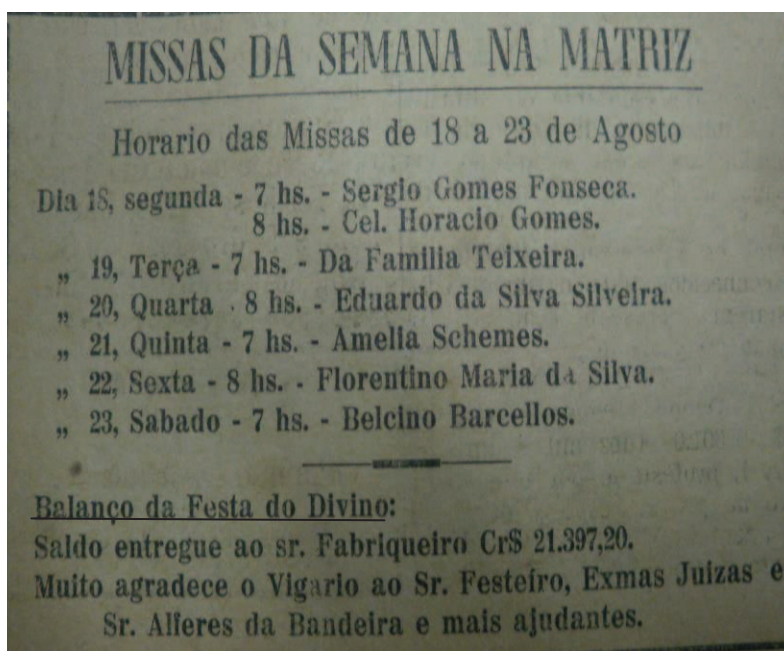


Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 2).

O anúncio sublinha ainda o espaço do profano, do cantar, pular, rir e extravasar. Tais atitudes podem ser traduzidas como o fazer dos sujeitos na festa.

O fechamento da Celebração do Divino Espírito Santo de junho 1952 foi marcado com a nomeação de uma nova comissão festiva para próximo ano, além da publicação do balanço financeiro da festa, em agosto do mesmo ano, como podemos observar na página seguinte:

Imagem 17 - Balanço da Festa do Divino - 16 de Agosto de 1952

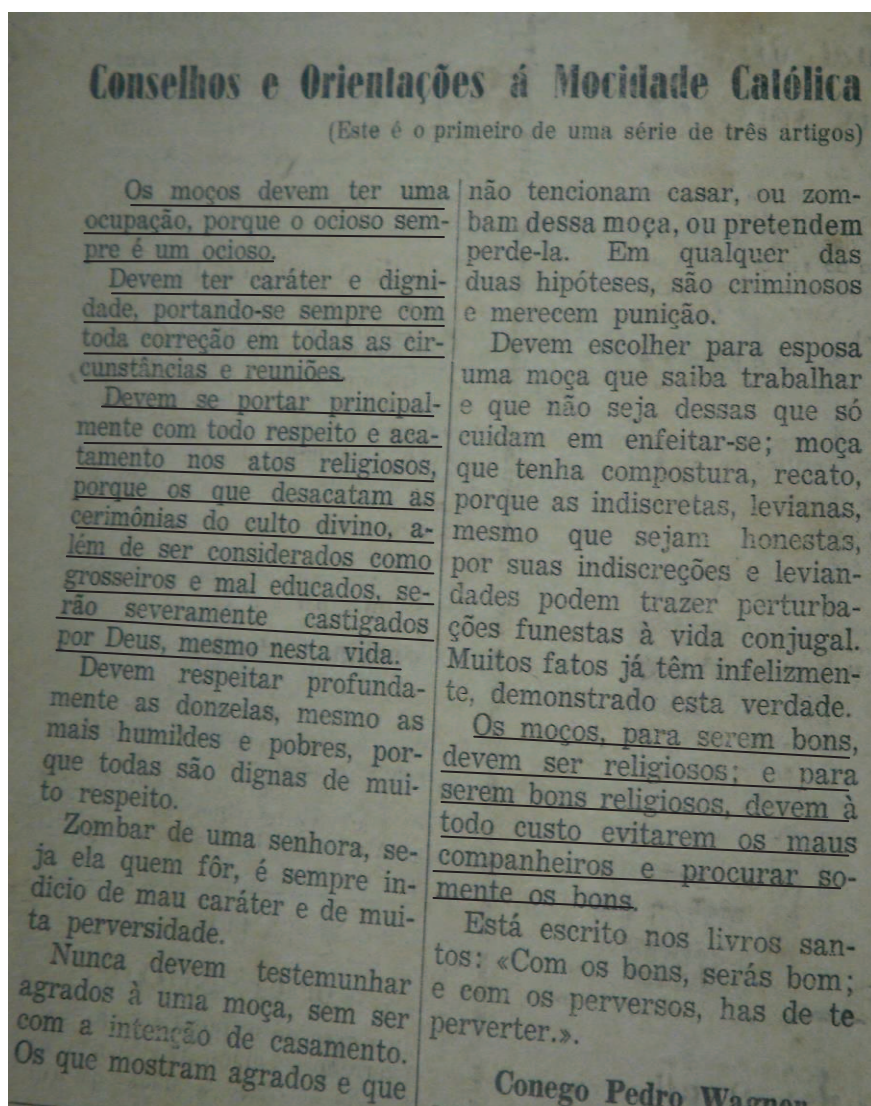


Fonte: Jornal Gravataiense (1952).

O documento nos mostra o saldo financeiro arrecadado na festa do Espírito Santo e entregue ao fabriheiro (responsável pelo registro das receitas da Igreja) nos permite concluir que a festa continuava sendo uma receita importante para as finanças da Igreja.

Outro registro importante é o artigo publicado no Jornal Gravataiense de 1952 pelo Cônego Pedro Wagner, como forma de orientar a mocidade de Gravataí em relação ao seu comportamento nos cultos e festas religiosas:

Imagem 18 - Conselhos e orientações à mocidade católica - 17 de Maio de 1952.



Fonte: Jornal Gravataiense (1952, p. 3).

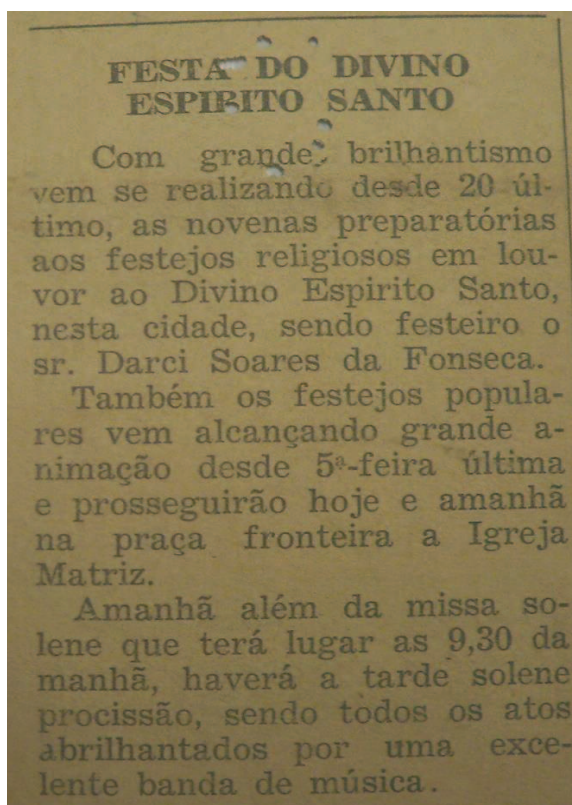
O artigo do Cônego Pedro Wagner<sup>28</sup> não somente quer orientar, pregar e promover a moral e os bons costumes, mas também doutrinar as mentes e as ações da população mais jovem, ou seja, moças e rapazes devem conter seus impulsos, caminhar conforme as sagradas escrituras, serem iniciados na vida

<sup>28</sup> O religioso era um homem de seu tempo, suas ações estavam autorizadas pela Igreja Católica, conforme Caldeira (2011, p. 83)[...] no início do século XX caracterizou-se, principalmente, por sua forte centralização. Esse processo centralizador sucedeu-se durante todo o século XIX, caracterizando-se pela luta que visava à manutenção do poder temporal e pela tentativa de barrar o influxo das ideias modernas em seu interior. Nesse sentido, o papel do Cônego Pedro Wagner era de manter a tradição dos bons costumes e orientar a sociedade gravataiense de acordo com os princípios morais da Igreja Católica.

religiosa através dos sacramentos do batismo, da crisma e do casamento. Desta forma serão homens de bem na sociedade gravataiense.

No ano de 1955 realizou-se o período das novenas como também a missa de coroação e benção do pároco ao festeiro do Espírito Santo e ao mesmo tempo foi realizado um grande esforço da comissão organizadora do festejo em criar um espaço de confraternização e divertimento à população.

Imagem 19 - Festa do Divino Espírito Santo – Maio de 1955



Fonte: Jornal Gravataiense (1955).

Após os atos religiosos desta festa com a participação da população era costume ocorrer danças, cantos e aproveitava-se as tendas e barracas onde havia sorteio de brindes, leilões, jogos, brincadeiras, comidas e músicas da banda militar que faziam da praça Dr. Borges de Medeiros um lugar da festa, isto é, a praça “[...] passa a ser o território do lúdico, do alegórico e por intermédio desse rito coletivo torna público o domínio do espaço”.<sup>29</sup>

No ano de 1956 encontramos nos relatos do pároco uma referência às novenas do Divino iniciadas com a instalação dos novos sinos da Igreja Nossa Senhora dos Anjos, conforme consta:

<sup>29</sup> ITANI, Alice. **Festas e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003. p. 47.

Trez Sinos Novos para a Igreja Matriz.

Os trez sinos novos, pesando cada um: 200, 300 e 400 kilos, descarregados do caminhão, entraram na Igreja de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Anjos de Gravataí, no dia vinte e trez de março de mil novecentos e cinquenta e seis (23/3/1956). Foram bentos por mim com autorização de Ima. Excia. Revma. Sr. Arcebispo D. Vicente Scherer, que não pode vir dar-nos esta honra e prazer. No dia 10 de maio deste mesmo ano de 1956 foram erguidos e colocados no campanario da torre, tocando a primeira vez, no dia seguinte, quando principiaram as novenas em louvor do Divino Espirito Santo. (Livro de Tombo I, 1956, p. 67).<sup>30</sup>

Devemos salientar que em 30 de Novembro de 1956 o Cônego Pedro Wagner comemorava seu jubileu de ouro de sacerdócio na paróquia de Gravataí. A festa contou com a participação do Arcebispo Metropolitano Dom Vicente Scherer, além das autoridades municipais e estaduais, sendo realizada uma esplendorosa festa ao seu estimado padre. Aqui é importante salientarmos o tempo de permanência do pároco na direção da Igreja Nossa Senhora dos Anjos. Ele foi o sacerdote que mais tempo permaneceu na administração de uma paróquia em Gravataí. No entanto, outro fato que marca a história da cidade é a renuncia do Cônego Pedro Vagner no dia 01 de Janeiro 1959, pelo fato de ter avançada idade (quase 80 anos) e não dispor de forças para continuar na direção da mesma. Quem assume em seu lugar é o Padre Adolfo Fontana.

No registro pastoral do ano de 1960, referindo-se à Celebração do Espírito Santo é informada à construção do salão paroquial entre a Igreja Nossa Senhora dos Anjos e o Ginásio Dom Feliciano, com os recursos arrecadados da Festa do Divino, conforme o escrito no relato abaixo. O festeiro neste ano era o senhor Otaviano Soares da Fonseca.

#### Salão Paroquial

Por ocasião da Festa do Divino Espírito Santo foi inaugurado o salão paroquial situado entre a Igreja e o ginásio Dom Feliciano. O sr. festeiro, Otaviano Soares da Fonseca foi a inspiração e a alma desta construção. É louvável o espírito que o tem animado nesta obra: Após 30 anos de ausência desta paróquia, voltou a residir nela e quis deixar algo que o representasse sempre, como um monumento, ao lado da Igreja, e por isso este esforço despendido em prol do salão. O povo concorreu generosamente, rendendo a festa Cr\$ 200.000,00. O custo do salão até este ponto foi de Cr\$ 250.000,00. Já agora temos um lugar para as festas e reuniões maiores. (Livro de Tombo I, 1960, p. 82).<sup>31</sup>

<sup>30</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 124.

<sup>31</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 125.

Nesta descrição, queremos destacar a ação do festeiro Otaviano Soares da Fonseca que não mede esforços para arrecadar recursos financeiros para a construção do salão paroquial. Observamos que o mesmo havia se afastado por 30 anos da paróquia e na sua volta ajudou a construir o monumento como forma de marcar sua devoção ao Espírito Santo. Cabe ressaltar que o valor arrecadado no festejo foi de Cr\$ 220.000,00, sendo o custo da obra de Cr\$ 250.000,00. Este dado informa e reforça o que estamos dizendo ao longo do capítulo: a força econômica que a celebração tinha na cidade, sendo constantemente revertidos os recursos da festa do Divino para as obras da Igreja Nossa Senhora dos Anjos e seu entorno.

Ao pesquisarmos sobre o fato relatado, encontramos um anúncio no Jornal Gravataiense falando da mobilização da população em levantar o valor restante para a conclusão das obras do salão paroquial durante a Festa do Espírito Santo no ano de 1961.

Imagem 20 - Festa do Divino Espírito Santo - 13 de Maio 1961



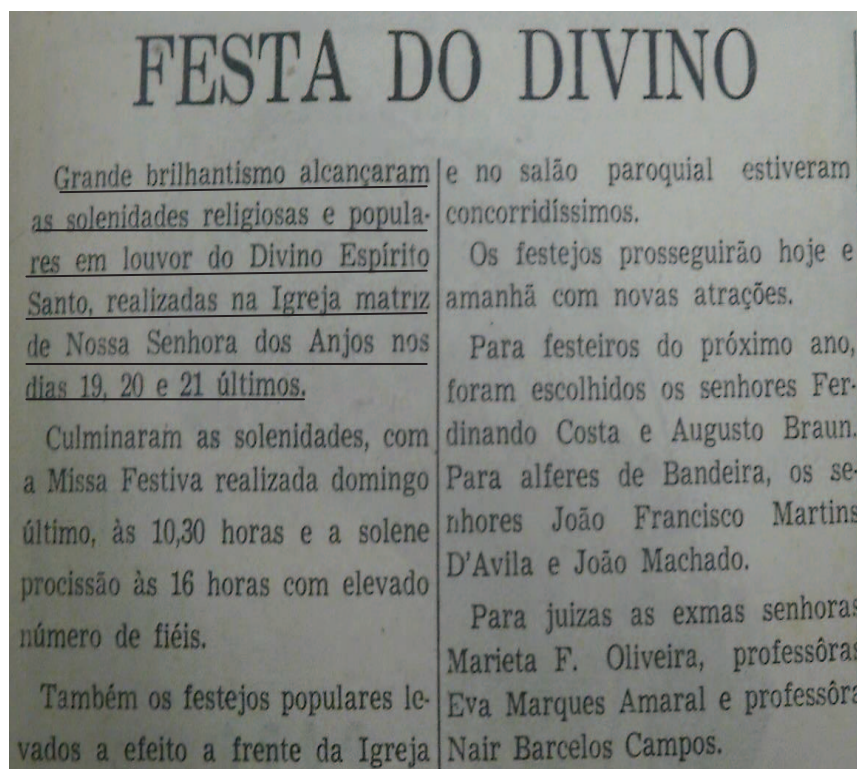
Fonte: Jornal Gravataiense (1961).

As novenas do ano de 1961 foram bastante concorridas sendo realizadas pelo Padre Adolfo Fontana, como podemos observar no registro pastoral inserido

no livro de Tombo I: “Também neste ano, a festa do Divino Espírito Santo foi precedida por novena solene, muito concorrida.” (Livro de Tombo I, 1961, p. 84).<sup>32</sup>

Podemos afirmar que o objetivo de arrecadar fundos para a obra da Igreja foi alcançado através desta celebração. Esse entendimento fica claro nas informações apresentadas em mais um anúncio que convoca a comunidade e descreve o esplendor do festejo:

Imagem 21 - Festa do Divino - 27 de Maio de 1961.



Fonte: Jornal Gravataiense (1961).

O interessante a observar na descrição do documento são os dois tempos da festa que estão ali explicitados. O primeiro, do espaço religioso com as novenas, a missa e a procissão; e o outro com as danças, apresentações, músicas, sorteios. Conforme Martine Segalen (2002, p. 20):

O traço distintivo do pensamento religioso é separar o profano do sagrado. O fenômeno religioso se caracteriza sempre por uma divisão do universo, conhecido e cognoscível, em dois gêneros que compreendem tudo aquilo que existe, mas que excluem radicalmente: as coisas sagradas- que os interditos protegem e

<sup>32</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 125.



isolam; e as coisas profanas- às quais se aplicam os interditos e que devem permanecer distantes das primeiras.<sup>33</sup>

Em outras palavras o espaço social comporta a relação entre o sagrado e o profano que estão presentes na Festa do Espírito Santo e falam da interação do indivíduo com a comunidade, ou seja, como ele deve agir e seguir as regras estabelecidas, ou não, de acordo com a esfera em que está inserido.

No ano de 1962 a celebração do Divino contou com as novenas realizadas pelos religiosos do Seminário São José. Assim é que constam nos registros pastorais do Padre Adolfo Fontana:

No dia 1º do ano, na missa das nove horas, foi invocado o Divino Espírito Santo com mais luzes e graças para o novo ano. As pregações da novena solene para o Divino Espírito Santo, como sempre, esteve a cargo dos Padres do Seminário, os sacramentos e a Ação do Espírito Santo. - Na última noite dois padres fizeram diálogos sobre diversas dificuldades atendo-les ao tema das pregações. [...]. (Livro de Tombo I, 1962, p. 88).<sup>34</sup>

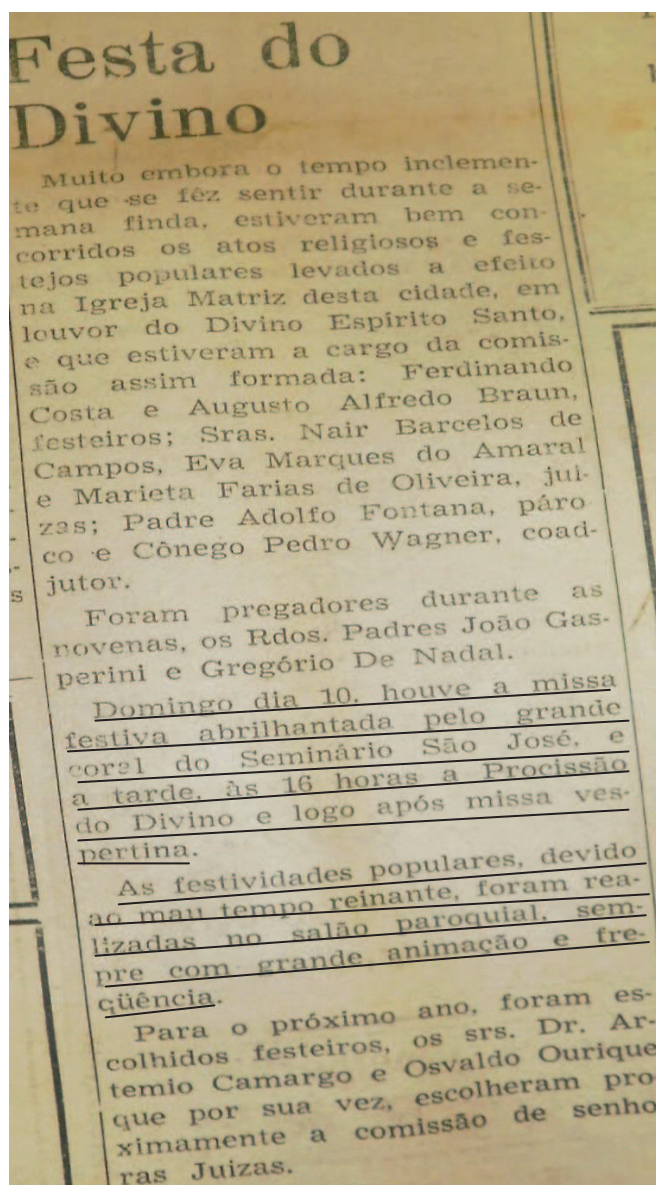
Neste mesmo ano a festa foi marcada pelo tempo chuvoso que não favoreceu aos ritos da festa, mas os participantes junto com o festeiro, as juízas e o alferes da bandeira procuraram se empenhar ao máximo para manterem o brilho e a grandiosidade do festejo, sendo o mesmo realizado no salão paroquial. Observamos também que fora escolhida a comissão para o próximo ano de 1963, como podemos verificar no anúncio a seguir:

---

<sup>33</sup> SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

<sup>34</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 126.

Imagem 22 - Festa do Divino - Maio de 1962.



Fonte: Jornal Gravataiense (1962).

O ano de 1963 é marcado por algumas alterações na Paróquia Nossa Senhora dos Anjos. O primeiro acontecimento fala da saída do Padre Adolfo Fontana, sendo substituído pelo Padre Milton Velho Pacheco. O segundo a transferência do Cônego Pedro Wagner para a fazenda do Seminário São José em Glorinha, após é nomeado como Capelão do Hospital do Dom João Becker.

Em relação à Festa do Divino Espírito Santo o Padre Milton Velho Pacheco destinará os recursos da celebração deste ano para Hospital Dom João Becker que está em obras. As novenas do Divino contaram com a participação da Banda da Brigada Militar, disponibilizada pelo coronel da corporação. As bandeiras, por fim,

saíram e percorreram os bairros e arredores da cidade. Como verificamos no seguinte anúncio:

Imagem 23 - Festa do Divino Espírito Santo - 11 de Maio 1963.

**Festa do Divino Espírito Santo**

Estão sendo preparadas grandiosas festividades em louvor do Divino Espírito Santo. A Comissão festeira integrada pelos srs. Artêmio Camargo e Avelino Rosa, da srta. Zeli Bianco, e das sras. Edi Soares Fonseca e Nilza Vargas de Jesus, está envidando grandes esforços para que a Festa alcance o maior brilhantismo e bem assim pa-

ra que resulte bom resultado financeiro: já que o resultado total, segundo deliberação do Revmo. Pe. Milton Pacheco, Vigário da Paróquia, será entregue à direção do Hospital Dom João Becker, como auxílio às obras em andamento.

A partir do dia 24 do corrente mês, sempre as 19,30 horas, serão realizadas novenas populares, abrihantadas pela Banda da Brigada Militar, gentilmente cedida pelo Cel. Otavio Frota, digno Comandante Geral da Corporação.

Domingo próximo, após a última missa, sairão as Bandeiras de Divino Espírito Santo, percorrendo os bairros e adjacências da cidade.

**PREFEITURA MUNICIPAL DE GRAVATAI**  
**EDITAL N.º 3/63**  
**«Prazo para pagamento de Impostos»**

Fonte: Jornal Gravataiense (1963).

As informações descritas acima, nos permitem identificar as diferentes áreas do tecido social por onde a celebração circulava o que justifica seu prestígio e sua importância no período. Um exemplo do que falamos é a esfera política, presente em todos os cenários do festejo, reúne os grupos sociais que dialogam, negociam, estabelecem tratados, conforme seus interesses em jogo. Essa afirmação pode ser constatada no documento a seguir:

Imagem 24 - Festa do Divino Espírito Santo - 04 de Maio de 1963.

# Festa do Divino Espírito Santo

Aproxima-se a Festa do Divino Espírito Santo. Neste ano a 2-6-1963 é digno Festeiro o Sr. Dr. Ar-témio Camargo e sua Exma. esposa Dona Wilma. Julzas as exmas. sras. Edi S. Fonseca e Nilza Vargas de Jesus e a sria. Zell Blanco, sendo al-feres de Bandeira o sr. Avelino Ro-sa. Eles guiados pelo Revmo. Sr. Pároco, Pe. Milton Velho Pacheco convidam o povo, não só desta pa-róquia, mas de todo o município de Gravataí, para celebrarem e assisti-rem, a festa, dedicando o resultado financeiro ao Hospital Dom João Becker, que, em seu grande aumen-to, precisa de verba, a fim de que a construção seja acelerada e garan-tida. O pequeno edifício, já existen-tido.

te, é insuficiente para se poder aten-der a todos que o procuram.

Assim sendo, solidarizo-me com és-te grande empreendimento e com en-tusiasmo convido a todos para cola-borarem, conforme podem. Mas é preciso «meter a mão e ajudar». O Hospital é dos Gravataitenses! — Por toda parte o povo ergue grandes hos-pitais. Porque é que nós, tendo a frente estas heróicas Irmãs do Cora-ção de Maria, que em grande parte, sózinhas, já colocaram os fundamen-tos e levantaram paredes, não as ajudaremos, cõntes que lutam com grande dificuldades, para poderem continuar?

Esta Festa será portanto o nosso

auxílio. Se todos compreenderem o grande valor social, patriótico e cris-tão deste empreendimento, tudo se torna fácil. «Mas é preciso com-preender» que este hospital é nosso e portanto será o valioso testemu-nho do cultivo es'arecido e ativo do nosso bom Povo.

Coragem portanto, auxiliemos aos Srs. Festeiros, ao nosso distinto Vi-gário e as Revmas. Irmãs, que com toda confiança esperam ser auxilia-das, por todos os moradores do mu-nicípio de Gravataí. O trabalho é árduo, grande a luta, mas a vitória e a glória será o nosso galardão. Sem luta não há vitória e sem vitória não há glória.

Sim, tu podes ajudar: Es criador, podes dar um boi ou uma vaca (des-culpa mas tu podes). Tens qualquer outra criação, podes dar um, ainda que seja só um frango ou galinha. Es plantador, podes dar cereais da tua lavoura (arroz etc.). Tens uma industria podes dar o lucro de um dia. Es operário, também podes dar o lucro de um dia. Tudo conforme as possibilidades. Nada de exigên-cia. Mas é preciso que cada um ve-

na entregar a sua oferta aos srs. Festeiros ou ao Vigário. A oferta vem-se colocar sobre o altar. Não basta dar é preciso entregar. Que-rer que o Festeiro procure é fazer a parte do doente que espera em casa para o médico vir procurá-lo e levá-lo ao hospital. Nenhum doente faz isto. Com todo sacrificio vem pro-curar o hospital e o médico.

(a.) Côn. Pedro Wagner.

## Nossa Terra, Nossa Gente

*“Apontamentos para a monografia de Gravataí”*

Escreve A. MARTHA

(Conclusão da carta do número anterior — a. Moraes Sarmento)

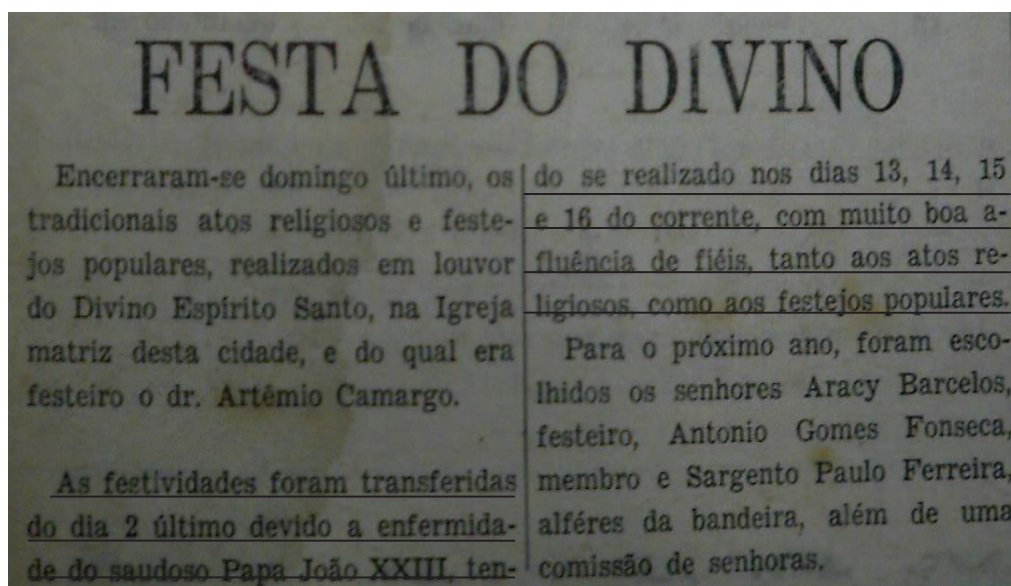
Fonte: Jornal Gravataiense (1963).

Na descrição do anúncio podemos entender a dimensão social que a celebração do Divino Espírito Santo ocupava na sociedade gravataiense. A convocação do celebre Cônego Pedro Wagner (na condição de Capelão do Hospital Dom João Becker), solicita ajuda de todos para que ajudem com algum recurso na finalização das obras do hospital.

Nessa perspectiva, Amaral (2012, p. 73) em seus estudos sobre as festas brasileiras nos dá a compreensão de “[...] que o fenômeno [festa], entre nós, é ainda mais complexo; ele nega, afirma e medeia as múltiplas dimensões da cultura e da vida social.”<sup>35</sup> Sendo assim, a festa transita pelas dimensões do corpo social, fala dos sujeitos, de suas ações, de suas intenções, como também representa as vivências e os saberes de uma sociedade.

O festejo é marcado neste mesmo ano com a morte do Papa João XXIII no dia 03 de junho, vítima de um câncer, sendo prorrogado o fechamento da festa em virtude do acontecido. Como de costume, também foi eleita a próxima comissão festiva. Assim consta no anúncio:

Imagem 25 - Festa do Divino – 29 de Junho de 1963



Fonte: Jornal Gravataiense (1963, p. 2).

<sup>35</sup> AMARAL, Rita. Para uma Antropologia da festa: questões metodológicas-organizativas do campo festivo brasileiro. In: AMARAL, Leila. PEREZ, Léa Freitas. MESQUITA, Wania. (Orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 73.

O Padre Milton Velho Pacheco em seus relatos pastorais de 1964 fala das novenas do Divino, da missa, da procissão e de seu pronunciamento em frente a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, de forma modesta e simples, conforme segue:

Festa do Divino.

A novena de preparação para a festa do Divino Espírito Santo iniciou em 7 de maio – Missa com sermão às 8 hrs da noite. As legações estavam ao cargo dos Padres do seminário e o tema era: a igreja em seus vários aspectos.

No dia da festa de Pentecostes as 4 hrs da tarde, procissão do Divino em redor da praça. Depois da procissão sermão na escadaria da igreja e missa dentro da igreja. (Livro de Tombo I, 1964, p. 93).<sup>36</sup>

Este ano não foi de grandes comemorações na vida religiosa da cidade de Gravataí, primeiro porque os recursos foram escassos e segundo porque a contribuição dos fieis em relação ao dízimo baixou. Além disso, a população com idade avançada estava morrendo, conforme consta na estatística que o pároco faz no período: “[...] média de vida da população 43 anos, 30% menos de 20 anos, falecidos 62 pessoas em 1964.” (LIVRO DE TOMBO I, 1964, p. 96).

O ano de 1965 foi marcado por reformas na Igreja Nossa Senhora dos Anjos, cursos oferecidos pelo MEC (Ministério da Educação) e SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) para população local como forma de comemorar o dia do trabalhador e contribuir para o desenvolvimento industrial da cidade. Segundo os escritos do Padre Milton V. Pacheco, em 1º de maio de 1965:

Na festa missa com comunhão geral; logo em seguida café e hora de arte pelas almas de Dom Feliciano. Para assistência.

Conseguimos trazer para Gravataí curso de especialização industrial, de suma importância para o desenvolvimento da cidade. Estes cursos são supervisionados pelo SENAI e pagos pelo M.E.C.

Cursos para homens: 40 inscrições.

1. Calculo tecnico de mecanica

2. Tecnologia mecânica

3. Leitura e interpretação de desenho de mecanica. (Livro de Tombo I, 1965, p. 97).<sup>37</sup>

Este acontecimento fala do momento pelo qual o Brasil está voltado para uma política econômica com bases na industrialização. Haverá a promoção de

<sup>36</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 126.

<sup>37</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 127.

cursos de aperfeiçoamento industrial para a população das cidades, bem como a instalação de parques industriais. Bartz (2011, p. 145) apresenta o contexto do planejamento econômico brasileiro:

A migração das indústrias para fora das grandes capitais, aproveitando espaços ainda não explorados, era um dos objetivos dos planejadores econômicos da Ditadura Militar (1964), como forma de viabilizar o “Milagre Econômico Brasileiro”. No início da década foi projetada e construída a BR-290, que ligou o Rio Grande do Sul ao Resto do Brasil pelo litoral. Esta estrada passava por Gravataí e isto viabilizou a migração de indústrias de Porto Alegre para o município. Mas esta mudança de um parque industrial deveria ser planejada, por isto criaram-se projetos para implantação de áreas industriais e distritos industriais no estado, sendo que Gravataí foi escolhida para abrigar uma destas áreas.<sup>38</sup>

Retomando o percurso da celebração do Espírito Santo, em maio de 1966 registramos informações sobre a Festa do Divino Espírito Santo apresentando os rituais da celebração e a parte popular, que se repetia com danças, comidas, sorteios, leilões e muita música na praça. Um novo pároco, Padre Eugenio Driessen, inicia neste ano os relatos pastorais no Livro Tombo II fazendo um levantamento dos terrenos que, ainda restam na relação do patrimônio da Igreja Nossa Senhora dos Anjos, conforme segue:

Festa do Divino.  
Realizou-se a novena tradicional em preparação à festa do Divino. Durante os 6 primeiros dias houve missa com as orações da novena. Os últimos 3 dias missa com sermão – M. Antonio Jouleir de Porto Alegre. No ultimo dia Ele rezou uma missa no rito maronita, qual o povo assistiu com muita devoção.  
 Domingo de Pentecostes: Missa cantada pelo coro do seminário às 9.30 hrs e de tarde procissão em redor da praça às 16 hrs. [segue programação...]. (Livro de Tombo II, 1966, p. 05).<sup>39</sup>

O ano de 1967 trouxe vários acontecimentos que agitaram a cidade, evidenciados por alguns traços de modernidade ocorridos na celebração do Divino uma vez que os festeiros promovem um jantar “estilo americano”. A cultura

<sup>38</sup> BARTZ, Frederico Duarte. **A cidade fabril mobilizada**: uma introdução ao estudo do movimento dos trabalhadores organizados na cidade de Gravataí. *In*: Raízes de Gravataí: memória, história e cidadania. JACHEMET, Célia Silva; BARROSO, Vera Lucia Maciel. (org.) Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul: Porto Alegre: EST: Evangraf, 2011. p.143-153.

<sup>39</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 127.

americana apresenta-se no período como uma referência ao “ser moderno”. Assim consta no registro pastoral:

Jantar americano.

Durante toda a semana a Assistência era bem grande assim como o numero das Comunhões.

Como novidade em Gravataí os festeiros do Divino eventaram organizar um jantar americano, um mês antes da festa de Pentecostes. As pessoas tomaram parte ao jantar de confraternização. Todos gostaram. Rendeu NCr. 325. m. (Livro de Tombo II, 1967, p. 8).<sup>40</sup>

O Jantar foi um sucesso, tanto que os festeiros do Divino promoveram novamente o jantar uma semana antes do início da celebração.

No campo econômico a modernização em Gravataí se apresenta com a instalação de duas fábricas na região, a Madequímica S.A. Indústrias de Madeiras Têrmo-estabelizadas e a Fábrica de Formol Mal Mascarenhas de Morais. A inauguração contou com a presença do então governador do Estado do Rio Grande do Sul Walter Peracchi de Barcelos. De acordo com o relato pastoral e o anúncio registrado pelo Padre Eugenio Driessen no livro de Tombo II (1967):

Inauguração 2 fabricas.

Aos 14 de junho de 1967 o governador do estado Peracchi Barcelos inaugurou em Gravataí 2 fabricas, ou seja Madequímica S/A e fabrica de formol, ambas pertencentes ao grupo Resinpla, situado na várzea em Gravataí. O Jornal Correio do Povo publicou a seguinte notícia: [segue notícia] (Livro de Tombo II, 1967, p. 10).<sup>41</sup>

Apresentamos, na página seguinte, o artigo anexo à referida página do livro de Tombo II (1967):

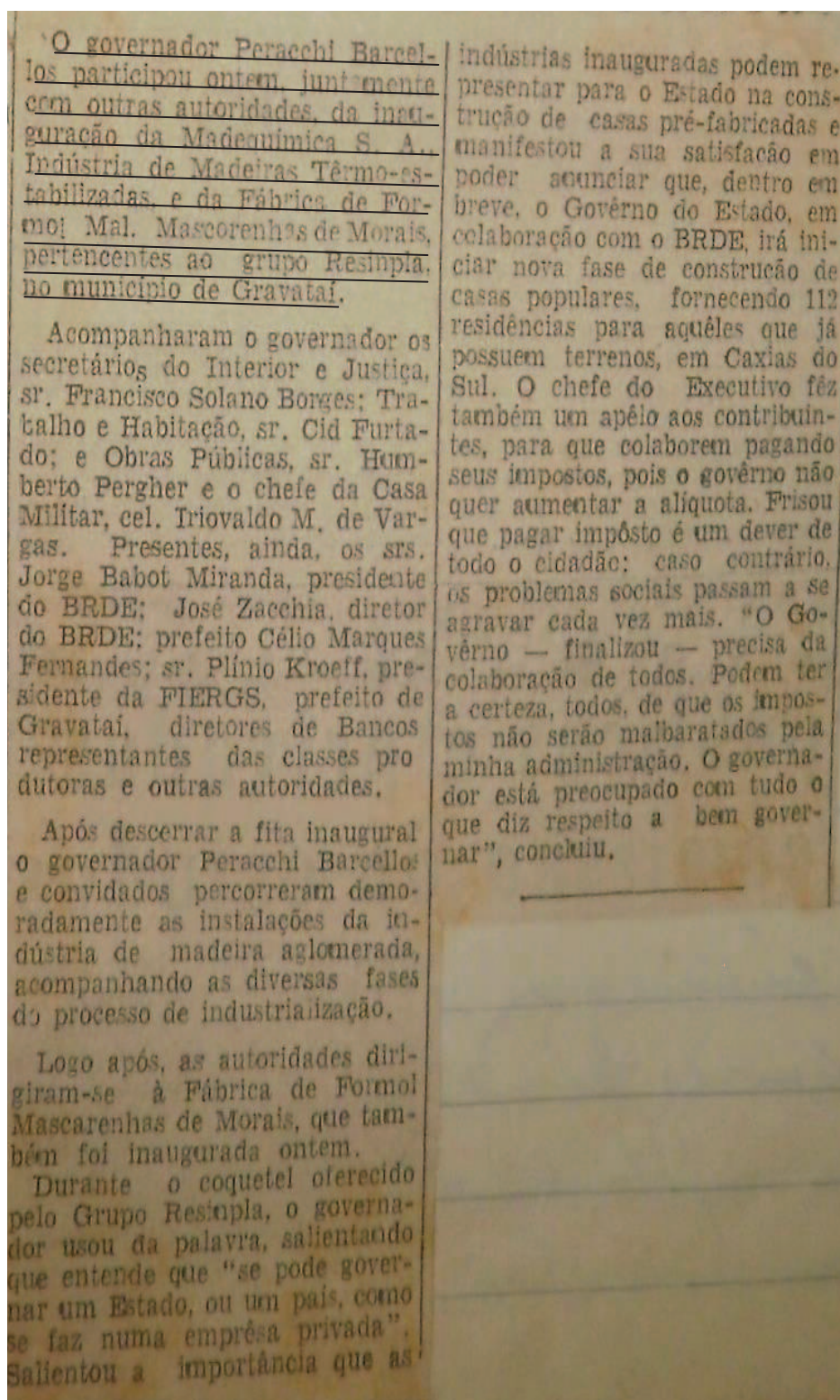
---

<sup>40</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 127.

<sup>41</sup> O acesso a este documento, na íntegra, encontra-se nos anexos p. 128.



Imagem 26 - Anexo ao Livro Tombo II - 14 de Julho de 1967.



Fonte: Livro Tombo II (1967, p. 10).

Em 1968 o Padre Eugenio Driessen se despede da comunidade gravataiense e assume a direção da Igreja Nossa Senhora dos Anjos o Padre Santo Lorenzato até o ano de 1973.

A paróquia neste período passa por algumas dificuldades econômicas, mas são controladas graças às celebrações religiosas, como a Festa do Espírito Santo que ajudam na receita da Igreja. Entre os anos de 1969, 1970, 1971 e 1972 a festividade começa a ser o principal recurso econômico da paróquia, no sentido de ter uma generosa receita. Como consta no último registro pastoral do Padre Lorenzato de 1972:

Festa do Divino Espírito Santo.

A festa do Divino, tradicional nesta paróquia a quase duzentos anos foi preparada com um novenário de missas, pregações e orações especiais, sendo assim, talvez a maior festa que realizamos espiritualmente. Igualmente na parte material, não houve outra que a superasse. (Livro de Tombo II, 1972, p. 23).<sup>42</sup>

Nos relatos pastorais de 19 de dezembro de 1972 o pároco Lorenzato registra que teve desavenças com o Arcebispo Metropolitano Dom Vicente Scherer. Segundo o pronunciante o arcebispo teria dito que ele “[...] nada fez e nada estava fazendo na paróquia de Gravataí”. (LIVRO TOMBO II, 1972, p. 24). Ao refletirmos sobre os fatos, percebemos que o Padre Lorenzato estava tendo muitos gastos e investimentos em ações paroquiais que não surtiam efeitos e rendas para a arquidiocese. O término da questão deu-se com a transferência do mesmo, sendo o novo pároco de Gravataí o Padre Alvaro Naschung em 04 de Fevereiro 1973.

Este pároco trouxe esclarecimentos sobre o acontecido. Nos seus relatos de 1973, em relação à Assistência Social da Paróquia, disse que havia um rombo financeiro provocado por um homem desconhecido da comunidade que se dizia construtor e estava prestando serviço à mesma, uma vez que fora contratado na gestão anterior (Administração do Padre Lorenzato). Este fato dividia a comunidade paroquial, pois alguns membros queriam reaver o valor já repassado ao suposto construtor e outros queriam a conclusão da obra. Por fim, o homem fugiu da cidade deixando enorme dívida para a Assistência Social da Paróquia Nossa Senhora dos Anjos.

Em outro relato pastoral o pároco responde ao nosso problema de pesquisa esclarecendo por que a Festa do Divino Espírito Santo fora interrompida em 1973, nestas palavras: “Não foi possível realizar a Festa do Divino e tão pouco a de N<sup>a</sup>

---

<sup>42</sup> Para acesso a este documento, vide anexos pp. 129.

Sra. da Conceição por omissão total e completa das comissões festeiras nomeadas para isto.” (Livro de Tombo II, 1973, p. 27).<sup>43</sup>

Segundo o registro do padre a comissão festiva se omitiu em realizar suas obrigações. Observamos ainda, que o registro pastoral vai ao encontro da entrevista concedida pela ex. Imperatriz do Divino do ano de 2007 Dona Lizete:

Jairton: “Desde quando vem sendo realizada a festividade do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí?”

É. A festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí, eu acho que se realizou desde que os açorianos vieram para cá, mas lá pela década de setenta essa festa parou. Não se fez mais a festa e dizem que por causa da festa da padroeira que era muito próxima, [...] a festa ficou assim por mais de 30 anos sem que tivesse Festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí.

Portanto, a Festa do Divino foi interrompida no ano de 1973 especificamente e retomada no ano de 2002 por novos grupos sociais da comunidade de Gravataí. Entendemos também que além dos eventos internos da paróquia, o processo de modernização da cidade colaborou para que a tradição festiva fosse interrompida, perdendo o sentido anterior. Nos anos posteriores, não há registro da celebração.

A partir do exposto é importante pontuarmos alguns acontecimentos em torno da celebração do Divino apresentados ao longo do capítulo. Um deles é que a festa escreve, ao longo do tempo, a história da cidade de Gravataí por atingir diversos campos da vida social. Isto está representado na forma como os grupos sociais formados por comerciantes, fazendeiros, religiosos, prefeitos, professoras e outros atuaram e fizeram desta celebração um dos maiores símbolos da urbe.

Outro fato a destacar é a personalidade forte e marcante na história do festejo do Espírito Santo, do Cônego Pedro Wagner (01/06/1913 até 01/01/1959). Ele reorganizou as finanças da Igreja Nossa Senhora dos Anjos, recuperou terrenos que pertenceram a Irmandade Nossa Senhora dos Anjos e Santíssimo Sacramento em favor da paróquia, aplicou recursos financeiros em obras sociais, centralizou e coordenou a Festa do Espírito Santo, bem como gerou receitas para paróquia através da mesma, reordenou a vida da comunidade com suas orientações de moral e de bons costumes, fez intervenções na política local em

---

<sup>43</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 129.

favor dos interesses da igreja. Com isto destacamos o prestígio construído pelo Cônego perante a sociedade gravataiense e a Arquidiocese de Porto Alegre. Enfim, o vemos como um homem que deixou um importante legado na administração da paróquia.

Outro elemento de destaque na festividade do Divino em Gravataí foi o lugar de sua realização: a Praça Dr. Borges de Medeiros. Espaço de lazer, de descontração, de música, de danças, de brincadeiras, enfim espaço de sociabilidade, onde as pessoas podiam extravasar sair da rotina, aflorar suas emoções. Além disso, era o momento de agradecer às graças alcançadas através do Divino.

No campo socioeconômico da cidade de Gravataí a Festa do Espírito Santo foi sendo atingida aos poucos pelos avanços da modernidade, ou seja, na década de 1960 a cidade passou por um crescente processo de industrialização com o aperfeiçoamento da população através de cursos industriais e o estabelecimento de indústrias na região. A vida social entra em outro ritmo, o de consumir produtos industrializados, assistir programas televisivos, adquirir aparelhos domésticos. Enfim, Gravataí sai de um tempo rural mais lento onde a tradição era vivida e revivida pelos sujeitos e entra no campo da modernização urbana e do tempo acelerado.

#### 4 A REINVENÇÃO DA FESTA DO DIVINO NA CONTEMPORANEIDADE

A Festa do Divino Espírito Santo, após 29 anos sem ser praticada, foi retomada no ano de 2002 pela comunidade de Gravataí. A tradição<sup>44</sup> é revivida, mas a “nova festa” vem involucrada em outra lógica que é a do mercado do turismo. Ela também está inserida em um contexto cultural açoriano que passou a ser valorizado na atualidade. A Festa do Divino Espírito Santo passa a ser então um produto no calendário festivo de Gravataí que divulga e traz dividendos ao município. A celebração e seu entorno pertencem agora a comerciantes, festeiros, memorialistas, pesquisadores das Festas do Divino e também a instituições como a Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS), a Igreja Nossa Senhora dos Anjos e a Prefeitura Municipal através da Fundação Municipal de Arte e Cultura (FUNDARC). Tal constatação nos leva a refletir sobre o avanço da modernidade e à percepção das alterações impulsionadas pela globalização.

Gravataí vai se tornar, na contemporaneidade, uma cidade polo no desenvolvimento industrial. Esse processo iniciado a partir dos anos de 1970 ganhará destaque no panorama socioeconômico sul-rio-grandense. Estes aspectos farão emergir a necessidade de (re)valorizar a cultura histórica gravataiense, reportando-nos às tradições, aos costumes e às suas “identidades”<sup>45</sup> estando entre elas a Festa do Divino Espírito Santo.

Ao pesquisarmos sobre a cultura de Gravataí, observamos que as práticas culturais da comunidade gravataiense passaram por alterações ao longo de sua história, em meio a mudanças nos campos social, político e econômico. Isso afetou diretamente as relações, os comportamentos, os hábitos e os costumes da cidade. Assim, ela passa a ser não mais uma comunidade com hábitos rurais, com o tempo

---

<sup>44</sup> Esse conceito é apropriado para costurarmos com a Festa do Divino Espírito Santo e sua reinvenção no século XXI. A festa é atualizada pelos seus participantes com novos elementos e rituais. Nesse sentido, Hobsbawn (2014) nos orienta a pensar na “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (p.8).

<sup>45</sup> Compreendem-se Identidades conforme Stuart Hall, como um processo do sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (HALL, 1997, p. 13).

ordenado e a vida “na santa paz”, mas, conforme aponta Bauman (2002, p. 36), “[...] ela segue agora uma outra rotina artificialmente projetada e coercitivamente imposta e monitorada”.

Podemos pensar, então, que a comunidade de Gravataí no decorrer de sua história pode ser dividida em dois tempos: o que tinha um estilo de vida rural e era mais sereno e o dos dias atuais, onde a cidade precisa dar conta das transformações ocorridas no seu seio social e jogar com o local e o global, ou seja, abarcar as alterações da modernidade e conectá-las à comunidade, sem perder o norte e, ainda, assegurar a continuidade da tradição local, frente à sociedade de consumo. Nesse sentido é que a tradição é reinventada pelos sujeitos sociais.

Nessa linha de lembrança do festejo apresentamos o registro do Padre Monsenhor Aloysio Irineo Flach no livro Tombo II - Ano 2003, p. 46 - onde mostra que a celebração foi revivida e vem sendo aclamada pela população de Gravataí <sup>46</sup>:

Festa do Divino

Está sendo revitalizada, redescoberta a Festa do Divino Espírito Santo. Há ótima aceitação na comunidade e com isso a Devoção ao Espírito Santo está crescendo muito e esse é verdadeiramente o objetivo porque precisamos incentivar essa festa.

A Festa do Divino na comunidade (re)significa-se a partir das novas atualizações que foram registradas em um catálogo. Nesta documentação consta o registro fotográfico e os memorandos formulados pela FUNDARC ao incentivar o reinício da celebração na cidade. Como consta na imagem a seguir:

---

<sup>46</sup> Para acesso a este documento, vide anexos p. 129.

Imagem 27 - Capa do catálogo da Festa do Divino 2002 - Resgate da Festa do Espírito Santo



Fonte: Catálogo da Festa do Divino (2002).<sup>47</sup>

Na documentação do “Catálogo da Festa do Divino 2002” é apresentado um dos elementos da alteração na festa. Falamos aqui, das “lembranças da Festa do Divino”, que eram feitas de modo simples, conforme os recursos gráficos do início do século XX. Como podemos observar na notícia do jornal Correio de Gravataí de 2005, falando sobre a memória do festejo:

---

<sup>47</sup> A referência de catálogo foi nomeada por nós, por assim estar estruturada a documentação da Festa do Divino Espírito Santo no ano de sua retomada 2002.

Imagem 28 - A memória da Festa do Divino - Convite de maio de 1926.

# A memória da Festa do Divino

Festa do Divino de Gravataí será neste domingo, na Igreja Matriz.  
Gente que participou ou que ouviu falar lembra as antigas festas

A Festa do Divino, neste domingo, 9h30min, na Igreja Matriz, faz gente de Gravataí lembrar das antigas comemorações. É o caso de Nilton Miguel de Souza, que guarda entre as relíquias um convite original de 23 de maio de 1926 – edição que teve como patrono Cássio Soares, avô do presidente do Paladino, Cláudio Fonseca, que fala do avô com orgulho.

O festeiro de 1926 era casado com Eulália da Silva Soares (Dona Pispita) e tinha quatro filhos e quatro filhas. Todos participavam das Festas do Divino. Cássio tinha um comércio na esquina da Anápio Gomes com a Coronel Fonseca, num prédio ainda existente,



Arquivo/CG



■ **Claudio Fonseca** dio. “Lembro que a gente chegava na casa do vô e já sabia se ele estava, por causa do perfume da Glostora (marca de brilhantina) que ele usava e pelo cheiro perfumado dos charutos que fumava. A vô era mais severa com a gente. Mas o vô nos protegia em tudo”, recorda. Dona Eutália faleceu aos 103 anos.

■ **Convite de maio de 1926** te, de 1915. “Ele vendia de tudo, desde fazendas e ferramentas até feijão e arroz”, conta Edílio Soares da Fonseca, poeta do Clube Literário. “E nos fundos existia um moinho de arroz”, recorda o neto Cláudio.

Fonte: Jornal Correio de Gravataí (2005).

No centro do documento, a imagem da lembrança da celebração, denominado na notícia “convite de maio de 1926”, permite verificar que o material gráfico não dispunha de grandes recursos, sendo impresso em preto e branco. Ao chegarmos ao século XXI quando temos as gráficas possuidoras de tecnologia avançada, são produzidos folders elaborados com recursos digitais. Seguem exemplos do material impresso sobre a festividade: o primeiro, em 2002 e, em sequência, 2003, 2004, 2006, 2010 e 2014:



Imagens 29 a 34 - Folders da Festa do Divino Espírito Santo.



Fonte: Acervo do autor.

Os folders são registros da força que a celebração do Divino conquistou, ou melhor, retomou no espaço social da cidade de Gravataí. É interessante observar que a cada ano, após a restauração da prática festiva, a publicação desse material gráfico segue um aprimoramento do design. Isto nos indica que o investimento econômico vem sendo crescente por parte das instituições envolvidas no festejo.

Nesse sentido, apontamos uma das instituições que teve um papel importante na revalorização da festa: a CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul), fundada no ano de 2003, com o propósito de resgatar as raízes açorianas da comunidade de Gravataí, bem como de promover a valorização e divulgação da açorianidade no mundo por meio do apoio a estudos e pesquisas sobre o tema.

Imagem 35 - Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS) - Gravataí/RS.



Fonte: Acervo do autor (2007).

A CAERGS faz parte das onze casas existentes no mundo que buscam representar a cultura açoriana e promovem diferentes ações culturais e educacionais, no sentido de reviver a tradição dos ilhéus nas localidades por onde passaram.

Temos, ainda, a Prefeitura Municipal de Gravataí (PMG), que reconhece a festividade como parte da história da cidade, havendo a participação e incentivo do poder executivo na promoção do evento. Esta informação fica clara na imagem a seguir:

Imagem 36 - Catálogo da Festa do Divino de 2002 - Prefeitura de Gravataí.



Fonte: Acervo do autor.

A fotografia acima na mostra não apenas um discurso de apoio, mas a materialização do mesmo, com a Prefeitura de Gravataí ornamentada com faixa, balões e um pequeno altar em louvor ao Espírito Santo significando sua adesão ao evento. Devemos registrar que o apoio não fica somente na manifestação alegórica referida, mas em ações políticas, como a criação de uma comissão chamada “Resgate: Festa do Divino Espírito Santo” via FUNDARC, conforme ficou registrado no Catálogo da Festa do Divino 2002 - Memorando da FUNDARC sobre a comissão de “Resgate: Festa do Divino Espírito Santo”:

Reunião FUNDARC em 25/03/2002 às 18h

Tríduo dias 15, 16 e 17/05/2002

Dia 19/05 – Missa e procissão

FUNDARC cartazes para promover evento

Contato com pessoas p/o resgate das festas passadas (Itamar, Cícero, Celeste, Dr<sup>a</sup> Cici, Dulce, Genoveva Braun, Anita Braun).

Fazer chamamento através do jornal, coluna do Cláudio Wurlitzer, solicitar reportagens, fotos, documentos...

Para cada noite do Tríduo, fazer: uma mini palestra, grupo de dança “Rancho Folclórico Estância Província de São Pedro”, Teatro com os Seminaristas.

Uma parte lucrativa – (Grelhados) R\$: 10,00 / passou para R\$ 8,00

Próxima reunião 1º/04 e 08/04/2002

Ângela leu o bilhete do padre Sérgio, lembrando os festejos do Divino Espírito Santo,

“A Festa do Divino Espírito Santo”, tem como origem uma promessa da Rainha Santa Isabel de Portugal. Em Gravataí também era a maior festa popular do ano.

...Na igreja, como fui coroinha, dos 8 anos aos 11 anos, lembro-me de um modo geral das solenidades.

Da infância ficaram gravadas lembranças dos festejos externos, na praça, diante da igreja matriz. A banda da cidade, regida por Frederico Linck.

Os leilões entusiastas no “adro” da Matriz. Ainda resta um pouco deste Adro que era cercado por uma balaustre das portas da frente, hoje.

- Carrossel, tendas, como era de costume.

- No final (+- 23h) era a vez do esperado cinema mudo, comédias mudas projetadas num pano em que o vento ajudava a movimentar a cena.

... Hoje, está sendo reavivada a Devoção do Divino Espírito Santo. É importante destacar a programação religiosa.

“... Com 11 anos entrei no Seminário em São Leopoldo, por isso posso dar poucas informações.”


Cônego Sérgio Raupp

O memorando apresenta as ações da FUNDARC e a mobilização dos grupos sociais em restaurar o festejo, como também quer levantar fundos para a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, no sentido de continuar as suas ações sociais. Além disso, traz à tona as memórias do Cônego Sérgio Raupp, carregadas de lembranças da festa do seu tempo de criança. Neste sentido, conforme Jacques Le Goff <sup>48</sup> (1996), o documento referido também assume um caráter de monumento.

Outro documento semelhante ao citado discrimina a programação da festa, além de apresentar os grupos sociais que estavam presentes na organização da celebração, conforme segue:

<sup>48</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996. [“Documento/Monumento”, p. 535-553].

Imagem 37 - Catálogo da Festa do Divino de 2002 - Memorando da FUNDARC sobre a comissão de "Resgate: Festa do Divino Espírito Santo"



Prefeitura Municipal de Gravataí  
**Fundação Municipal de Arte e Cultura**  
 Lei nº 887, de 02 de maio de 1994  
 CGC: 94.955.291/0001-15

---

Tríduo: **15/05/02 1º dia** às 20h – Espírito Santo Criação do Mundo;  
**16/05/02 2º dia** às 20h - Espírito Santo na Redenção;  
**17/05/02 3º dia** às 20h - Espírito Santo na Igreja.

**19/05/02 – Missa, procissão, festejos – a partir das 9h30min.**  
 Povo na rua, frente da Igreja, foguetório, sinos, bumbo, cavalo, procissão, bandeiras, esplendor, casal de imperadores.  
 Todas as noites: foguetório, bumbo e cavalo.  
 Convidar um representante de cada família, descendentes dos Açorianos (Gomes, Rosa, Fonseca).

1ª noite – Carla faz fala de acordo de como acontecia a festa nos Açores, canto homília (discurso do padre).  
 • Apresentação dos Seminaristas (convidar os ex-festeiros para alferes da bandeira).

2ª noite – Célia faz fala, autógrafo do livro *"Tempo de Festa – Uma análise das Festas do Divino Espírito Santo"*.  
 • Apresentação do Quarteto/Canja.

3ª noite – Padre Santo Lorenzato do Seminário (substituto Padre Meijer), e Dona Zilda (Bingo) p/ fazer um depoimento na missa.  
 • Apresentação dos (Amigos do Açores Rancho Folclórico Estância Província de São Pedro) somente Domingo.

Nas preces as bandeiras c/ fitas passam entre o povo, cantando, fazendo preces, dando um nó nas fitas, e no final são queimadas.  
 Noite do Tríduo – 20h  
 No Domingo 9h30min. (missa, procissão e festejos).

Costaneiras para banquinhas c/ irmão da Célia.  
 1 Associação Amigos dos Açores (todo premiado);  
 2 Clube de Mães – (doces em calda e artesanato);  
 3 DTG Província de São Pedro (telégrafo e chimarrão c/ rapadurinhas);  
 4 FUNDARC – ambrosia, suspiros, cuscus.

Apostolado da oração – litúrgico  
 Lona grande Carla  
 SINDILOJAS trajeto de procissão enfeitado.  
 ACIGRA trajeto de procissão enfeitado.

Próxima reunião 15/04/02 às 18h

Sede Provisória: Rua Coronel Sarmento, 1215 - Centro - Gravataí - Fone: (051) 484-2733

O documento apresenta duas informações importantes para relação da festa com o passado açoriano na medida em que dá destaque ao convite às famílias descendentes de açorianos da cidade e também quando informa sobre a colaboração de associações de comerciantes (Sindicato dos Lojistas- SINDLOJAS/ Associação Comercial, industrial e de Serviços de Gravataí - ACIGRA<sup>49</sup>) de que estarão colaborando com a festividade.

O registro de “Resgate: Festa do Divino Espírito Santo” informa, ainda, sobre a referência geográfica e cultural na qual a celebração se apoia em sua retomada. Falamos aqui, da Ilha Terceira<sup>50</sup> nos Açores quando uma açoriana da referida localidade e um comerciante de Gravataí se casam. A esposa açoriana citada chama-se Carla Marques Gomes e o comerciante Régis Albino Marques Gomes, que estão presentes no movimento de restauração da prática festiva.

Carla contribuiu na retomada com seu saber e seu fazer, conforme suas vivências da Festa do Divino Espírito Santo na Ilha Terceira. Assim se pronuncia em seu depoimento:

Jairton: “Nos Açores, a senhora participou da festividade desde a infância?”

Carla: Sim, [...] conforme eu estava te dizendo a Festa do Divino Espírito Santo para os açorianos está no sangue. A gente já nasce com essa divindade, [...] com esse intuito, com essa crença no Divino Espírito Santo. [...] Os meus pais nunca fizeram assim, parte de uma comissão festeira, mas toda a comunidade participava...

<sup>49</sup> Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Gravataí fundada em 26 de agosto de 1928. Associação empresarial que atua representando e defendendo os interesses das empresas da cidade. Disponível em <<http://interative.cc/portfolio/acigra/>>. Acesso em: 27 out. 2014.

<sup>50</sup> A Ilha Terceira marca em sua história a celebração ao Divino nos territórios de Vila da Praia, Vila e Cidade de Angra onde se encontram igrejas edificadas ao Espírito Santo desde o século XV, conforme encontramos em documentos publicados pela Santa Casa da Misericórdia de Angra do Heroísmo. Lima (1985, p. 138), diz que: [...] Referidos documentos constituem uma peça de extraordinário interesse para o conhecimento da forma como funcionavam, no séc. XV, nos Açores as Irmandades ou Confrarias do <<Santo-Espírito>> que mantinham Hospitais e da forma como em certos casos se deveria proceder quanto à realização da festa do Império do Espírito Santo. Esta festa terá sido indiscutivelmente a do Pentecostes, celebrada naturalmente segundo o modelo tradicional de Alenquer e outras terras do continente português onde a tradição se mantinha então viva e que constava dos cortejos e coroação dos <<imperadores>> e dos bodos de pão e carne distribuídos pelas classes pobres. Outra autora estudiosa da celebração é Elis Regina Barbosa Angelo (2009), em seus estudos sobre o festejo nos Açores, relata que na Ilha Terceira a celebração é dividida entre funções e bodos. A autora salienta que, na Ilha Terceira, há pelo menos 50 impérios distribuídos nas freguesias, que marcam a forte devoção ao Espírito Santo. Em relação aos momentos do festejo, descreve que é realizada uma procissão da casa do imperador e da imperatriz do Divino até a igreja, acompanhados por uma filarmônica (antigamente eram os foliões que acompanhavam o cortejo), onde são coroados pelo sacerdote. Após a coroação, são distribuídos pães, rosquilhas, vinho, carnes (parte do bodo) e depositados no império as insígnias do terceiro elemento da Santíssima Trindade.

Participando então automaticamente eu ajudava. Nos cortejos da festa no domingo do Espírito Santo, a gente faz a procissão como nós chamamos. Aonde a gente leva a cruz do Espírito Santo. Eu participava também antes da festa na semana anterior. A gente [...] rezava o terço, então a gente ia para a capela do Espírito Santo que era um império que nós tínhamos lá em todas as freguesias, em todas as comunidades. [...] Muitos jovens brincam, mas depois o intuito também é rezar [...] para o Espírito Santo, e essa era a minha forma de participação. Claro que em cada ilha se comemora de diferentes maneiras. [...] Então não é que a festividade seja igual em todas as ilhas, não, cada ilha tem a sua peculiaridade a sua [...] diferença, mas todos com a mesma devoção.<sup>51</sup>

Observamos que a entrevistada apresenta o cenário da Festa do Divino nos Açores, de acordo com suas memórias. Estas contribuem para a celebração em Gravataí porque falam dos elementos de origem, como a coroa, o cetro, a bandeira, o cargo de mordomo ou imperador que estavam presentes lá e cá. A entrevistada juntamente com seu esposo foram os primeiros Imperadores do Divino na retomada do festejo, como a própria depoente comenta:

Ela [festa] estava parada já faz muitos anos e a Casa dos Açores juntamente com a Paróquia Nossa Senhora dos Anjos teve essa intuição de resgatar a Festa do Divino Espírito Santo. Por coincidência os primeiros mordomos da festa quando a fizemos de novo [...] fomos eu e o meu marido o Régis Albino. Então, nós fomos os mordomos [Imperadores] dessa festa e agora então nós temos que trabalhar junto de uma comissão, até pra gente estar fazendo um grupo.<sup>52</sup>

Ressaltamos que durante as festas do Espírito Santo em Gravataí no século XX nos quadros de composição dos personagens da festividade aparecia como destaque o Festeiro e agora, temos uma nova atualização, com o nome de Imperador do Divino e Imperatriz do Divino.

O comerciante Régis Albino Marques Gomes também fala da celebração e da participação dos grupos sociais e instituições no reviver da festividade em 2002, em Gravataí:

Jairton: “Senhor Régis, em que momento ocorreu sua participação na festividade do Divino Espírito Santo?”

<sup>51</sup> Entrevista realizada na CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul)/ Gravataí/RS Data:14/10/2007.

<sup>52</sup> Conforme entrevista realizada em 14/10/2007.

Régis: Bem, se falarmos em Gravataí, nós resgatamos a festa enquanto se comemoravam os 250 anos dos açorianos aqui no Rio Grande do Sul. A gente pensou em resgatar várias atividades que se faziam no tempo de festas populares, festas religiosas, enfim, resgatar tudo que tinha relação com a cultura açoriana, simbolizar a religião açoriana [sic]. Como [...] a festa do Divino Espírito Santo é a maior marca açoriana que se pode ter com toda a influência que o Açor tem na divulgação e na continuidade das festas que são muito fortes nos Açores. E depois com as comunidades locais que continuam, a gente resolveu reativar a Festa do Divino [...]. Foi uma iniciativa nossa, juntamente com o professor Getúlio, diretor do museu aqui de Gravataí. Nós procuramos a paróquia pedimos apoio ao diretor da FUNDARC (Fundação Municipal de Arte e Cultura) e ao seminário de São José. A partir daí, então, começou-se a resgatar como era feita [a festa] o que tinha na história e, a partir de então, a gente retomou a Festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí. Na condição de presidente da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS), a gente tem nessa mesma linha tentado resgatar algumas outras festas em outras cidades.<sup>53</sup>

O senhor Régis Albino reforça a ideia da importância histórica da prática festiva e sua origem açoriana, como também fala dos sujeitos e das instituições que auxiliaram na retomada do festejo.

Aqui ampliamos a nossa análise para entendermos as relações entre sagrado e profano na trajetória de ressignificação da festa. Ao mesmo tempo também buscaremos analisá-la dentro da órbita do consumo que é um aspecto novo na celebração.

A Festa do Divino Espírito Santo era marcada em outros tempos pelo levantamento do mastro do Divino que ficava na Casa do Império. No movimento de revivificar o louvor ao Espírito Santo na comunidade criava-se um espaço ao lado da secretaria da Igreja Nossa Senhora dos Anjos onde seria erguido o mastro do Divino, como mostra a fotografia a seguir:

---

<sup>53</sup> Entrevista realizada na CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul)/ Gravataí/RS Data:14/10/2007.



Imagem 38 - Catálogo da Festa do Divino de 2002 - Igreja N. Senhora dos Anjos.



Fonte: Acervo do autor.

A fotografia aqui nos apresenta os atores sociais em movimento e é traduzida pelo início da comemoração da Festa do Divino Espírito Santo em Gravataí no ano 2002. Após este ritual é realizada a Missa de Bênção das Bandeiras. Na sequência é feita a passagem das bandeiras do Divino nas casas

particulares, casas comerciais e instituições públicas e privadas. Esse fato pode ser verificado na imagem abaixo:

Imagem 39 - Câmara de Vereadores de Gravataí - Bandeiras do Divino



Fonte: Acervo do autor.

O cenário captado pela fotografia fala da inserção do Poder Legislativo Gravataiense que também reconhece e incentiva a continuação da Festa do Divino por ser ela um dos símbolos da cultura local que ressurge e transita por diversos campos da sociedade.

Outro elemento que se apresenta no novo percurso da celebração é o tríduo<sup>54</sup> que substituí as novenas do Divino. Esta conta com a distribuição de temas religiosos durante os três dias de sua realização, sendo realizado pelos seminaristas do Seminário São José ou pelos padres da região. Observamos que o tríduo está também inserido em uma órbita do consumo, pelo fato ser cobrado o valor de R\$ 10,00 por pessoa para o jantar no salão paroquial. Isto está demonstrado no folder da Programação da Festa do Espírito Santo de 2014, conforme segue:

---

<sup>54</sup> Festa religiosa que dura três dias e é homenageado um santo, no caso específico o Divino Espírito Santo.

Programação:  
26/04 - Sábado  
18h - Missa de Bênção das Bandeiras e Levantamento do Mastro.

Tríduo - Sempre às 19h30min  
4/6 - Quarta-feira  
TEMA: A Alegria que se Renova e Comunica.  
Celebrante: Pe. Tarcísio Rech  
Cardápio: CANJA  
Apresentação do Coral Carlos Bina Sogil

5/6 - Quinta-feira  
TEMA: A Doce Reconfortante Alegria de Evangelizar  
Celebração: Seminário São José  
Participação da comunidade de Santo Antônio da Patrulha  
Após o tríduo: Apresentação dos Cantores Patrulhenses  
Cardápio: CARRETEIRO

6/6 - Sexta-feira  
TEMA: A Nova Evangelização para Transmissão da Fé  
Celebrante: Pe. Gelson Luiz de Fraga Ferreira  
Participação da comunidade de Osório  
Após o tríduo: BINGO  
Cardápio: PASTÉIS

7/6 - Sábado  
19h30min: NOITE CULTURAL  
Local: CAERGS - Rua Adolfo Inácio Barcelos, 938

8/6 - Domingo  
9h30min - Missa Festiva, seguida de Procissão  
12h - CHURRASCO  
Apresentação da CAERGS

A outra parte do celebrar fica por conta da missa realizada pelo Monsenhor Aloysio Irineo Flach, onde é seguido o ritual de entrada na Igreja Nossa Senhora dos Anjos, tendo a frente o líder religioso, com os imperadores, anjos, mordomos, pajens, alferes da bandeira, tamboreiro, ostensório do Divino, como podemos perceber na imagem a seguir:

Imagem 40 - Festa do Divino Espírito Santo de 2014 - Entrada dos festeiros na Igreja Nossa Senhora dos Anjos.



Fonte: Acervo do autor

A corte do Divino Espírito Santo segue seu Imperador e sua Imperatriz, em destaque na fotografia. Conforme Charles Monteiro (2006, p. 12) “[...] a fotografia é um recorte do real. Primeiramente um corte no fluxo do tempo real, congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos”<sup>55</sup>. Nesse sentido, identificamos uma cidade que para sua rotina, organiza seus atores e reordena o seu tempo em função de reviver uma tradição.

No percurso da missa são passadas as bandeiras do Divino, onde quem não fez, ainda, sua prece ao terceiro elemento da Santíssima Trindade, pode fazê-lo dando um nó nas fitas da bandeira:

---

<sup>55</sup> MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade**: Reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. MÉTIS: história & cultura, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

Imagem 41 - Festa do Divino Espírito Santo de 2007, em Gravataí - Igreja Nossa Senhora dos Anjos.



Fonte: Acervo do autor.

Após, são realizadas as leituras litúrgicas da missa e com a benção dos pães do Divino, ao final são apresentados o Imperador e a Imperatriz do Divino à comunidade e coroados pelo pároco. Além disso, são nomeadas a nova comissão do Divino e os imperadores para o próximo ano, como podemos constatar nas imagens a seguir:

Imagem 42 - Pães do Divino – Igreja Nossa Senhora dos Anjos- Gravataí - 2014



Fonte: Acervo do autor.

Os pães abençoados pelo padre são distribuídos à comunidade no final da procissão. Em relação à representação que o pão possui, evocamos Michel de Certeau (1996, p. 33):

O pão é o símbolo das durações da vida e do trabalho; é a memória de um maior bem-estar duramente conquistado no decorrer das gerações anteriores. Por sua presença real, acima da mesa onde reina, mostra que não há nada a temer, por enquanto, das privações de outrora. Enquanto as condições de vida mudaram consideravelmente em vinte ou trinta anos, resta o testemunho indelével de uma “gastronomia da pobreza”. Ele é tanto um alimento básico, mas, sobretudo um “símbolo cultural” de base, um monumento sem cessar restaurado para conjurar o sofrimento e a fome. [...]. O pão suscita o respeito mais arcaico, é quase sagrado. Jogá-lo ao chão, pisá-lo é visto como sacrilégio. O espetáculo de um pedaço de pão na lata do lixo desperta a indignação. O pão é um bloco só com a condição operária: não é tanto o pão que foi para a lata de lixo, mas a pobreza. O pão é um memorial.

Certeau (1996) descreve o pão como fruto do trabalho de uma comunidade, que é partilhado por todos. Este na celebração do Divino em Gravataí é ofertado aos indivíduos como sinal de uma graça alcançada que representa, justamente, o trabalho realizado durante um ano para ser dividido entre os participantes.

Nessa foto apresentamos a coroação dos imperadores diante da comunidade gravataiense que os saúda e os reconhece como os líderes que reforçam a continuidade da tradição do Espírito Santo.

Imagem 43 - Coroação do Imperador Carlos Benício Barcelos e da Imperatriz Sandra Mara



Fonte: Acervo do autor.

Os imperadores, devidamente coroados pelo poder religioso que está nas mãos do Monsenhor Aloysio Irineo Flach, agora são autorizados a seguirem em cortejo pelas Praças Dom Feliciano e Dr. Borges de Medeiros, onde serão aclamados pela população. Saem em comitiva da paróquia, sendo anunciados pelo tamboreiro que, ao ecoar de suas batidas, convida os fiéis a louvarem o Espírito Santo.

Imagem 44 - Tamboreiro e a comitiva do Divino - Gravataí - 2014



Fonte: Acervo do autor.

Além dessa apresentação pública a prática cultural de origem açoriana ressignifica seu saber-fazer e traz novos elementos e atores sociais para a Festa do Divino, como os do “lenço do Espírito Santo”, grupo de colaboradores (com lenços em vermelho) e os Amigos no Divino, como podemos ver na foto abaixo:

Imagem 45 - Os imperadores do Divino Espírito Santo de 2002 até 2007 <sup>56</sup>



Fonte: Acervo do autor

<sup>56</sup> Em destaque o cetro e a coroa do Divino (esquerda para direita).



A foto suscita algumas perguntas sobre a sua relação com a festa, como por exemplo: Quem são estes personagens? O que eles querem representar? Por que os últimos personagens portam símbolos?

As respostas a estas indagações falam de um grupo social que se organizou na retomada da celebração da Festa do Divino Espírito Santo na cidade de Gravataí. São casais de imperadores posicionados em certa ordem (esquerda para a direita) representando seus “reinados” em cada ano, desde 2002 até 2007. Os símbolos que portam são a coroa e o cetro que representam o esplendor do Divino Espírito Santo e conferem um status social a quem o possui.

Os amigos no Divino também criaram um elemento seu que é o lenço branco onde aparece a pomba e raios do Divino (representam os sete dons do Espírito Santo) e escrito em vermelho “Amigos no Divino Espírito Santo Paróquia N. Sra. dos Anjos Gravataí - RS - Brasil”, conforme representado na fotografia abaixo:

Imagem 46 - Lenço dos Amigos no Divino Espírito Santo - Gravataí, 2014.

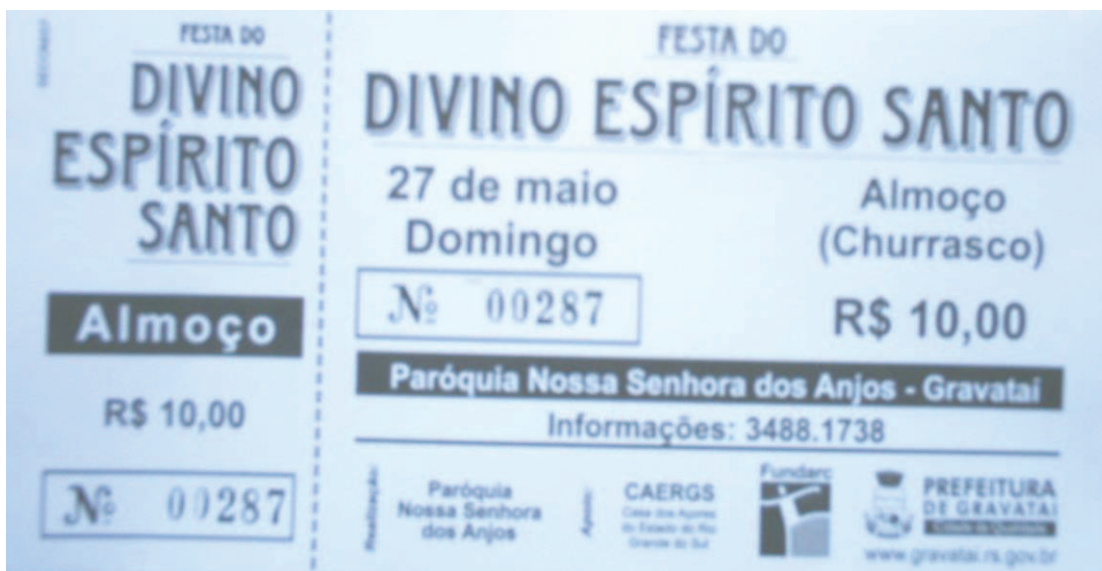


Fonte: Acervo do autor

Também registramos que após a procissão do Espírito Santo, os Amigos no Divino ajudam no do ritual do bodo, novo elemento que está presente na celebração. São vendidos ingressos para a comunidade participar, atendendo à necessidade da Igreja em pagar a luz, a água, o gás e a ornamentação da festa na paróquia. Assim, cobram-se a cada período de realização da celebração um valor por pessoa para confraternizar o bodo, a exemplo, temos no ano de 2007 o valor

R\$ 10,00 e no ano de 2014 o valor de R\$ 20,00 cobrados de acordo com as imagens a seguir:

Imagem 47 - Ingresso da Festa do Divino de 27 de maio de 2007



Fonte: Acervo do autor

Imagem 48 - Ingresso da Festa do Divino de 08 de Junho de 2014



Fonte: Acervo do autor

Os ingressos acima, falam do que já afirmamos, a festividade contribui para as receitas da igreja, bem como ajuda na melhoria da estrutura física da paróquia. No salão paroquial também são vendidos doces, como figo em calda, suspiro, bolos, queijadinha, arroz de leite. Nesse sentido podemos perceber o traço da culinária açoriana presente na celebração, como também suas danças e músicas que ficam por conta do grupo folclórico da Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS) que dançam para comunidade. Vejamos as imagens:

Imagem 49 - Grupo folclórico da CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul) e as danças açorianas



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 50 - Grupo folclórico da CAERGS - Apresentação das músicas açorianas - Gravataí - 2014



Fonte: Acervo do autor.

Em meio às danças e músicas açorianas, como a do “pezinho” os participantes comem o churrasco gaúcho e celebram o Espírito Santo. É o que Peter Burke (2003, p. 23) denominou de:

[...] exemplos de hibridismo cultural que podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura- religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música.

Em outras palavras, o festejo apresenta trocas, misturas culturais que o tornam dinâmico e é espaço de interação dos grupos sociais.

Nesse sentido, prática festiva em seus diversos momentos de lazer também possibilita momentos de sociabilidade, de estar juntos, de constituir relações, encontros e reencontros. O exemplo do que falamos vem por parte do senhor João Carlos e da dona Norma Ourique, que começaram a namorar na Festa do Divino do ano de 1952. Esse fato foi destaque em notícia do Jornal da Prefeitura de Gravataí, conforme consta na página seguinte:

Imagem 51 - História de amor começou na Festa do Divino.

## História de amor começou na Festa do Divino

*Poder público municipal tem contribuído para resgatar a tradição da festa religiosa de origem açoriana*

José Carlos e Norma Ourique, indicados para Imperadores do Divino na festa de 2005, começaram a namorar aos 14 anos, justamente na Festa do Divino Espírito Santo de 1952. Casaram aos 22 anos, depois de oito anos de namoro, e hoje, aposentados, festejam esta união baseada na convivência respeitosa e num amor que trouxe quatro filhos, cinco netos e a certeza de uma família feliz.

### HONRARIA

“Nós nos criamos dentro da Igreja Matriz. Ali nos batizamos, casamos, batizamos os nossos filhos e cultivamos a nossa fé. E participamos de todas as Festas do Divino durante todos estes anos. Foi uma honra a indicação para Imperador”, ressalta José Carlos.

O casal lembra as festas antigas, quando comerciantes e agricul-

tores de posses disputavam quem doava mais para a igreja. “Chegavam vacas, porcos, galinhas, numa quantidade tão grande que sobrava para distribuir para os mais pobres.

### CARRETAS

“No dia da festa, as pessoas vinham de todos os lados de Gravataí, em carretas de bois lotadas, enfeitadas com fitas representando as cores do Divino. Era o maior acontecimento religioso da cidade”, recorda José Carlos. Tempos mais tarde, sem que se saiba exatamente o motivo, as Festas do Divino pararam de ser realizadas, restringindo-se a cerimônias religiosas dentro da igreja. “Elas estavam adormecidas. Há quatro anos, um grupo resolveu resgatar esta tradição. Hoje, estamos na quarta festa desta nova fase.

E a cada ano colocamos mais algum detalhe”, conta Norma.

Como Imperadores, José Carlos e Norma possuem uma missão bem definida: comandar a festa. Conforme a tradição, os Imperadores são enviados da Imperatriz para, juntamente com o padre e os mordomos, organizar tudo. O casal não está preocupado com a difícil missão: “Temos uma equipe capacitada ao nosso lado. Todo mundo trabalha muito. E ninguém escolhe o que fazer. Se necessário, nós, os Imperadores, lavaremos pratos e varreremos o chão no dia da festa”, garante Norma. Os dois já fizeram de tudo nas Festas do Divino.

### “MANDALETES”

Quando crianças, eram os chamados “mandaletes”, que corriam para todo lado bus-

cando alguma coisa que faltava. Depois, já adolescentes, trabalharam como garçons e nas tendas de sorteios. Mais tarde, foram mordomos em quase todas as equipes organizadoras. Mas, mesmo com toda esta experiência, esperam ansiosos pela Coroação, cerimônia que acontecerá na missa da festa, no dia 15 de maio: “Será

uma cerimônia simples. Entraremos na igreja na frente de toda a comitiva de organizadores e de uma mordoma, que levará a coroa. O padre, então, colocará esta coroa nas nossas cabeças.

Vai ser emocionante. Mas o melhor de tudo é saber que estamos fazendo a nossa parte para resgatar a tradição da Festa do Divino Espírito Santo”, completa o Imperador José Carlos.

**Domingo – 15 de maio- 9h30min**  
Procissão do Divino, após a missa na Igreja Nossa Senhora dos Anjos. O cortejo termina no salão da Matriz, onde será servido um churrasco ao meio-dia. A festa prossegue durante a tarde com diversas atrações, jogos e a apresentação do Rancho Folclórico da Cargos.



Os imperadores José Carlos e Norma Ourique se conheceram na festa religiosa

Fonte: Jornal da Prefeitura de Gravataí (2005)

Este fato contribui para pensarmos a festividade como um fenômeno social que consegue atingir a totalidade da sociedade. Conforme Marcel Mauss (1974, p. 41), devemos entender o corpo social através do fato social total, assim descrito pelo autor:

Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais- estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas- supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição.<sup>57</sup>

Apropriamo-nos do conceito de Mauss (1974) por entendermos que a prática festiva do Espírito Santo percorre, como apresentado ao longo do texto, o campo

<sup>57</sup> MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia, com uma introdução à obra de Marcel Mauss, de Claude Lévi-Strauss. Tradução de Iamberto Puccinelli. São Paulo, EPU,- EDUSP, Vol. II -1974, p. 41.

político, econômico, cultural e social de Gravataí e reafirma a importância de estudarmos a festa na cidade. Ela descreve as experiências dos indivíduos, fala dos interesses, das relações em diversos níveis, como também das emoções, desejos, sonhos, bênçãos e promessas alcançadas através do terceiro elemento da Santíssima Trindade.

Este quadro social da celebração nos permite, ainda, pensarmos no casamento da senhora Norma e o senhor João inserido no conceito de reciprocidade desenvolvido por Mauss (2003), onde a troca é a base do referido conceito, como uma parte da manutenção das relações sociais, mas salientamos que não se trata de uma simples troca, pois orienta e organiza a coletividade no seu espaço de vivência.

Nesse sentido, o autor fala da mistura nas relações humanas, que podem ocorrer no casamento, por exemplo, onde o noivo e a noiva agradecem a graça alcançada, trocam sentimentos, alianças, comem o bolo, partilham desejos, crenças e emoções:

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca.<sup>58</sup>

A instituição matrimônio prevê um contrato e uma troca espontânea e obrigatória entre os seus proponentes, mas que é regida pela dívida da união. O casal referido agradece a dívida alcançada, comemorando as suas bodas de ouro na Festa do Espírito Santo, onde ocuparam o cargo de imperador e imperatriz do Divino, além de receberem uma homenagem da comunidade, como verificamos a seguir:

---

<sup>58</sup> MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. *In: Ensaio sobre a dívida e a razão da troca nas sociedades arcaicas*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 212.

Imagem 52 - Homenagem aos Imperadores do Divino, em 2010.



Fonte: Acervo do autor

Este acontecimento fala da troca entre a esfera sagrada e o homem, ou seja, os participantes retribuem a graça alcançada através da realização da festividade em honra ao Espírito Santo 50 anos depois. Esta relação está baseada no sistema de prestação total, que pressupõe a troca permanente de presentes: a) obrigação de dar; b) obrigação de receber; c) obrigação de retribuir.

Os acontecimentos citados até aqui, contribuem para entendermos a dimensão social que a Festa do Divino Espírito Santo tem na história da comunidade de Gravataí e por estes motivos está inserida no calendário festivo da cidade, como podemos verificar no documento a seguir:

Imagem 53 - Calendário de eventos de 2014 - Prefeitura de Gravataí - Fundação Municipal de Arte e Cultura (FUNDARC)



Datas	Evento	Locais	Departamento	Coordenador
<b>JUNHO</b>				
03/06 a 29/11	Realização das oficinas do projeto "Arte nos Bairros"	Diversos Locais	Fundarc	Simone Luz
03/06 a 04/07	Exposição "Os Quatro Elementos" Adela Balsamo Armando - vencedores do 1º Prêmio de Incentivo à Pesquisa em Artes Visuais	Quiosque da Cultura	Artes Visuais	Paula Luerßen
08/jun	Festa do Divino Espírito Santo	Apoio Fundarc/Paróquia Nossa Sra dos Anjos	Religioso	Carla Bender
08/jun	1ª Eliminatória do Festival Inovamúsica	Parque Ambiental - Bairro Morada do Vale I	Música	Ivram Souza
13/jun	Sereia dos Namorados	Associação Cultural e Beneficente 6 de Maio	Música	Ivram Souza
19/jun	Celebração de Corpus Christi	Igreja Matriz	Religioso	Carla Bender

Fonte: Disponível em:

<https://www.gravatai.atende.net/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&ajaxPrevent=1409602128324&file=5AE4D34FFC>

[DAAD286564FF85FF9C84DF1343D2D9&sistema=WPO&classe=UploadMidia](https://www.gravatai.atende.net/atende.php?rot=1&aca=119&ajax=t&processo=viewFile&ajaxPrevent=1409602128324&file=5AE4D34FFC). Acesso: 25 de outubro de 2014.



Este registro é constatação do prestígio que o festejo readquiriu com sua retomada no ano de 2002 por parte dos grupos sociais e as instituições que conferiram novas atualizações para a prática festiva. Estas estão inseridas na esfera do consumo, como apontamos em alguns momentos ao longo do capítulo. É importante registrarmos que são alguns fatores que contribuíram para inserção da celebração nessa perspectiva do consumo.

O Tríduo do Espírito Santo, como já citado, é um exemplo do que falamos, está inserido em uma áurea do sagrado, mas ao mesmo tempo é direcionado a parte do lucro, com a justificativa que os recursos serão revertidos em assistência social, ou ainda, como apresentado na campanha da Igreja Nossa Senhora dos Anjos na melhoria da estrutura física do prédio.

Ao falarmos em receita gerada através da Festa do Divino, trazemos, nas páginas seguintes, dois balancetes de arrecadação gerados no ano de 2003 e de 2004 que tivemos acesso durante a pesquisa:

Imagem 54 - Balancete da Festa do Divino Espírito Santo - 2003.

RESULTADO GERAL DA FESTA DO DIVINO ENCEHRADA EM 08 de JUNHO de 2003

R E C E I T A:

- Receita do evento do dia 04.06.03-BINGO.....	R\$ 965,35
- Receita do evento do dia 05.06.03-CANJA.....	R\$ 823,55
- Receita do evento do dia 06.06.03-CARRETEIRO...	R\$ 941,70
- Receita do evento do dia 08.06.03-CHURRASCO....	R\$3.107,77
Sub-Total:.....	R\$5.838,37
- Receita p/venda de Decalcos-Adesivos.....	R\$ 261,00
- Receita de Doações:	R\$ 54,00
- Bandeiras.....	
- Contribuições: R\$1.043,85	
-Wilma V. Pacheco de Camargo R\$500,00	
-Gravel Veículos.....R\$100,00	
-Cláudio Paim.....R\$100,00	
-Vera E.do Nascimento .....R\$100,00	
-Moacir Isopo.....R\$65,00	
-Breno M.V. D'Avila.....R\$100,00	
-Cicero Ferreira.....R\$ 50,00	
-Dila Cherubini.....R\$ 50,00	R\$1.065,00
	R\$2.128,85
<b>TOTAL DA RECEITA.....</b>	<b>R\$8.302,22</b>

D E S P E S A S:

- PG FOTOPLAN: 5 filmes Supra.....	R\$ 105,95
- PG FUGITACHI: 184 fotos revelação .....	R\$ 110,00
- PG Distribuidora de Tecidos C.S. ....	R\$ 189,70
- PG Distribuidora de Tecidos DGP Ltda. ....	R\$ 69,00
- PG Distribuidora Requite .....	R\$ 13,20
- PG Serigrafia PERFORM .....	R\$ 50,00
- PG GRAPAM-Santinhos-Recibo C/Secret.reg.27.05.03	R\$ 324,00
	R\$ 861,85
<b>TOTAL DA DESPESA:.....</b>	<b>R\$7.440,37</b>
- LUCRO LÍQUIDO DA FESTA DO DIVINO .....	<b>R\$8.302,22</b>

Obs.: Contribuições p/pagamento de despesas com confecção de Decalcos-Adesivos, adquiridos na firma de MARCO CAPELLANI:

- Valeci Cabeleira Bitello .....	R\$120,00
- Astória Papéis .....	R\$100,00
- J.M. Veículos .....	R\$100,00
- ROM'S Car .....	R\$ 50,00
- Lucraf Veículos .....	R\$ 50,00
- Coop Veículos .....	R\$ 50,00
- CIA. dos Veículos .....	R\$ 30,00
<b>Total:</b>	<b>R\$500,00</b>

Gravatá, 08 de junho de 2003

*[Assinatura]*

No documento é visível que a maior parte da receita gerada fica por conta do budo, sendo arrecadado R\$ 3.107,77. Isto revela que houve um significativo comparecimento da população de Gravataí. Outra contribuição expressiva fica por conta das Bandeiras do Divino e das doações individuais, gerando uma receita de R\$ 2.128,85. Vejamos o balancete de 2004:

Imagem 55 - Balancete da Festa do Divino Espírito Santo - 2004.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DOS ANJOS - GRAVATAÍ  
FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO - 2004  
DEMONSTRATIVO FINANCEIRO

HISTÓRICO	ENTRADA	SAÍDA
NOITE DA CANJA - DIA 26/05/04	604,00	
NOITE DO CARRETEIRO - DIA 27/05/04	732,50	
NOITE DO BINGO/PASTEL - DIA 28/05/04	1.039,00	
CHURRASCO FESTA - DIA 30/05/04	5.866,00	
DOAÇÕES DIVERSAS	2.171,20	
ARRECAÇÃO BANDEIRAS	1.193,00	
FOTO VIDEO LUIS - NF. 000145		
RESSARC. JOSÉ C. BRAGA - CFE. COMPROV.		32,00
GRABSKI LTDA - NF. 021461 E 021468		168,00
DOTTA SUPERM. LTDA. CFE. COMPROVANTE		235,00
COML. RISSUL LTDA. CFE. COMPROVANTE		17,82
SONAE S.A. - CFE. COMPROVANTE		11,45
COMPRA DE CARVÃO CFE. RECIBO		23,07
GIANE LOPES - NF. 1365 (FOTOS)		90,00
DISTRIB. PARADISO - BEBIDAS		65,00
SERVISON NF. 958 (SOM PROCISSÃO/FESTA)		907,00
MERC. QUATRO S - NF. 984 (CARNE)		280,00
COMPRA CARVÃO CFE. RECIBO		1.485,00
COMPRA MATERIAL P/BANDEIRAS E FITAS		90,00
COMPRA JOANINHAS		152,00
LEMBRANÇAS DA FESTA (SANTINHOS)		126,00
CONVITE P/FESTA DO DIVINO 2004		420,00
		50,00
<b>TOTAL .....</b>	<b>11.605,70</b>	<b>4.152,34</b>

**RESULTADO LÍQUIDO:**  
R\$ 7.453,36 (SETE MIL, QUATROCENTOS E CINQUENTA E TRES REAIS E TRINTA E SEIS CENTAVOS)

GRAVATAÍ, 22 DE JUNHO DE 2004.  
TADEO LUIZ DA FONSECA  
PROCURADOR

Fonte: Acervo do autor

A receita do ano de 2004 superou o ano anterior pelo fato de ter arrecadado mais nas contribuições feitas pela comunidade (R\$ 2.171,20), bem como na parte do bodo que gerou o lucro de R\$ 5.866,00.

Essas informações financeiras reforçam o nosso pensamento que a celebração está inserida em uma dinâmica de consumo na contemporaneidade. A Festa do Divino adquiriu um corpo de patrocinadores do ramo empresarial e comercial, que estão aqui, representados no material gráfico a seguir, através de suas logo marcas:

Imagem 56 - Material gráfico da Festa do Divino de 2014 - Relação patrocinadores comerciais e empresariais.



Fonte: Acervo do autor

Este material publicitário fala da crescente adesão de empresários e comerciantes na categoria de patrocinadores da Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Gravataí.

Ao examinarmos o documento percebemos que existe uma intenção de ser visto como um dos patrocinadores da festividade, uma vez que ela confere prestígio social e econômico aos seus colaboradores. Portanto a prática festiva é referência para a sociedade do consumo por conseguir reunir diversos segmentos empresariais e comerciais em seu espaço sociocultural. Nesse sentido, Guerra (2010, p. 15) se pronuncia:

É incontestável a centralidade do consumo no processo de reprodução social em qualquer sociedade: cultura e consumo são aspectos fundamentalmente sociais, pois todo ato de consumo é essencialmente cultural. As diversas formas de consumo organizam a vida social por se tratarem de meios de interação entre o indivíduo e a sociedade: o que comer, o que vestir, o que presentear, quais objetos comprar e quais repudiar são comportamentos ditados pelos modos socialmente estruturados de usar os bens para demarcar relações sociais.<sup>59</sup>

Sendo assim, a festa é uma tradição cultural que estabelece relações diretas com o campo econômico da sociedade gravataiense e ao mesmo tempo consegue reunir em seu espaço social entidades empresariais, comerciais, políticas e religiosas como percebemos no registro referido. Por esta dimensão social de consumo está inscrita no calendário de eventos culturais da cidade Gravataí, ou seja, deixa de ser somente uma manifestação religiosa e passa também a ter uma conotação turística. Tornando-se, desta forma um dos símbolos de maior visibilidade e influência no circuito social da cidade.

---

<sup>59</sup> GUERRA, Renata de Souza. **Dimensões do consumo na vida social**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou percorrer a trajetória histórica da Festa do Divino Espírito Santo que veio para a o Estado do Rio Grande do Sul no século XVIII na bagagem cultural dos primeiros casais açorianos. Na antiga Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia (atual cidade de Gravataí) a celebração também esteve presente ao longo da história da região e foi representada através de símbolos como a bandeira, o cetro e a coroa. Verificamos em nossa investigação, que tal evento foi interrompido no ano de 1973 e retomado no ano de 2002 pela comunidade gravataiense.

Esses acontecimentos nos levaram a fazer alguns questionamentos sobre a festividade na urbe. Procuramos respondê-los através de um levantamento histórico, partindo da ideia de que a celebração produziu e produz uma teia complexa de relações que fala sobre os indivíduos, suas vivências, seus interesses, seu fazer e seu saber, enfim, constituem um mosaico da vida humana que pode ser representado na celebração do Divino Espírito Santo.

Para realizar a investigação histórica em relação ao festejo seguimos a linha de que o historiador deve buscar nas fontes indícios, pistas, vestígios<sup>60</sup> que o levem a reconstituir as trajetórias individuais e coletivas.

Assim, encontramos nos registros paroquiais no Livro Tombo I da Igreja Nossa Senhora dos Anjos o relato pastoral feito pelo Cônego Pedro Wagner (1913-1959) da existência da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos.

Esta possuía muitas terras em seu nome o que rendia muitas receitas à paróquia. Arrendava os seus terrenos para a elite local, composta por militares, religiosos, autoridades políticas e comerciantes e ao mesmo tempo incentivava os festejos religiosos e participava na organização dos mesmos.

Os termos de arrendamentos da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa senhora dos Anjos que encontramos no Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana da Arquidiocese de Porto Alegre (AHCMPA) e no Museu Municipal Agostinho Martha (MMAM) de Gravataí apresentaram alguns elementos indicativos

---

<sup>60</sup> GINZBURG, 1989, p. 143-179.

da existência da Festa do Divino Espírito Santo, como a “Casa do Império” e a Rua do Império, lugares onde eram realizados os festejos.

Seguindo o percurso da festa buscamos informações referentes ao modo de celebrar da comunidade de Gravataí que foram encontrados em anúncios do Jornal Gravataiense. Elas referiam-se, sobretudo a aspectos demográficos da cidade, período de realização da celebração, comissão organizadora do festejo, informações sobre os rituais da prática festiva como as novenas, as missas, as procissões. Também falamos da inserção da modernização nos anos 1970 com a industrialização e urbanização da cidade e seus efeitos na Festa do Divino. O exemplo ficou representado no “jantar americano” realizado pelos festeiros para marcar os tempos modernos nos quais a cidade estava inserida.

Outro aspecto que ressaltamos nesta pesquisa foi a atuação do Cônego Pedro Wagner frente à administração da Igreja Nossa Senhora dos Anjos. As orientações feitas por ele à mocidade católica, a utilização dos recursos financeiros da festa para as ações sociais na comunidade gravataiense, e até mesmo, na melhoria da estrutura paroquial foram ações relevantes deste personagem. Coube-lhe ainda o importante papel de manter viva a Festa do Divino na cidade. Após a saída do Cônego não encontramos registro de nenhum outro pároco que tenha ficado tanto tempo na direção da paróquia.

Apontamos ainda os espaços de sociabilidade existentes na celebração do Divino: as Praças Dom Feliciano e Dr. Borges de Medeiros localizadas em espaço contínuo. Nestes locais eram realizadas as quermesses, montadas as tendas e as bancas para a realização dos sorteios, leilões, venda de doces, salgados, bebidas e muita música ao som da banda. Enfim, um cenário para a população de Gravataí cantar, dançar e agradecer ao Espírito Santo.

Da mesma forma, foi possível identificar que no ano 1973 ocorreu a interrupção da Festa do Divino Espírito Santo por parte da comissão festiva que não se mobilizou na realização da celebração, conforme encontramos no registro pastoral do referido ano, confirmada na entrevista concedida por uma das ex-imperatrizes do Divino. Além disso, a modernização foi se acentuando na cidade de Gravataí e contribuindo para a suspensão da tradição da dita prática festiva.

A Festa do Divino em Gravataí foi retomada no ano de 2002 por grupos sociais e instituições locais, mas com outra característica. Agora ela vinha inserida



no mercado do turismo fazendo parte da sociedade de consumo e atualizada em seus novos saberes-fazer.

Para alcançar esse objetivo da nova festa a Prefeitura de Gravataí através da Fundação Municipal de Arte e Cultura (FUNDARC) organizou uma comissão denominada “Resgate: Festa do Divino Espírito Santo”, composta por festeiros, imperadores do Divino, comerciantes, memorialistas, religiosos e outros, para reviver a celebração na cidade. Nesse movimento contaram com o apoio da Igreja Nossa Senhora dos Anjos e a Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul (CAERGS).

Observamos que os principais rituais da festa no passado como o levantamento do mastro que anunciava o início do festejar em honra ao Divino, a missa das bandeiras que são abençoadas pelo pároco e passagem das bandeiras pelas casas, lojas, empresas e pela Câmara de Vereadores de Gravataí, quando se faziam pedidos ao Espírito Santo, retornou. Além disso, em substituição às novenas estabeleceu-se o Tríduo, com o auxílio de religiosos da região e prática de jantares com o objetivo de levantar recursos financeiros.

A missa da celebração do Divino contou em todos estes anos com a presença dos festeiros, a coroação do Imperador e da Imperatriz, a benção dos pães e a procissão nas praças Dom Feliciano e Dr. Borges de Medeiros, ao fim da qual era dada a benção do pároco. Estes rituais pertencem à esfera do sagrado falam da relação dos homens com o Divino.

A outra parte do festejo, que é profana, é realizada no salão paroquial com a cobrança de R\$ 20,00 por participante, para confraternizarem no churrasco, sendo também cobrados o valor dos doces de origem luso-açoriana. Em meio ao confraternizar, são realizadas apresentações do grupo de folclore da CAERGS com danças e músicas típicas das ilhas dos Açores.

Constatamos por fim, que na celebração os indivíduos também deixam suas emoções falarem, seus desejos fluírem e casamentos podem acontecer em meio à Festa do Espírito Santo, representando uma graça alcançada. Nesse sentido Macel Mauss (2003) através do conceito de reciprocidade que fala das relações dos sujeitos entre si e com a esfera do Divino. Assim, o casamento que une, mistura sentimentos e vem revestido por uma dádiva.

Outro ponto que destacamos foi à inserção da celebração do Espírito Santo em um contexto de retomada da cultura açoriana no mundo, incentivado pelo

Governo dos Açores. No Rio Grande do Sul, além desse fato, a retomada da festa está inserida no contexto das comemorações dos 250 anos da vinda dos imigrantes açorianos.

Um último ponto que destacamos foi à inserção da celebração do Espírito Santo na cidade de Gravataí em outro recorte: do consumo e do turismo. Esta nova proposta para a festa gerou receitas para a Igreja Nossa Senhora dos Anjos, ao mesmo tempo em que criou um espaço para os patrocinadores empresariais e comerciais da cidade. Numa ação concomitante, a Festa do Divino entra no calendário de eventos da Prefeitura Municipal de Gravataí via FUNDARC.

Todos estes elementos tornam a Festa do Divino um dos maiores símbolos da cultura de Gravataí, representando uma tradição de origem luso-açoriana revivida pela comunidade e inserida na contemporaneidade a partir de sua relação com o mercado.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fapesp. 1999.

AGULHON, Maurice. **El círculo burguês**. Buenos Aires: Siglo veintiuno, 2009.

ALMEIDA, Luiz Nunes de. **Rio Tietê estrada líquida dos romeiros do Divino Espírito Santo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, São Paulo, 2008.

AMARAL, Rita. **Para uma Antropologia da festa: questões metodológicas-organizativas do campo festivo brasileiro**. In: AMARAL, Leila; PEREZ, Léa Freitas; MESQUITA, Wania. (orgs.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 67-86.

ANGELO, Elis Regina Barbosa. A Festa do Divino Espírito Santo nas Ilhas Terceira e São Miguel nos Açores. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, v.3, 2009. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/turismocultural/05.A%C3%A7ores\\_Elis.pdf](http://www.eca.usp.br/turismocultural/05.A%C3%A7ores_Elis.pdf)>. Acesso em: 01 dez.2013.

ANTUNES, Deoclécio de Paranhos. **Terra farroupilha**, v.2, 1937. Publicado no Jornal Gravataiense em 05 de abril de 1952.

BARBOSA, Marise. Divino no Maranhão: o particular de uma festa popular e seus diálogos. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 28, p.151-183, 2004.

BARROSO, Véra Lucia Maciel. **Gravataí em três tempos: décadas de 1910, 1920 e 1930- fontes para sua história**. In: Raízes de Gravataí: memória, história e cidadania/ Org. Célia Silva Jachemet; Véra Lucia Maciel Barroso.- Gravataí: Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul; Porto Alegre: EST: Evangraf, TOMO I, 2011, p.204-220.

BARTZ, Frederico Duarte. **A cidade fabril mobilizada: uma introdução ao estudo do movimento dos trabalhadores na cidade de Gravataí**. In: : Raízes de Gravataí: memória, história e cidadania/ Org. Célia Silva Jachemet; Véra Lucia Maciel Barroso.- Gravataí: Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul; Porto Alegre: EST: Evangraf, TOMO III, 2011, p.143-153

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BERTELLI, Aureo. (org.). **Raízes de São Marcos e Criúva**: XII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha p. 348-353. EST: Porto Alegre, 2005.

BITTENCCOURT, Luciana Aguiar. **Algumas considerações sobre o uso da imagem fotográfica na pesquisa antropológica**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas/SP: Papyrus, 2006, p.288.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**. Irmandades Leigas e Política colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

BRAGA, Reginaldo Gil. Folias do Divino, bandas e foguetórios em antigos povoamentos açorianos do Rio Grande do Sul (Brasil): transformando e reorganizando antigas tradições ou (re)inventando raízes baseadas em rotas atlânticas recentes. **Revista Performa**, 11 Encontros de Investigação em Performance- Portugal: Universidade de Aveiro, 2011. Disponível em: <http://performa.web.ua.pt/pdf/actas2011/ReginaldoBraga.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

BURKE, Peter. (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes, Unesp-SP, 1992.

\_\_\_\_\_. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **A formação de um catolicismo antimoderno no Brasil**. In: Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Ed. CRV, Curitiba, 2011, p.83-103.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTAU, Michel de; GIARD, Luce ; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CUNHA, Maria Teresa. **Territórios abertos para a história**. In PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 251-279.

DANTAS, Eugênia Maria. **Educação – Fotografia**: impressões e sentidos. Acesso: 13 nov. 2013. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0209t.PDF>, 1999.

FAISTAUER, Maria Cardoso; MORAES, Maria Jaqueline de; CARVALHO, Neusa Maria; BARROSO, Véra Lucia Maciel. (orgs.). **Raízes do Balneário Pinhal**. Pragmatha: Porto Alegre, 2012.

FARIA, Miguel Figueira de (coord.). **Praças reais**: passado, presente e futuro, Lisboa: Livros Horizonte, 2008.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira. **Desafios da imagem**: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas/SP: Papirus, 2006.

FIGUEIREDO, Luciano. (org). **Festas e batuques do Brasil**. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

FILHO, Mello Moraes. **Festas e tradições populares do Brasil**. Belo Horizonte/RJ: Itatiaia, 1999.

FORTINI, Archymedes. **Revisitando o passado**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. 1.ed. – [Reimpr.] – Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Relações de Força**: história, retórica, prova. Tradução de Jônatas Batista Neto. Companhia das letras: São Paulo, 2002.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Sonhos, desilusões e formas provisórias de existência**: os açorianos no Rio Grande de São Pedro. (Tese - Doutorado em História). São Leopoldo, Unisinos, 2004.

GUERRA, Renata de Souza. **Dimensões do consumo na vida social**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. **Invenção das tradições**. 9.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio Grande do Sul (1833-1834)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1983.

ITANI, Alice. **Festa e calendários**. São Paulo: UNESP, 2003.

JACHEMET, Célia Silva e BARROSO, Véra Lucia Maciel. (orgs). **Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul**: Porto Alegre: EST: Evangraf, 2011.Tomo I.

JANCSÓ, István; KANTOR, Iris. (orgs.). **Festa: Cultura & Sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001.

KÜHN, Fábio. **Gente da fronteira: família, sociedade e poder no sul da América Portuguesas- Século XVIII**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em História. Rio de Janeiro: Niterói, 2006.

\_\_\_\_\_. **Um governador em apuros. A trajetória administrativa de José Marcelino de Figueiredo ( Rio Grande de São Pedro, 1769-1780)**. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cedope/files/2011/12/Um-governador-em-apuros-F%C3%A1bio-K%C3%BChn.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

LACERDA, Eugenio Pascele. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da Açorianidade**. Tese apresentada para obtenção do grau de Doutor em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, Santa Catarina, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4.ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEAL, João. **Açores, EUA, Brasil: Imigração e Etnicidade**. Açores/Portugal: Nova Gráfica, Ltda, 2007.

LIMA, Manuel C. Baptista de. **A introdução do culto do Espírito Santo nos Açores e a sua influência na simbólica e arquitetura religiosa dos séculos XV e XVI**. In: MADURO-DIAS, Francisco dos Reis. MEIRELES, Rui Ferreira Ribeiro de. MESQUITA, Mariana Freitas P. Miranda de. (Orgs) Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império. Org. II Colóquio Internacional de Simbologia. Litografia do Minho. Instituto Histórico da Ilha Terceira. Ilha Terceira- Açores/ Portugal, vol. XLIII, Tomo I, 1985. p. 123-180.

LOPES, José Rogério. O divino retorno: uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura. **Revista Etnográfica**, v.16, Miscelânea, 2012, p.339-364. Disponível em: <<http://etnografica.revues.org/1526>>. Acesso em: 18 out 2013.

LOUSADA, Maria Alexandre. **Praça e sociabilidade: práticas, representações e memórias**. (Departamento de Geografia/ Centro de estudos Geográficos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) (Versão alargada do texto publicado em “As praças como lugares de sociabilidade: práticas e representações” In: Miguel Figueira de Faria (coord.), Praças reais: passado, presente e futuro, Lisboa, Livros Horizonte, p.45-56, 2008.).

MADURO-DIAS, Francisco dos Reis; MEIRELES, Rui Ferreira Ribeiro de; MESQUITA, Mariana Freitas P. Miranda de. (orgs). **Os Impérios do Espírito Santo e a Simbólica do Império**. II Colóquio Internacional de Simbologia. Litografia do Minho. Instituto Histórico da Ilha Terceira. Ilha Terceira- Açores/ Portugal, vol. XLIII, Tomo I, 1985. p. 123-180.

MARTINS, William de Souza. **Abram alas para a folia: as Festas do Espírito Santo arrastam multidões**. In: FIGUEIREDO, Luciano. (org.). Festas e batuques do Brasil do Brasil. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**, com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss. Tradução de Lambert Puccinelli. São Paulo: EPU,- EDUSP, 1974. 2v.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e Antropologia**. Ensaio sobre a dádiva e a razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **O museu de cidade e a consciência da cidade**. SANTOS, Afonso Carlos Marques dos; KESSEL, Carlos; GUIMARAENS, Ceça. (Orgs.). **Seminário Internacional “Museus e Cidades”**, Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa**. MÉTIS: história & cultura, v. 5, n. 9, p. 11-23, jan./jun. 2006.

MONTEIRO, Ildo Trespach. RIBEIRO, Pascoalino Lopes. **Presença dos tropeiros na Festa do Divino em Osório**. In: FAISTAUER, Maria Cardoso. MORAES, Maria Jaqueline de. CARVALHO, Neusa Maria. BARROSO, Véra Lucia Maciel. (Orgs.), Raízes do Balneário Pinhal. Pragmatha: Porto Alegre, 2012. p. 211-219.

NASCIMENTO, Mara Regina. **Irmandades leigas em Porto Alegre: práticas funerárias e experiência urbana século XVIII-XIX**. Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em História. Porto alegre, Rio grande do Sul, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882007000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002)>. Acesso em: 02 jan. 2014.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

POSSAMAI, Osmar. **Participação de Santo Antônio da Patrulha na Festa do Divino em Criúva**. In: BERTELLI, Aureo. (Org.), Raízes de São Marcos e Criúva:

XII Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha p. 348-353.  
EST: Porto

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **A terra e os moradores da região do Rio Gravataí (Séc. XVIII)**. In: Raízes de Gravataí: memória, história e cidadania/ Org. Célia Silva Jachemet; Véra Lucia Maciel Barroso.- Gravataí: Prefeitura Municipal: Casa dos Açores do Rio Grande do Sul; Porto Alegre: EST: Evangraf, TOMO I, 2011, p.39-47.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Viajantes em meio ao império das festas**. In: JANCSÓ, István. KANTOR, Iris. (Orgs.) . Festa: Cultura & Sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001, p.603-619.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Tradução de Maria de Lurdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002

SILVA, Marcelo Passamai da. **A alma açoriana**. In: Teves, Paulo. DIAS, Rita Machado. (Orgs.). Construir culturas. Açores, Portugal: Edição Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional das Comunidades. 2008, p.104-106.

SIMÕES, Manuel Breda. **Roteiro Lexical do culto e Festas do Espírito Santo nos Açores**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa Divisão de Publicidade, 1987.

SOUZA, Marina de Mello e. **Parati: a cidade e as festas**. Rio de Janeiro: UFRJ- Editora Tempo Brasileiro, 1994.

SPALDING, Walter. **Pequena história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Sulina, 1967.

TAVARES, Mauro Dillmann. **Irmandades religiosas, devoção e ultramontanismo em Porto Alegre no bispado de Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2007.

TEDESCO, João Carlos; ROSSETTO, Valter. **Festas e saberes: artesanatos, genealogias e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo /RS: Méritos, 2007.

TEVES, Paulo; DIAS, Rita Machado. (Orgs.). **Construir culturas**. Açores, Portugal: Edição Presidência do Governo Regional dos Açores/ Direção Regional das Comunidades, 2008.



THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado**: História Oral. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra. 1998.

WEBER, R. **Fontes cruzadas**. IX Encontro Estadual de História, promovido pela ANPUH/RS e realizado em julho de 2008 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS. Disponível em:

<<http://www6.ufrgs.br/nph/arquivos/Regina%20Weber%20%20Fontes%20Cruzadas.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

## **ANEXOS**



Termo de arrendamento das terras da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos do século XIX

Terrenos da Irmandade de N. S. dos Anjos e S. S. apossados pela Intendencia Municipal. - Como foi resolvida esta questão

---

Quando souvi conta desta parochia achei que a Igreja de N. S. dos Anjos, a titulo da Irmandade de N. S. dos Anjos e S. S. possuia bastantes terrenos nos arredores desta Villa, apossados pela Intendencia Municipal. Achei num antigo livro de Tombo, todo em estado lastimoso, atirado num caixão, na casa do Sr. Antonio Dutra, (uma copia de escriptura que) - digo copia do Autor em que foi julgado por sentença o termo de permuta dos bens, que a Junta da Real Fazenda desta Capitania deu a esta Irmandade do S. Sacramento em recompensa de armazem que possuia em Porto Alegre aos 15 de Fevereiro de 1806. Com esta escriptura acompanhada de uma medição judicial pode identificar os terrenos. A Municipalidade ja tinha vendido os melhores pedaços, existindo apenas ainda um terreno a parthia da estrada do passo do Hilario estendendo-se ao longo da estrada de Porto Alegre ao passo do Barnabé, outro entre as estradas do Hilario, Estreito, Passo do Cavalho e

Fonte: livro de tombo I da Parochia de Gravatahy

Termo de mesa da Irmandade do Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora dos Anjos

Off.º Sr.º J.º Branda.º. Egul.º. Resid.º.  
 Afirmada suplicante avista da exigencia do Sr.º  
 Sr.º Promotor dos Residuos, tratando de assentar a  
 parte que lhe he porvir, junto o p.º em um es-  
 boço de mappa ou planta do terreno do q.  
 p.º de autoação para ser vendido. o mais a  
 ilar q.º grande f.ºs junto qual se continha o  
 comp.º de palmas de frente e fundo de todo el-  
 le, marcando a largura da f.ºza, e do Imperio  
 do Divino Espírito Santo, e das ruas q.º a onda  
 se divide, e sem assim as duas ruas q.º a otra  
 sepassão as quais a Camara Municipal a 4.  
 annos as marcou, sendo uma, a continuacao  
 da rua chamada do Imperio, e a outra q.º de  
 nomeou = Rua de Nossa Sen.ª, e com f.º a  
 Camara Municipal marcou tais ruas sem  
 q.º medisse a desproporcao e indenisa-  
 cao dos palmas de compr.º e largura del-  
 las ouzias, com tudo a f.ºza suplicante se-  
 nao o por a isso sendo q.º a abertura de tais  
 ruas d.ºs de facto das, m.º maiores val-  
 los a obras, terras, cujo ex.º em valores  
 m.º bem paga e paga o terreno sup.º com  
 as duas novas ruas, e a f.ºza sup.º q.º inter-  
 de responder de todo o terreno dividendo em palmas  
 p.º de m.º de f.ºza de conform.º com as  
 compradoras, reputando os maiores ou me-  
 thores conforme o seu merecimento, e p.º isso na  
 p.º de de clarar q.º terminos sao a f.ºza palmas  
 tem cada um, e do seu app.º e o taman-  
 ho de todo elle. E vid.º q.º se existim  
 duas casas em construcão em os quaes se morao  
 i.º em parte de f.ºza  
 e os pertencentes a os terrenos, que os m.º de f.ºza  
 p.º a f.ºza de f.ºza, que por compra, e um outro de  
 f.ºza de f.ºza de f.ºza, e os quaes não notados na  
 planta junta, e que a f.ºza sup.º comp.º  
 na f.ºza de f.ºza de f.ºza com tempo de f.ºza

Fonte: Arquivo Histórico da Cúria Metropolitana de Porto Alegre (AHCMPA) Cód. II-2.1 A. 7.2. Acervo do autor.

## Registro sobre aquisição de eletrola e auto-falantes - Registro no Livro de Tombo I

Eletrola e altoz falantes.

Em principios do anno de 1945 a igreja Matriz adquiriu pela quantia de 10.000.00 (dez mil e nenhuma) eletrola com 2 altoz falantes grandes e um menor. Estes dezpezos foram pagos pelo Sr. Festim de Azevedo dos Anjos Sr. José Brambilla, com as dobras da festa de que foi encarregado. A eletrola era acompanhada de 10 discos e grande quantidade de fios encaçados, para mais de 200 metros. Foi usada atima e muito serve as festividades da igreja.

Dozme de um fei e assino

Carnejo Pedro Tegner

Fonte: Livro Tombo I (1914, p. 48).

## Registro sobre aquisição de três sinos novos para a Igreja Matriz

Tres Sinos novos para a Igreja Matriz.

Os tres sinos novos, pesando cada um: 300, 300 e 400 Kilos, descarregados do caminhão, entraram na Igreja de Azevedo dos Anjos de Gravatahy, no dia vinte e tres de março de mil novecentos e cinquenta e seis (23/3/1956). Foram benditos por mim com autorização de Sua Ex<sup>cia</sup> Rev<sup>ma</sup> Sr. Arcelindo S. Vicente Scherer, que não pôde vir dar-nos esta honra e prazer. No dia 10 de Maio deste mesmo anno de 1956 foram erguidos e colocados no campanario da torre, tocando a primeira vez, no dia seguinte, quando principiamos as novenas em honra do Divino Espirito Santo.

Fonte: Livro toambo I da Parochia de Gravatahy (1956, p. 67).

## Inauguração do Salão Paroquial

Salão paroquial.

Por ocasião da festa do Divino Espírito Santo foi inaugurado o Salão Paroquial situado entre a Igreja e o jardim São Feliciano. O Sr. Antônio, da Rua Soares de Figueira foi a inspiração e a alma desta construção. O levantamento e o projeto que é bem conhecido de muita obra. Após alguns dias de ausência desta parte aqui, voltou a concluir esta e quis deixar algo que se apresentasse plantar, como um monumento, ao lado da Igreja, e por isso este edifício levantado em prol da cidade. O povo concorreu generosamente vendendo a festa de 250.000. O custo do solar até este ponto foi de 300.000. Já agora temos um lugar para as festas e reuniões sociais.

Fonte: Livro Tombo I da Paróquia de Gravatahy (1960, p. 82).

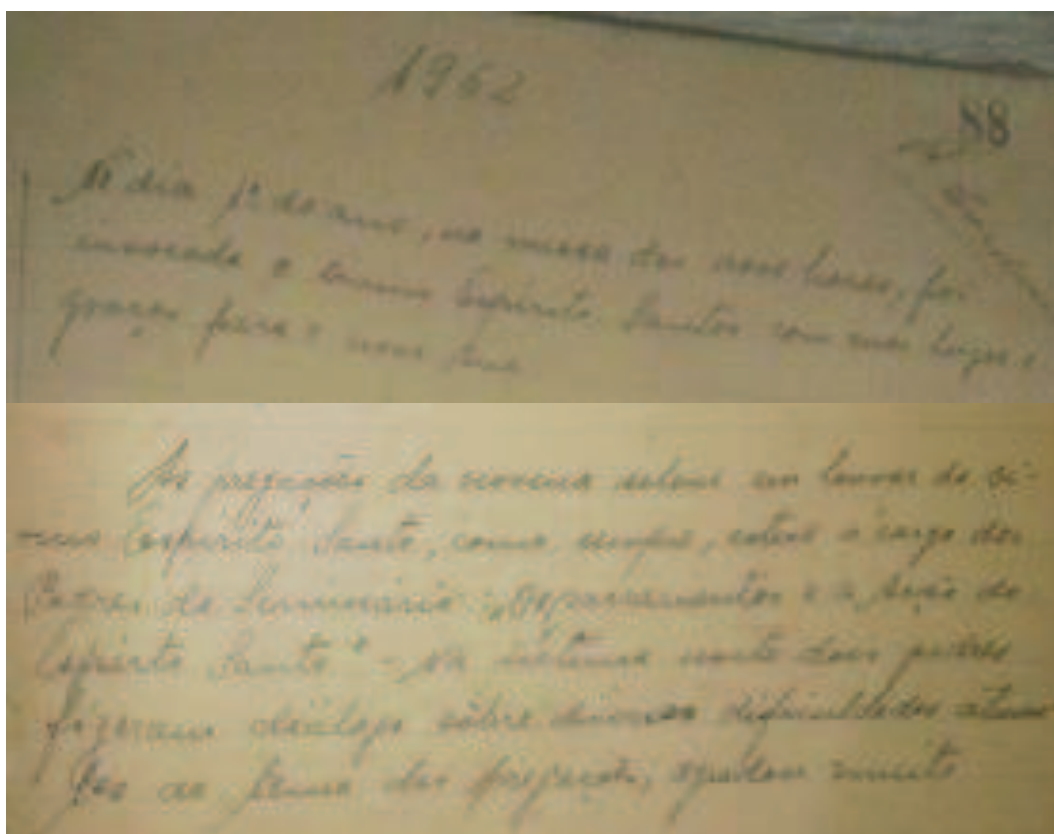
## Registro no Livro Tombo I (1961)

1961

Também neste ano a festa do Divino Espírito Santo foi precedida por novena solene, muito concorrida.

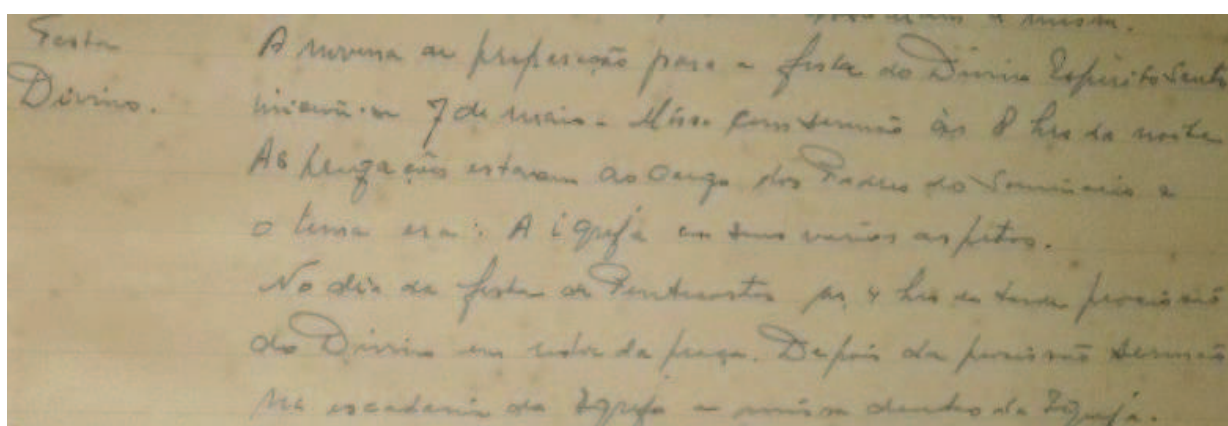
Fonte: Livro Tombo I (1961, p. 84).

## Registro no Livro Tombo I - Ano de 1962



Fonte: Livro Tombo I (1962, p. 88).

## Registro sobre a Festa do Divino no Livro de Tombo I - Ano 1964



Fonte: Livro Tombo I (1964, p. 93).



## Registro sobre a Festa do Divino no Livro de Tombo I - Ano de 1965

Na festa missa com o seguinte qual; logo em seguida café e hora de arte pelas alunas de Dom Feliciano. Boa assistência.

Conquistamos trazer para Gravataí curso de especialização industrial, de suma importância para o desenvolvimento da cidade. Este curso será supervisionado pelo SENAI e pago pela M.E.C.

Cursos para humanos: 40 inscrições.

1. Cálculo técnico de mecânica
2. Tecnologia mecânica
3. Leitura e interpretação de desenho de mecânica.

Fonte: Livro Tombo I (1965, p. 97).

## Registro sobre a Festa do Divino no Livro de Tombo II - Ano de 1966

Festa do Divino. Realizou-se a novena tradicional em preparação à festa do Divino. Durante os 6 primeiros dias houve missa com as orações da novena. Os últimos 3 dias missa com sermão - Mgr. Antônio Foulis de Porto Alegre. No último dia houve uma missa no Qito Maronito, a qual o povo assistiu com muito devoto.

Domingo de Pentecostes: Missa cantada pelo Coro do Seminário às 9.30 hrs e de tarde procissão em redor da praça às 16 hrs.

Fonte: Livro Tombo II (1966, p. 05).

## Registro sobre jantar americano no Livro de Tombo II - Ano de 1967

Jantar Americano. Durante toda a semana a assistência era muito grande assim como o número das Comissões.

Como novidade em Gravataí os festeiros do Divino emventaram organizar um jantar americano, um mês antes da festa de Pentecostes. De pessoas tomaram parte do jantar de confraternização. Todas gostaram. Rendeu R\$. 325.00.

Fonte: Livro Tombo II (1967, p. 8).



## Registro sobre a Festa do Divino Espírito Santo no Livro de Tombo II

Festa do Divino  
no Espírito  
Santo

A festa do Divino tradicional, nestas paróquias a quase duzentos anos, foi preparada com um repertório de missas, pregações e orações especiais, sendo assim, talvez as nossas festas que realizamos espiritualmente. Igualmente na festa material, não houve outra que a superasse.

Fonte: Livro Tombo II (1972, p. 23).

## Registro sobre o cancelamento das Festas no Livro de Tombo II - Ano 1973

Festas.

Não foi possível realizar a festa do Divino e tão pouco a do N.º Sr. da Conceição por ausência total e completa das comissões festivas nomeadas para isto.

Fonte: Livro Tombo II (1973, p. 27).

## Figura 1 - Livro Tombo II

2003.

Está sendo revitalizado, redescoberto a festa do Divino Espírito Santo. Há ótima aceitação na comunidade e em isso a devoção ao Espírito Santo está crescendo muito e esse é verdadeiramente o objetivo que se pretende alcançar na festa.

Fonte: Livro Tombo II (2003, p. 46).

## ANEXO B – ENTREVISTA

- Transcrição de entrevista/depoimento com: Lizete (Imperatriz do Divino Espírito Santo) e Oscar (Imperador do Divino Espírito Santo)
  - Entrevistador: Jairton Ortiz da Cruz
  - Entrevista iniciada aproximadamente às 15h
  - Local: Gravataí - Data: 26/08/2007.
  - Projeto de pesquisa: As festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul.

**Jairton:** Senhor Oscar, desde quando o senhor participa da festividade do Divino Espírito Santo?

**Oscar:** Eu sou devoto do Divino desde pequeninho, eu tenho a medalha, vou te mostrar aqui, que a minha mãe me deu há mais de cinquenta anos, a medalha do Divino.

**Oscar:** Em 2001, a Lizete era coordenadora do movimento de Concílio em (...) aqui em Gravataí, e foi chamada pelo pároco senhor Erineu, ah...perguntando se nós não poderíamos assumir a parte RELIGIOSA da Festa do Divino.

**Oscar:** São procissões não festejos em si. Então a Lizete e eu assumimos isso, foi feito várias reuniões com o pessoal do seminário de Gravataí.

**Oscar:** A FUNDARC [Fundação Municipal de Arte e Cultura] da prefeitura que sempre nos deu apoio, desde o início e o Monsenhor ajudou.

**Oscar:** Desde 2002, a gente está sempre envolvida nas festas. Desde então, e este ano nos coube a honra de iniciarmos como imperador e a imperatriz.

**Jairton:** Dona Lizete desde quando vem sendo realizada a festividade do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí?

**Lizete:** É... a festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí eu acho que se realizou desde que os açorianos vieram para cá, mas lá pela década de setenta essa festa parou e não se fez mais a festa. Dizem que por causa da festa da padroeira que era muito próxima, outros não se sabe bem o porque, não aconteceu mais a festa e ficou assim por mais de 30 anos sem que tivesse festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí e foi em 2002 que o Régis o presidente da casa dos Açores aqui do Rio Grande do Sul que aqui em Gravataí ele procurou o padre

Monsenhor Erineo para que::ver se a gente reativava essa festa e numa reunião das pastorais o padre tocou e perguntou quem gostaria de ...ou poderia fazer isso ai. Nós éramos coordenadores do movimento de Concílio da Cristandade e estávamos nessa reunião. Tivemos algumas reuniões em 2001. Em 2002 a gente realizou a primeira festa depois de 30 anos que estava parada e foi assim maravilhoso. A gente procurou as pessoas mais velhas para saber das festas. Eles lembravam né como é que acontecia o que era importante para eles e foi assim impressionante a alegria com que eles falavam da Festa do Divino e como que eles queriam que isso voltasse a acontecer.

**Jairton:** Dona Lizete a senhora poderia nos dizer dentro da festividade quais são os elementos que a festividade contempla?

**Lizete:** Eu falei anteriormente na bandeira que é muito importante. Assim é um símbolo religioso e outra coisa que tem é o bodo. É o oferecimento, ofertório de algumas coisas, uma comida para as pessoas carentes assim né, é tradicional nessas festas o pão e carne então eles distribuem o pão e carne, e aqui ah.. Eles chegam a ganhar quatro bois para distribuir, e lá nem é um lugar tão grande que tenha tanta gente ((risos)), lá em Santo Antônio da Patrulha por exemplo eles distribuem um sopão, mas fazem assim um sopão, para muita gente, não um sopão, lá em Criuva eles distribuem, fazem, faziam um queijo de mais de setenta quilos porque era para ser rifado para renderem lucro da festa, mas como a finalidade não é vender, mais dar né, eles este ano já fizeram diferente eles fizeram o queijo em vez de rifar eles distribuíram para as pessoas aqui nós já desde um ano nós fizemos o sopão. Depois da festa agente distribuiu um sopão lá na vila.

**Lizete:** Bem pobre que tem e a...no outro ano nós fizemos um como as pessoa que estavam envolvidas não tiveram tempo de preparar alguma coisa e fizeram um leite, doação de leite, para as comunidades carentes até foi bom, nós demos para a assistente social da igreja e elas distribuíram para as pessoas e... e o pão, ano passado fizemos o pão distribuimos o pão e este ano, ano passado nós fizemos uns pães grandes assim e distribuimos, agora esse ano fizemos pãezinhos pequenininhos para que mais pessoas pudessem receber os pãezinhos e nós participamos do congresso do Divino Espírito Santo internacional aqui em Porto Alegre que teve ano passado, foi muito bonito, veio gente ai de todo o Brasil. Dos Açores até de outros países e até nós que levamos aqui de Gravataí pães pãezinhos sovado e levamos lá na sala, no terminal da Santa Casa foi ali mesmo o

congresso e agente levou. O pessoal de Criúva cantou então a gente foi naquela ala. Então a gente cantou e rezou e distribuimos os pãezinhos bem, foi uma emoção para aquelas pessoas que estavam lá acompanhando os doentes, tinha vários doentes porque junto ainda tinha um ministro da eucaristia que abençoava as pessoas. Dava a benção e tchau e então uma das coisas importantes da Festa do Divino é o bodo que é oferecer é se a gente sabe que a igreja precisa que se arrecade fundos numa festa porque muita coisa nossa aqui tá precisando de uma reforma geral, restaurada para uma igreja linda maravilhosa como a nossa e está precisando de uma restauração urgente, mas agente sempre procura fazer alguma coisa que seja doação é uma das finalidades.

**Jairton:** Este congresso, dona Lizete, será realizado novamente em Porto Alegre ou ele tem outra cidade destinada?

**Lizete:** O próximo vai ser em Osório, é muito forte, também a sociedade açoriana a festa também que acontece lá é muito bonita e uma coisa linda que existe na festa do Divino é o intercâmbio que existe, a gente vai a Osório visitar. Nós vamos a Santo Antônio, Santo Antônio também vem aqui nós vamos, já foram eu não fui, outras pessoas foram a Criúva, Vila Velha e... É muito bonito, é muito bom ele cria assim uma amizade verdadeira e isso é importante né que o Espírito Santo está presente.

**Jairton:** Senhor Oscar como imperador, que momento da festa é mais importante?

**Oscar:** Começa com a preparação, já é uma coisa maravilhosa. A gente se reúne assim uns dois meses antes para acertar todas as festividades a parte litúrgica, a parte religiosa, procissão etc. Claro que a parte fulminante é a parte que a gente é coroado. No dia que encerra a festa é no dia da missa de encerramento que nós somos coroados imperador e imperatriz.

**Jairton:** E como é essa coroação? Como é o ritual?

**Oscar:** O ritual é feito antes do encerramento da missa. Os celebrantes mais os auxiliares e outros padres, tínhamos que ter três padres, mas três padres e eles fazem então a comunidade, então e é coroado e depois é anunciado o próximo imperador.

**Jairton:** Dona Lizete como que funciona o processo de eleição de imperados e imperatriz do Divino Espírito Santo?

**Lizete:** É assim, sempre a gente procura colocar na comissão festeira do Divino Espírito Santo algumas pessoas, alguns casais que já vem participando das festas, pra que não haja uma continuidade e sempre se convida como imperador ou imperatriz um casal que já tenha participado como festeiro ou como guardião da bandeira, como capitão do mastro, como alguém que já fez parte da comissão festeira. São levados sempre alguns nomes para o padre. Aqui no caso para o monsenhor Erineu pra que ele opine. E sempre procura assim ó os festeiros e o imperador daquele ano, se chegar a um consenso, de quem a gente vai convidar nem sempre as pessoas aceitam, porque ficam com medo, porque tem que falar, e é bobagem, porque a gente tá numa comunidade, uma família. Então a coisa tem que acontecer com naturalidade, com simplicidade, porque é isso que as pessoas gostam. Se for falar, você é mesmo um imperador ou imperatriz; ninguém vai tá te ouvindo. E é assim que se escolhe pessoas que participam da festa ou que já participaram como festeiros ou algum outro cargo dentro da comissão.

**Jairton:** Senhor Oscar, o senhor observa engajamento da comunidade dentro da festividade, assim ao longo do ano ou somente naquele período da comemoração?

**Oscar:** Sim, a festa deixa marca. A gente que participa como guardião da bandeira quer participar o outro ano, não se quer sair nunca da comissão e isso é geral né, a visita das bandeiras nas casas é emocionante, tem gente que chora, ajoelha reza então a marca... É marcante a festa do Divino pra comunidade aqui de Gravataí.

**Jairton:** Dona Lizete, a senhora vê a comunidade escolar engajada dentro da festividade do Divino Espírito Santo, ou seja, as escolas participam dessa tradição religiosa?

**Lizete:** INFELIZMENTE não!! Um dos nossos objetivos este ano é a gente levar a Festa do Divino Espírito Santo nas escolas, como cultura e não como religião, mas acontece que quer queira quer não queira o Divino Espírito Santo quem está fazendo esta festa é a Igreja Católica, e não é permitido pelo que nos consta, que se leve. Trate assim do assunto especificamente de uma religião, porque daí eles teriam que permitir que todas as outras religiões também fossem divulgar as suas coisas dentro da escola.

**Jairton:** Senhor Oscar a festividade do Divino Espírito Santo tem ou teve alguma importância na vida do senhor?

**Oscar:** Muita importância, minha madrinha de batismo era muito católica. Inclusive a bandeira que existe hoje, a mais antiga e foi doada por ela, era uma pessoa de posses. Era uma das pessoas mais ricas aqui da cidade. Então na Festa do Divino era o auge, era a coisa mais importante que tinha naquela época. Eu era menino e ela chegava aqui, uns dois meses antes da festa. Ela mandava me chamar. Eu chegava e ela dizia “Está aqui meu afilhado a roupa para você fazer na Festa do Divino” Então aquilo...isso me marca até hoje.

**Jairton:** Dona Lizete, qual é a importância do Divino Espírito Santo na sua vida?

**Lizete:** Eu acredito na força do Divino Espírito Santo na minha vida em muitos momentos. Foi para resolver alguma coisa muito importante, tomar uma decisão séria, foi sempre depois de uma oração profunda, pedindo para que o Espírito Santo iluminasse. Assim, o que fazer e como fazer as coisas. Então eu acho sim, o Divino Espírito Santo está presente. A gente é que tem que se abrir e pedir e deixar ele agir na vida da gente. Muitas vezes, assim, eu nunca me esqueço de uma vez aqui que a Nossa Senhora de Fátima, aquela peregrina imagem divina, iria passar aqui em Gravataí. Tinham me chamado para ajudar e eu disse assim “Eu vou pegar o meu netinho e a senhora que cuida dele e nós vamos lá só para participar dessa passagem da Nossa Senhora” e fomos, um dia quente... Quente, um sol forte e nós fomos e ficamos embaixo daquela árvore, ali da praça, na frente da igreja e ai começou a demorar um pouquinho. Daí veio uma amiga minha, a Inês, que trabalha aqui na igreja e disse: “Ô Lizete, vai demorar para a imagem de Nossa Senhora chegar e a gente não preparou muita coisa, vamos lá, nos ajuda!”. Eu disse “Vamos”, nunca me nego, aí fomos para lá. A gente vai ler um trequinho do evangelho e o padre vai falar alguma coisa e a gente vai rezar e cantar e tal ... eu disse “ Tá...tá bom”. A irmã Cleci que agora mora lá em Brasília e que era aqui da congregação do Sagrado Coração de Maria, disse “Dona Lizete faça a leitura” era do nascimento de Jesus da iniciação. Eu fiz a leitura, mas eu estava lendo aquilo e vinha na minha cabeça assim quanta coisa que a gente poderia dizer sobre aquilo dali, mas era o padre que iria dizer. Eu terminei de ler ((risos)) e a irmã Cleci falou “Fala padre Neco e ele não estava preparado e não quis nem falar e eu disse: Tá eu falo, eu sei de tudo que é para dizer. Eu falei ((risos)) , usava naquela época óculos, só para perto e ia penduradinho. Então eu tirava e colocava e ai eu falando. Nós temos que cantar isso, tem que cantar aquilo



e vinha na minha mente. E quando terminou a Nossa Senhora passou deu a bênção e tudo. Quando terminou tudo a irmã Cleci me olhou e falou “Dona Lizete eu não acredito, eu nunca vi o Espírito Santo agir em uma pessoa como ele agiu na senhora hoje”.

**Jairton:** Senhor Oscar, dentro da festividade do Divino Espírito Santo existem alguns pesquisadores ou universidades em busca da festividade para documentar? O senhor tem visto isso?

**Oscar:** Graças a Deus tu apareceste, tu és o primeiro. Pessoa assim ligada a alguma faculdade, a La Salle que vem pesquisar procurar saber, como que é a festa do Divino que eu tenho conhecimento é a La Salle.

**Jairton:** E a senhora Dona Lizete?

**Lizete:** Aqui a gente sabe que a Célia Jachemet ela fez um livro. Ela defendeu a tese dela sobre as festas do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí, Santo Antônio e Osório e Glorinha. Ela fez um livro inclusive sobre isso aí, é a única coisa que eu sei, mas acredito até que alguém mais esteja interessado, mas eu só sei disso aí.

- Transcrição de entrevista/depoimento com: Dona Carla Marques Gomes e o Senhor Régis Albino Marques Gomes
- Entrevistador: Jairton Ortiz da Cruz / Entrevista iniciada aproximadamente às 16h.
- Local: Gravataí - CAERGS (Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul) - Data:14/10/2007
- Projeto de pesquisa: As festas de origem açorianas no Rio Grande do Sul.

**Jairton:** Dona Carla, a festividade dos açorianos no Rio Grande do Sul tem início quando? A senhora tem algum relato alguma evidência do fato?

**Carla:** Aqui no Rio Grande do Sul, olha isso eu não saberia dizer. Isso eu até acredito que a historiadora, dona Vera Barroso, ou então a dona Célia, que são pessoas que fizeram todo um resgate sobre a festa, poderiam ajudar com mais precisão. Com relação a esse início da festividade aqui no Rio Grande do Sul, no entanto, o que eu sei é que aqui em Gravataí ela estava parada já faz muitos anos

e a Casa dos Açores, juntamente com a Paróquia Nossa Senhora dos Anjos, teve essa intuição de resgatar a Festa do Divino Espírito Santo, por coincidência os primeiros mordomos da festa, quando fizemos de novo o início, fui eu e o meu marido, o Régis Albino, então nós fomos os mordomos dessa festa e agora então nós temos que trabalhar junto de uma comissão até pra gente estar fazendo um grupo. Que a gente chama junto com o imperador e está criando um estatuto dando todo um documentário que possa ficar... pro senhor estar sempre fazendo a festa do Divino, então isso é que eu tenho acompanhado mais diretamente no Rio Grande do Sul.

**Jairton:** Nos açores a senhora participa da festividade desde a infância?

**Carla:** Sim, conforme eu estava te dizendo a festa do Divino Espírito Santo para os açorianos está no sangue, a gente já nasce com essa divindade na...com esse intuito dessa crença no Divino Espírito Santo. Os meus pais nunca fizeram assim parte de uma comissão festeira, mas toda a comunidade participava... Participava então automaticamente, eu ajudava nos cortejos da festa aqui no domingo do Espírito Santo, a gente faz a procissão que nós chamamos aonde a gente leve a cruz do Espírito Santo, participava também antes da festa na semana anterior a gente fazia...rezava o terço, então a gente ia para a capela do Espírito Santo que era um império que nós tínhamos lá em todas as freguesias, em todas as comunidades e eu...muitos jovens brincam, mas depois o intuito também é rezar ha...para o Espírito Santo, e essa era a minha forma de participação claro que em cada ilha se comemora de diferentes maneiras tá, então não é que a festividade seja igual em todas as ilhas, não, cada ilha tem, a sua peculiaridade a sua diferença, mas todos com a mesma devoção.

**Jairton:** Dona Carla existe alguma diferença entre a Festa do Divino nos Açores e aqui em Gravataí?

**Carla:** Sim, é normal que exista até porque quando os açorianos vieram para cá eles tiveram que se acostumar às características do Rio Grande do Sul e isso a gente consegue verificar não só nesta, mas também nas atitudes a nível do vestuário, arquitetura, gastronomia, etc...Mas lá qual seria a maior diferenciação que eu poderia te dizer... lá a festa é liderada pelo que a gente chama aqui, pelos mordomos vocês chamam de imperador e lá é assim, quem banca toda a festa é o casal, porque, porque que normalmente tem um casal que é imperador ou no caso é mordomo, pode ser um casal ou irmãos não necessariamente tem que ser um

casal às vezes até pode ser uma família porque é... uma forma de agradecer ao Divino Espírito Santo por alguma coisa que aconteceu. Então a gente faz uma promessa ou é um ente querido que está doente ou é alguma conquista que quer buscar, tu faz uma promessa e em troca desse benefício que o Espírito Santo nos deu, a gente faz uma festa. Então para a comunidade, tudo é assim, de graça, desde a comida que se come a carne que vai se dar. Os imperadores ou mordomos no começo do ano já fazem, no caso o gado, o porco, já fazem a compra de alguma coisa para fazer o pão que no caso é a particularidade depois da missa, doar pão que é benzido. Praticamente se faz em casa dando carne para algumas famílias que estão mais necessitadas. Isso é a diferença que eu vejo assim como a coroa do Espírito Santo se acredita que um mês anterior, agora eu não saberia te dar com precisão da resposta para essa informação ela vai de casa em casa para abençoar aquela família. O orador vai naquela casa e aquela casa fica um ou dois dias com aquela coroa. Então a família se reúne e reza e também no final aquela família faz uma pequena doação para a festa para ajudar contribuir com a festa e para agradecer ao Divino. Isso é o que eu vejo de diferenciação, aqui tem muita essa questão das bandeiras as bandeiras vão de casa em casa, lá não é a bandeira, lá é a coroa, mas eu acho que o que importa é o louvor é acreditar. Essa como é que eu poderia dizer é agora me faltou palavra, mas o que importa é o louvor ao Divino Espírito Santo é acreditar que ele está no meio de nós e louvar. Eu acho que é isso porque pela diferença a gente acaba se unindo com suas diferenciações, mas todos com o mesmo foco e com o mesmo propósito.

**Jairton:** Dona Carla, a senhora já foi agraciada pelo Divino Espírito Santo com uma prece, algum desejo concedido por ele?

**Carla:** Olha, eu não fiz assim um desejo para ele porque eu sou devota a Nossa Senhora de Fátima. A essa eu sou muito devota e é claro ao Divino Espírito Santo. A Nossa Senhora de Fátima já me socorreu uma ou duas vezes. O Divino eu espero assim uma coisa que tenha mais emoção, eu acredito que ele vai certamente me louvar.

**Jairton:** Senhor Régis em que momento se dá sua participação diante da festividade do Divino Espírito Santo?

**Régis:** Bem...se falarmos em Gravataí. Nós resgatamos a festa aqui uma idéia nossa, enquanto se comemorava os 250 anos dos açores aqui no Rio Grande do Sul a gente pensou em resgatar várias atividades que se faziam no tempo de

festas populares, festas religiosas, enfim, resgatar tudo que tinha em questão. A festa açoriana simboliza a religião dos açorianos em comemoração aos 250 anos e como a festa do Divino Espírito Santo é a maior marca açoriana que se pode ter com toda a influência que os Açores tem na divulgação e na continuidade das festas que são muito fortes nos Açores. Que depois com as comunidades dos locais que continuam, a gente resolveu reativar a Festa do Divino até que agora ela está fazendo 33 anos que não acontecia, então foi uma iniciativa nossa juntamente com o professor Getúlio, diretor do museu aqui de Gravataí. Nós procuramos a paróquia, pedimos apoio ao diretor da Fundarc ah... o seminário de São José e a partir daí então começou a resgatar como que era feita, o que tinha na história. A partir de então a gente retomou a festa do Divino Espírito Santo aqui em Gravataí na condição de presidente da Casa dos Açores no Estado do Rio Grande do Sul, a gente tem nessa mesma linha tentado ah... Resgatar algumas outras festas em outras cidades como também na cidade que ainda continuo e a gente tem nossa participação. Também estar sabendo bastante em questão açoriana tentando resgatar as partes históricas da festa para que a gente não vá perdendo aquilo que iniciou as festas da gente aqui no Rio Grande do Sul.

**Jairton:** Há um estudo, uma pesquisa referente à comunidade, sobre o conhecimento dessa sua história local, ou seja, a festividade do Divino como um pertencente a história local de Gravataí?

**Régis:** Esse é um outro problema que a gente enfrenta e as pessoas mais velhas tem essa ligação, mas infelizmente os jovens, os próprios adultos que não vivenciaram isso, não procuram entender ou não procuram, pesquisar sobre como era. O pessoal hoje em dia, isso não é uma característica aqui de Gravataí, mas eu acho que do modo geral as pessoas não valorizam a sua história. Estão aqui, mas nunca se preocuparam que passaram outros por aqui, seus ancestrais, seus avós e pais tinham uma outra vida aqui. Tinham seus valores e isso é muitas vezes esquecido e as pessoas hoje em dia talvez pelo corre...corre as pessoas tenham dificuldade de ...enfim das mais diversas. Todas as pessoas não valorizam e não param para pensar um pouco nessa questão. Então a gente não tem ainda esse conhecimento, não tem ainda a participação da comunidade, não há um sabedor do que essa festa influenciou, no que esta festa serviu, nessas comunidades.

**Jairton:** A comunidade acadêmica têm se interessado em trabalhar sobre a festividade do Divino Espírito Santo, além do Centro Universitário La Salle?

**Régis:** Sim, a gente tem recebido aqui na nossa casa que, ainda, não está em funcionamento porque nós estamos restaurando uma sede. Nós estamos inaugurando agora em dezembro, mas mesmo nesse período a gente tem sido procurado por universidades do Rio Grande do Sul. Por escolas que se preocupam com o resgate da Festa do Divino e eu acho que isso se deve também ao trabalho que a gente vem realizando em várias cidades de resgate, muitas cidades já voltaram a fazer a Festa do Divino. A festa do Divino o valor que os açorianos tiveram para que esse culto continuasse, então acho que há esse despertar. Essa questão no meio universitário e também, ainda, muito pouco, mas já tem também algumas escolas trabalhando essa questão do Divino Espírito Santo.

**Jairton:** Senhor Régis, haverá algum espaço em especial para o Divino Espírito Santo na Casa dos Açores?

**Régis:** Sim, com certeza o Divino Espírito Santo já está com um cantinho ali reservado, um altar aonde a gente vai ter o Divino Espírito Santo e bem como a nossa biblioteca que terá uma bibliografia que a gente espera, já temos alguns livros, mas ainda estamos há procura de outros. Também para que a questão açoriana no que se refere ao Divino Espírito Santo, esteja aqui bastante divulgada e que tenha livros para que o pessoal possa pesquisar.

**Jairton:** Senhor Régis, qual a mensagem que o senhor deixa para a comunidade acadêmica que pesquisa a festividade do Divino Espírito Santo para que procurem estudar mais ou para que procurem saber sobre a própria história dos Açores, aqui no Estado, especialmente em Gravataí?

**Régis:** É, a mensagem que eu vou deixar é a seguinte: que os açorianos foram os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul e o açoriano trouxe a sua marca trouxe a sua cultura para o Estado e embora a gente tenha hoje uma representação italiana e alemã muito mais latente, muito mais presente em condição que eles vieram em épocas diferentes cento e poucos anos depois que os açorianos estavam aqui. A base da nossa formação, a base da nossa cultura é açoriana, a nossa língua é o português e temos na formação açoriana do estado mais de dez setores na arquitetura, na gastronomia, nas brincadeiras infantis, no folclore, na formação de família e principalmente na religiosidade, essa grande marca açoriana, a Festa do Divino Espírito Santo, que podemos dizer que é uma marca açoriana. Tem hoje no mundo todo e não é uma questão só aqui do Rio Grande do Sul, mas o mundo todo. É muito importante porque quase todas as

idades do Rio Grande do Sul teve essa Festa do Divino. Depois a igreja pelas reformas que ela teve, por outros caminhos que ela tomou de valorizar mais o padroeiro do que a Festa do Divino. O Divino Espírito Santo é algo que se dá, se doa para a população, é algo fisgado. O padroeiro na verdade, as festas, o dinheiro arrecadado vai para a melhoria nas paróquias, na igreja e houve essa mudança, mas é uma questão política da igreja, mas o importante é que o Divino Espírito Santo é o sentido de doar, o sentido de ajudar o próximo e esse sentido que o açoriano nos trouxe é que a gente procura valorizar. Então é bastante interessante que dentro do meio acadêmico que se procura estudar sobre o Divino Espírito Santo, que se procure valorizar o sentido da Festa do Divino Espírito Santo, porque o sentido dela vai muito além dos sentidos religiosos é uma festa aonde o fazer o bem, no sentido de irmandade, que todos somos irmãos é que é o sentido da Festa do Divino. Nesse sentido, nesse ângulo de visão é que a gente trabalha para que seja resgatada a festa nessas cidades que se parou. Para que seja valorizado esse sentido de irmandade, esse sentido de amizade, de ajudar o próximo é o que a gente prega. Nessa retomada das festas então a minha mensagem, a mensagem que deixo é justamente essa: "Pesquise e veja o verdadeiro sentido da festa".